

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Mariana Cardozo Batista de Oliveira

Autoritarismo, classe e juventude: sociologia política de alunos do ensino médio de
Juiz de Fora-MG

Juiz de Fora

2019

Mariana Cardozo Batista de Oliveira

Autoritarismo, classe e juventude: sociologia política de alunos do ensino médio de
Juiz de Fora-MG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção de título de Mestra em Ciências Sociais. Área de concentração: cultura, poder e instituições.

Orientador: Prof. Dr. Dmitri Cerboncini Fernandes

Juiz de Fora

2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Oliveira, Mariana Cardozo Batista de .

Autoritarismo, classe e juventude : sociologia política de alunos do ensino médio de Juiz de Fora-MG / Mariana Cardozo Batista de Oliveira. -- 2019.

137 f. : il.

Orientador: Dmitri Cerboncini Fernandes

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, 2019.

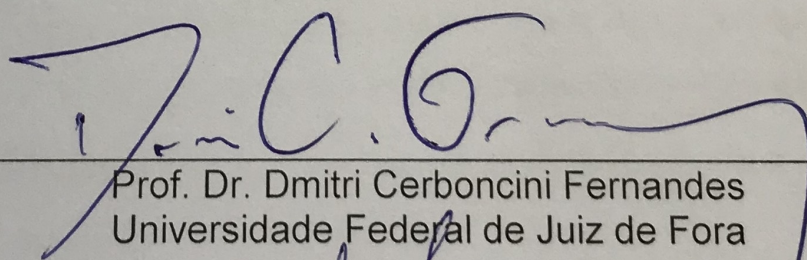
1. Autoritarismo. 2. Classe. 3. Juventude. 4. Sociologia Política. 5. "Nova Direita". I. Fernandes, Dmitri Cerboncini, orient. II. Título.

MARIANA CARDOZO BATISTA DE OLIVEIRA

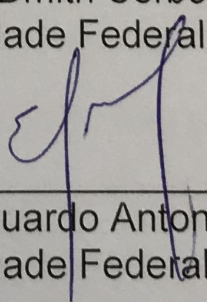
AUTORITARISMO, CLASSE E JUVENTUDE: SOCIOLOGIA POLÍTICA
DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DE JUIZ DE FORA-MG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestra em Ciências Sociais.

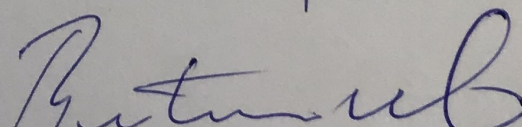
Dissertação defendida e aprovada em 03 de setembro de 2019.



Prof. Dr. Dmitri Cerboncini Fernandes
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dr. Eduardo Antonio Salomão Condé
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dr. Edison Ricardo Emiliano Bertencelo
Universidade de São Paulo

Dedico este trabalho aos meus pais, em
agradecimento por todo o acesso aos estudos
que puderam me proporcionar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCSO) da UFJF, que me permitiu conhecer a Sociologia de modo mais aprofundado, me mostrando qual é a minha verdadeira vocação.

Aos meus pais, pelo apoio e compreensão incondicionais durante todo o processo do mestrado.

Ao meu orientador, Dmitri Cerboncini Fernandes, pelos estímulos e contribuições fundamentais sem os quais essa dissertação não seria possível, por todas as oportunidades acadêmicas que me proporcionou e pela amizade que construímos.

A todos os amigos que fiz no PPGCSO, principalmente ao Victor, à Ana Luiza e à Ana Lívia, por todos os momentos compartilhados.

Aos colegas do Núcleo de Pesquisa Preconceito, Autoritarismo e Ideologia (NUPPAI) da UFJF, pelas discussões sempre proveitosas.

Aos professores da UFJF, Alexandre Zanini e João Dulci, que me ajudaram com as análises estatísticas realizadas com o auxílio do SPSS.

A todos os estudantes participantes da pesquisa, que aceitaram de bom grado responder aos questionários.

Às escolas e aos professores de sociologia que me receberam de forma tão generosa, e a minha amiga, Camila Rios, que também me abriu portas para a realização da pesquisa.

À Universidade Federal de Juiz de Fora, instituição da qual sou aluna há 10 anos e pela qual nutro profunda admiração.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por ter possibilitado a minha pesquisa e a conclusão do mestrado.

“As noções de espaço social, de espaço simbólico ou de classe social nunca são examinadas em si mesmas e por si mesmas. Ao contrário, são colocadas para funcionar e para serem testadas numa investigação que é, inseparavelmente, empírica e teórica”.

(Pierre Bourdieu)

RESUMO

Nessa dissertação, objetivo explicitar a relação entre juventude e conservadorismo/autoritarismo no Brasil. Para tanto, foram aplicados questionários em estudantes do ensino médio de quatro escolas de Juiz de Fora-MG, no intento de verificar a correlação entre determinados atributos de classe e a manifestação do autoritarismo. Seguindo pistas de uma sociologia política embasada, sobretudo, nos achados de Pierre Bourdieu e em sua teoria das classes sociais, defendo a hipótese de que os capitais (econômico, cultural e social) acumulados pelos indivíduos estudados, na medida em que se apresentem em maior ou menor grau, possuem uma relação direta com o fato de eles revelarem ou não tendências a adotar posições autoritárias, conservadoras ou reacionárias.

Palavras-chave: Autoritarismo; Conservadorismo; Classe; Juventude; “Nova Direita”; Sociologia Política; espaço social; análise de correspondências múltiplas.

ABSTRACT

In this dissertation, I aim to expose the relation between youthfulness and conservatism/authoritarianism in Brazil. For this, high school students from four schools in Juiz de Fora-MG were submitted to questionnaires, intending to explore the correlation between certain social class attributes and the manifestation of authoritarianism. Following clues of a political sociology based mainly on the findings of Pierre Bourdieu and his theory of social classes, I defend the hypothesis that the capital (financial, cultural and social) accrued by the individuals in the study, according to how it is presented in higher or lesser degrees, has a direct relation with the fact of revealing or not tendencies to adopt authoritarian, conservative or reactionary positions.

Keywords: Authoritarianism; Conservatism; Class; Youthfulness; "New Right"; Political Sociology; social space; multiple correspondence analysis.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Índice de Autoritarismo.....	24
Tabela 2 – Quantidade de Alunos Entrevistados por Escolas.....	28
Tabela 3 – Escolas x Sexo.....	29
Tabela 4 – Escolas x Cor.....	30
Tabela 5 – Escolas x Renda Familiar.....	31
Tabela 6 – Escolas x Escolaridade do Responsável de Sexo Feminino.....	32
Tabela 7 – Escolas x Escolaridade do Responsável de Sexo Masculino.....	33
Tabela 8 – Escolas x Profissão do Responsável de Sexo Feminino.....	35
Tabela 9 – Escolas x Profissão do Responsável de Sexo Masculino.....	36
Tabela 10 – Índice de Autoritarismo x Sexo.....	40
Tabela 11 – Índice de Autoritarismo x Cor.....	41
Tabela 12 – Índice de Autoritarismo x Renda Familiar.....	42
Tabela 13 – Índice de Autoritarismo x Escolaridade do Responsável de Sexo Feminino.....	43
Tabela 14 – Índice de Autoritarismo x Escolaridade do Responsável de Sexo Masculino.....	44
Tabela 15 – Índice de Autoritarismo x Profissão do Responsável de Sexo Feminino.....	46
Tabela 16 – Índice de Autoritarismo x Profissão do Responsável de Sexo Masculino.....	46
Tabela 17 – Índice de Autoritarismo x Escolas.....	48
Tabela 18 – Índice de Autoritarismo x Religião.....	49
Tabela 19 – Escolas x Religião.....	51
Tabela 20 – Índice de Autoritarismo x Candidatos à Presidência em 2018.....	52
Tabela 21 – Escolas x Candidatos à Presidência em 2018.....	54
Tabela 22 – Religião x Cor.....	102
Tabela 23 – Religião x Renda Familiar.....	103

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Espaço social das opiniões políticas e morais dos respondentes (Eixo 1)...	65
Gráfico 2 - Espaço social das opiniões políticas e morais dos respondentes (Eixo 2)...	68
Gráfico 3 – Cluster 1 (categorias ativas).....	71
Gráfico 4 – Cluster 1 (categorias suplementares).....	72
Gráfico 5 - Cluster 2 (categorias ativas).....	73
Gráfico 6 - Cluster 2 (categorias suplementares).....	74
Gráfico 7 - Cluster 3 (categorias ativas).....	76
Gráfico 8 - Cluster 3 (categorias suplementares).....	77
Gráfico 9 – Os clusters na nuvem de indivíduos.....	79

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA.....	11
1. CAMINHOS PERCORRIDOS NA ELABORAÇÃO DO INSTRUMENTO DE PESQUISA – APORTES TEÓRICOS E METODOLOGIA.....	17
1.1. Metodologia de análise de dados.....	23
2. APRESENTANDO O UNIVERSO PESQUISADO.....	28
2.1. A cidade.....	28
2.2. Caracterizando os respondentes em termos socioeconômicos	28
2.3. Apresentando as escolas pesquisadas.....	37
3. RESULTADOS DAS ANÁLISES BIVARIADAS COM O ÍNDICE DE AUTORITARISMO.....	40
3.1. Índice de Autoritarismo x Sexo.....	40
3.2. Índice de Autoritarismo x Cor.....	41
3.3. Índice de Autoritarismo x Renda Familiar.....	42
3.4. Índice de Autoritarismo x Escolaridade dos Responsáveis.....	43
3.5. Índice de Autoritarismo x Profissão dos Responsáveis.....	45
3.6. Índice de Autoritarismo x Escolas Participantes.....	47
3.7. Índice de Autoritarismo x Religião.....	49
3.7.1. Escolas Participantes x Religião.....	50
3.8. Índice de Autoritarismo x Candidatos à Presidência em 2018.....	52
3.8.1. Escolas Participantes x Candidatos à Presidência em 2018.....	54
4. RESULTADOS DAS ANÁLISES MULTIVARIADAS – ANÁLISES DE CORRESPONDÊNCIAS MÚLTIPLAS (ACM).....	56
4.1. O mapeamento do espaço social de opiniões políticas e morais dos respondentes e seu <i>habitus</i> de classe.....	59
4.1.1. Eixo 1 – Autoritários/Conservadores x Progressistas.....	64
4.1.2. Eixo 2 – Respondentes Ativos x Respondentes Passivos.....	68
4.2. Construções tipológicas ou análises de clusters.....	70
4.3. Interpretação do espaço social.....	80
4.3.1. As “não respostas”	83
4.3.2. As especificidades do universo pesquisado em mediação com outras pesquisas de mesmo embasamento teórico.....	85

4.3.3. Duas direitas – clusters 1 e 2.....	98
4.3.4. O fator religião.....	101
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
REFERÊNCIAS.....	113
APÊNDICE A - Questionário.....	118
APÊNDICE B - Tabela demonstrativa da variância explicada pelos eixos 1 e 2 pela Taxa Modificada de Benzécri (Gráficos 1 e 2).....	131
APÊNDICE C - Gráfico demonstrativo da variância explicada pelos eixos 1 e 2 pela Taxa Modificada de Benzécri (Gráficos 1 e 2).....	132
APÊNDICE D - Contribuição das variáveis ativas para a conformação dos eixos 1 e 2 (Gráficos 1 e 2).....	133
APÊNDICE E - Modalidades (ou categorias) ativas que contribuíram acima da média para a conformação do eixo 1 (Gráfico 1).....	134
APÊNDICE F - Modalidades (ou categorias) suplementares que são importantes para a caracterização do eixo 1 (Gráfico 1).....	135
APÊNDICE G - Modalidades (ou categorias) ativas que contribuíram acima da média para a conformação do eixo 2 (Gráfico 2).....	136
APÊNDICE H - Dendrograma de conformação dos clusters.....	137

INTRODUÇÃO – APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

A temática que será abordada no presente trabalho insere-se no campo da sociologia, tendo por interesse estudos que envolvam e relacionem autoritarismo, conservadorismo, classe social e juventudes.

É fato notório, quando se analisa a atual conjuntura política das sociedades ocidentais, o crescimento do autoritarismo e da intolerância em variados âmbitos sociais e correntes políticas, o que provocou a ascensão do que se tem chamado na academia de “nova direita”¹ ou ascensão conservadora. Trata-se, pois, de um fenômeno recente, em que uma onda conservadora, radical e marcadamente autoritária vem colonizando o debate e os espaços públicos, gerando uma onda de ódio e violência institucional que, perigosamente, galga a simpatia de setores cada vez mais amplos de nossa sociedade.

Neste cenário, conformado sobretudo a partir de crises econômicas cíclicas, a tolerância para com os adversários políticos e a disputa de valores canalizadas pelos meios institucionais, pilares das democracias liberais ocidentais, estão sendo erodidas em nome da construção imaginária de inimigos² que devem ser combatidos a todo custo (FERNANDES e VIEIRA, 2019).

Analisando-se especificamente os fenômenos eleitorais, o voto autoritário ou os avanços eleitorais da extrema direita em vários países ocidentais poderiam ser

¹ A partir dos movimentos sociais de 2013 no Brasil, vários vetores, como produções intelectuais e acadêmicas, mídia, instituições e a opinião pública em geral, estão sinalizando para o surgimento de uma “nova direita” no Brasil. Se antes, nos anos 1980/1990, se dizer de direita era algo mal visto e de cunho pejorativo, hodiernamente pode-se notar uma mudança nesse quadro, em que tal posicionamento se tornou motivo de orgulho e de defesa apaixonada para uma parcela da população. Antônio Flávio Pierucci, um dos teóricos pioneiros a conferir um olhar sociológico ao tema da adesão ao discurso da direita pelo eleitorado, já empregava, em estudos que realizou em São Paulo da década de 1980, a expressão “nova direita”, uma vez que tais manifestações estavam se dando logo após o final da ditadura militar (em um período de redemocratização), tendo buscado apreender o que ela significava naquele momento, quais pautas defendia, o que não estava presente em seu discurso, quem eram os seus principais apoiadores etc. Em um brevíssimo resumo, o autor conclui, como veremos mais adiante neste trabalho, que o direitista paulistano daquela época era eminentemente branco, pertencia a uma classe média baixa que, apesar de apresentar algumas posses econômicas, era desprovida de capital cultural e residia em bairros posicionados entre a periferia e o centro de São Paulo, localizados sobretudo nas zonas Norte e Leste da cidade, ou seja, distante das regiões que ofereciam serviços culturais (do outro lado da cidade); era uma direita estatista e moralista. Não se tratava, portanto, de fato, de uma “nova direita”, e sim de uma direita velha ou transformada. Pode-se dizer que o mesmo se sucede atualmente. A direita hoje identificada uma vez mais como “nova” continua trazendo elementos dessa “velha direita”, a despeito de modificações sociais e políticas que provocaram a adesão a discursos neoliberais (elemento praticamente ausente à época dos estudos de Pierucci) (FERNANDES e MESSEMBERG, 2018).

² “Dentro desta lógica que é pedagógica, ideológica e política, estamos dentro da órbita do pensamento conservador”. (FERNANDES, 1979, p. 28).

compreendidos como uma das manifestações atuais da questão do autoritarismo (NEUMANN, 2008). Nesse sentido, o fenômeno da ascensão conservadora³, expresso politicamente

por meio de vitórias eleitorais de representantes identificados à direita e à extrema direita, escora-se na imposição de receitas econômicas neoliberais articuladas, em termos culturais, com xenofobia, instigação de medos diversos, políticas repressivas e policiaescas, perdas de direitos trabalhistas, nacionalismos de ocasião e conservadorismos morais diversos. (DARDOT e LAVAL, 2016 *apud* FERNANDES e VIEIRA, 2019, p. 157).

Pensando especificamente no Brasil, consolidaram-se, aqui, nos últimos anos, forças sociais e políticas que vêm trabalhando a favor da contenção, da restrição e do retrocesso de alguns direitos garantidos após a redemocratização, a partir da Constituição de 1988 (ALMEIDA, 2017). No contexto das eleições que ocorreram no ano de 2018, permeadas por um quadro de crise e polarização política, constatei um fato específico que ainda carece de explicações sociológicas mais satisfatórias.

De acordo com pesquisas de opinião do Datafolha Instituto de Pesquisas (2017), realizadas pouco antes das eleições de 2018, a maioria dos eleitores que indicam voto em Jair Bolsonaro, candidato cujas pautas se inscrevem em um espectro de extrema-direita, são jovens (têm menos de 34 anos). Em outra pesquisa também da mesma época, publicada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2017) em parceria com o também Instituto Datafolha, pode-se notar que a faixa etária entre 16 e 24 anos apresentou um índice maior de propensão ao apoio a posições autoritárias em comparação às faixas entre 25 a 34 anos e 35 a 44 anos. Por fim, tem-se, ainda, o fato de o Movimento Brasil Livre (MBL), que também é representante desta “nova direita” brasileira e que vem ganhando cada vez mais projeção nacional, ter sua liderança composta principalmente por jovens, como Kim Kataguiri e Fernando Holiday. De acordo com as informações constantes de suas contas no *Facebook*, ambos possuem 23 anos (nasceram em 1996) e são coordenadores nacionais do MBL.

Desse modo, o objetivo geral da pesquisa é compreender por que uma parcela de jovens brasileiros vem apresentando cada vez mais tendências a adotar posições

³ Em relação ao conservadorismo, é importante destacar que não parto propriamente de definições *a priori* deste termo, mas o considero como uma categoria construída relacionalmente no embate político, que está significativamente pautada pelos meios de comunicação mais hegemônicos. (ALMEIDA, 2017).

autoritárias, conservadoras ou até mesmo reacionárias⁴ na atual conjuntura, bem como os mecanismos causais desse processo, e verificar se a classe social é uma variável importante na ocorrência de tal fenômeno, de maneira a explicitar a relação entre juventude e conservadorismo/autoritarismo dentro do universo estudado.

Há, portanto, a constatação de um problema que ainda carece de pesquisas empíricas e trabalhos acadêmicos que busquem compreendê-lo de maneira satisfatória, talvez por ser ainda bastante recente.

Os estudos realizados sobre autoritarismo⁵ no Brasil, até agora, o fizeram, de maneira geral, sob um viés político-institucional, privilegiando a análise conjuntural e

⁴ Mannheim (1982), ao traçar uma diferenciação/aproximação entre tradicionalismo e conservantismo, aponta que o primeiro indicaria uma forma de conservantismo natural (mais ou menos universal; praticamente sem história verificável), enquanto o segundo seria tipicamente moderno (produzido por circunstâncias históricas e sociais particulares). O tradicionalismo, portanto, se aproximaria mais de uma tendência à reação original a deliberados impulsos reformistas e ao apego a modos de vida antigos, sendo “uma característica psicológica formal de todas as mentes individuais” (p. 108). A ação conservadora, contudo, é sempre dependente de uma série de circunstâncias concretas, que possui uma configuração estrutural objetiva, dinâmica, particular, política e historicamente desenvolvida. O autor afirma, ainda, que “o comportamento tradicionalista é quase que exclusivamente reativo” (p. 111), o que poderia aproximar o conceito do reacionarismo. Nesse sentido, enquanto o tradicionalismo seria uma tendência inconsciente que o indivíduo abriga em si mesmo, o conservantismo seria necessariamente consciente e reflexivo desde o início, uma vez que pretende fazer oposição a um movimento dotado de uma organização sistematicamente desenvolvida, o movimento progressista. Entretanto, a despeito das diferenciações possíveis, Mannheim pondera que “o conservantismo assume uma forma histórica particular de tradicionalismo e a leva até sua conclusão lógica” (p. 111), de maneira que os conceitos se sobrepõem; o conservantismo seria o tradicionalismo tornado consciente. O autor indica, ainda, que a ênfase sobre o concreto em oposição ao abstrato, aliado a outros impulsos fundamentais como a natureza qualitativa, a aceitação da realidade em oposição ao desejo progressista de mudança, a substituição do indivíduo atômico e das unidades aglomerativas como as classes por unidades sociais orgânicas são as raízes do pensamento conservador. Por fim, Mannheim chama a atenção para o caráter relacional da formação de uma ideologia conservadora: “o conservantismo primeiro se torna consciente e reflexivo quando os outros modos de vida e pensamento aparecem em cena, contra os quais ele é compelido a tomar posição na batalha ideológica” (p. 132), como, por exemplo, o pensamento burguês-revolucionário e o pensamento baseado no direito natural. Em resumo, pode-se dizer que “[...] se o conservadorismo é uma disposição, o reacionarismo é mais propositivo: possui uma pauta mais característica, não se modula de acordo com cenários: volta-se para o passado, o que não ocorre, necessariamente, com o conservadorismo. Além disso, se o conservadorismo é defensivo, já que se propõe a ser cauteloso, o reacionarismo carrega um forte componente ofensivo, pois não deixa de ser uma forma de utopia: uma tentativa de alterar profundamente a realidade baseando-se em valores calcados no passado e nas tradições” (CARDOSO, 2015).

⁵ Trabalho, aqui, com a conceituação sociológica de Florestan Fernandes acerca do termo “autoritarismo”. Segundo o autor, o “autoritarismo” pode tanto designar uma variação normal (no sentido de uma ditadura técnica, em defesa da democracia) como pode se confundir com uma compulsão ou disposição universal de exacerbação da autoridade (de uma pessoa ou de um grupo, dentro da democracia ou fora dela), o que permite aplicar o termo em conexão com qualquer regime, em substituição ao conceito mais preciso de “ditadura”, e também como sinônimo de “totalitarismo”. Essas dimensões do conceito o tornam aberto e passível de ser tomado politicamente por qualquer grupo (FERNANDES, 1979). Adoto, contudo, no presente trabalho, a crítica de Florestan a respeito da democracia burguesa como sistema em que se mantém através de uma forte “[...] desigualdade econômica, social e cultural com uma alta monopolização do poder pelas classes possuidoras dominantes e por suas elites. A liberdade e a igualdade são meramente formais,

deixando de lado a análise sociológica. São também nesse sentido a maioria dos trabalhos que se dedicam a pensar a formação social do Brasil, os quais têm por foco o Estado, e não a sociedade civil, possuindo, além do mais, um caráter ensaístico, ou seja, não pautado em pesquisas científicas.

Nesse sentido, pude constatar, ao analisar as produções bibliográficas a respeito do tema no Brasil e no exterior, que suas abordagens, apesar de muitas vezes inovadoras, acabam por explicar de maneira insatisfatória o fenômeno, seja porque estão baseados apenas na primazia da sociopsicanálise, sem levar em consideração, de modo geral, aspectos mais sociológicos, como, por exemplo, o pertencimento de classe e a influência dos grupos sociais dos quais o agente participa ou aos quais se opõe ao longo de sua trajetória social (CROCHIK, 1996; ALTEMEYER, 1998 e NEUMANN, 2008), seja porque se utilizam apenas de explicações institucionalistas (MAYER e ROUX, 2004; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2017); seja porque explicam o fenômeno pelo próprio fenômeno ao tomarem como objeto estruturante da análise tão somente os discursos adotados pelos agentes que assumem um posicionamento autoritário/conservador (TATAGIBA et al, 2015; FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2017; MESSEMBERG, 2017; SOLANO, 2018; FUNDAÇÃO TIDE SETUBAL, 2019).

Estes trabalhos, ao deixarem de fazer uma análise mediada, historicizada e relacional do fenômeno, deixam escapar o essencial para a inteligibilidade das tomadas de posição dos agentes, que é o escrutínio da organização interna e das propriedades sociais dos mesmos, responsáveis pela disseminação do autoritarismo/conservadorismo (FERNANDES e VIEIRA, 2019). Deixam de buscar, portanto, as raízes sociológicas da conformação do fenômeno.

Ressalto que não estou aqui negligenciando a importância desse tipo de constatação. Contudo, acredito que estas análises, apesar de fundamentais *a priori*, não bastam por si só para uma suficiente explicação do fenômeno, o que me motivou a empreender a presente pesquisa.

Constatarei, portanto, que a sociologia, disciplina que poderia contribuir muito para a elucidação do fenômeno em tela, ainda não se debruçou de maneira sistemática sobre o

o que exige, na teoria e na prática, que o elemento autoritário seja intrinsecamente um componente estrutural e dinâmico da preservação, do fortalecimento e da expansão do ‘sistema democrático capitalista’’. (p. 7).

mesmo, não havendo mais justificativas para que isso não seja feito. Uma perspectiva sociológica, portanto, se revela premente (FERNANDES e MESSENERG, 2018).

Para empreender a pesquisa, apliquei 214 questionários em estudantes do ensino médio de quatro escolas de Juiz de Fora-MG (duas particulares e duas públicas estaduais), os quais, inspirados na metodologia adotada por Adorno *et al* na obra *A Personalidade Autoritária*, buscavam medir o nível socioeconômico, os hábitos de consumo cultural e as opiniões políticas e morais do universo estudado no intento de verificar a correlação entre determinados atributos de classe e a manifestação do autoritarismo. Seguindo pistas de uma sociologia política embasada, sobretudo, nos achados de Pierre Bourdieu no capítulo 8 de *A Distinção* e em sua teoria das classes sociais, defendo a hipótese de que os capitais (econômico, cultural e social) acumulados pelos indivíduos estudados, na medida em que se apresentem em maior ou menor grau, possuem uma relação direta com o fato de eles revelarem ou não tendências a adotar posições autoritárias, conservadoras ou reacionárias.

Pretendo, com a realização deste estudo, a partir de um recorte sociológico, contribuir para a reflexão e o debate acerca da relação entre juventude e autoritarismo no Brasil.

Em termos estruturais, o presente trabalho está organizado da seguinte forma: após a apresentação do problema na introdução, exponho, no capítulo 1, os caminhos percorridos para a elaboração do instrumento de pesquisa, a partir da exposição sobre os aportes teóricos que a orientaram e da metodologia utilizada para a análise dos dados coletados.

Em seguida, no capítulo 2, apresento o universo pesquisado, caracterizando os respondentes e as escolas participantes em termos socioeconômicos. Demonstro, dessa forma, a heterogeneidade do universo no que toca às propriedades sociais dos participantes da pesquisa, o que me permitiu realizar análises comparativas em termos de classes sociais.

No capítulo 3, passo a expor as análises bivariadas dos dados obtidos por meio da aplicação dos questionários, correlacionando as variáveis demográficas dos respondentes com a variável “índice de autoritarismo”, cujo procedimento detalhado de elaboração encontra-se no capítulo 1. Neste capítulo, encontro as primeiras conclusões que sinalizam no sentido de um *habitus* autoritário das classes populares, o que já indica que a classe

social, conceituada, aqui, em termos bourdieusianos, é um fator explicativo do fenômeno do autoritarismo dentro do universo pesquisado.

Após, no capítulo 4, realizo o mapeamento do espaço social das opiniões políticas e morais dos respondentes, através da técnica de análise de correspondências múltiplas (ACM), expondo as homologias e as oposições entre os indivíduos e suas propriedades sociais e opiniões reveladas por meio dos gráficos gerados pela ACM. Neste capítulo, corroboro os resultados encontrados no capítulo anterior e aprofundo as discussões teóricas que os embasam.

Por fim, nas considerações finais, retomo as principais conclusões obtidas com as duas técnicas de análises de dados (bivariadas e multivariadas), concluindo pela correlação direta entre o *habitus* de classe e a manifestação do autoritarismo dentro do universo pesquisado, além de explicitar a relevância das explicações sociológicas para o fenômeno diante da escassez de trabalhos no âmbito das ciências sociais brasileiras que adotam tal perspectiva.

1. CAMINHOS PERCORRIDOS NA ELABORAÇÃO DO INSTRUMENTO DE PESQUISA – APORTES TEÓRICOS E METODOLOGIA

Inspirando-me, sobretudo, na metodologia elaborada por Theodor W. Adorno *et al* na obra *A Personalidade Autoritária*, elaborei questionários que foram aplicados a 214 estudantes do ensino médio⁶ de quatro escolas de Juiz de Fora-MG (duas particulares e duas públicas estaduais – uma localizada no centro da cidade e outra na periferia)⁷, os quais buscavam medir a trajetória social dos participantes, seu nível socioeconômico, seus hábitos de consumo cultural e suas opiniões política e morais, no intento de verificar a correlação entre determinados atributos de classe e a manifestação do autoritarismo.

Os estudos sobre a Personalidade Autoritária empreendidos por Theodor W. Adorno e outros pesquisadores⁸, realizados nos Estados Unidos e publicados originalmente em 1950, foram motivados pelos acontecimentos históricos que envolveram a Europa no período que vai do começo da década de 1930 até o final da Segunda Grande Guerra, marcados pela influência de personalidades como a de Hitler e a de Mussolini na construção de sociedades autoritárias, e os desastres por elas causados.

Tais estudos se debruçaram sobre os traços fascistas que podiam ser observados, de maneira explícita ou velada, nas modernas sociedades democráticas, tal como a norte-americana, e que poderiam estar latentes em cidadãos comuns, aqueles não participantes de organizações fascistas. Em sua pesquisa, Adorno *et al* trabalharam com a hipótese principal de que as convicções econômicas, políticas e sociais de um indivíduo, com frequência, formam um padrão amplo e coerente, como se estivessem ligadas por uma “mentalidade” ou um “espírito”, e esse padrão é a expressão de tendências profundas de

⁶ Os estudantes selecionados para participar da pesquisa integravam, à época da coleta dos dados (entre setembro e outubro de 2018), o segundo ou terceiro ano do ensino médio. A opção por este recorte se deu em razão de que, a partir do segundo ano, a maioria dos alunos já possui 16 anos ou mais, idade em que já estão aptos a serem eleitores. Ademais, a ideia era também encontrar um público em formação que ainda guarda relações familiares estreitas. Como trata-se de pesquisa não amostral, o número final de 214 questionários justifica-se apenas em razão do número de estudantes que se dispuseram a participar durante o tempo de realização da mesma.

⁷ A opção por realizar a pesquisa em escolas se deu em razão de elas serem o melhor lugar para encontrar uma considerável quantidade de pessoas representantes do universo que eu desejava captar (jovens), de uma só vez, “dispostas e disciplinadas o suficiente para, num período curto de tempo, responderem a um questionário com questões abrangendo temas tidos por polêmicos e pessoais”. (RIBEIRO, 2016, p. 155). Ademais, escolhi duas escolas públicas e duas escolas particulares situadas em bairros de centro e periferia para trabalhar com alunos de variadas classes sociais.

⁸ Psicólogos clínicos e sociais da Universidade da Califórnia em Berkeley.

sua personalidade. Sua preocupação maior foi com o indivíduo potencialmente fascista, aquele cuja estrutura é capaz de torná-lo particularmente suscetível à propaganda antidemocrática (ADORNO, 2007).

Para empreender sua pesquisa e testar suas hipóteses, Adorno (2007) entendeu por bem realizar estudos de grupos conjuntamente a estudos com indivíduos, integrando ambos. Os indivíduos foram estudados através de técnicas clínicas especiais e entrevistas, de maneira a revelar seus desejos, medos e defesas latentes; os grupos foram estudados por meio de aplicação de questionários. Inicialmente, foram aplicados questionários anônimos a um grande grupo de estudantes universitários, os quais eram compostos por um bloco de questões factuais sobre a vida passada e presente do sujeito (a preferência e a prática religiosa, partidos políticos, profissão, salário etc.), e um bloco contendo enunciados de conteúdos antidemocráticos variados, a fim de obter avaliações quantitativas de certas tendências ideológicas, com quais o participante deveria manifestar o grau de seu acordo ou desacordo (como antissemitismo, etnocentrismo e conservadorismo político-econômico).

A partir das respostas a este questionário foi elaborada uma escala para mensurar as tendências antidemocráticas no seio da própria personalidade. Após, os indivíduos que se manifestaram mais de acordo com os enunciados, e, por contraste, também aqueles que demonstraram mais desacordo ou os mais neutros, foram estudados por meio de entrevistas e outras técnicas clínicas. Após essa primeira etapa, o questionário foi submetido a uma revisão e todo o procedimento descrito foi repetido. A entrevista foi utilizada, em parte, como uma forma de controle da validade do questionário, a fim de verificar se as pessoas que obtiveram as pontuações mais altas em termos de respostas antidemocráticas eram as mesmas que, frente a frente com um entrevistador, expressariam os mesmos sentimentos. Feito isso, o próximo passo foi traduzir essas manifestações em proposições para a reelaboração do questionário, o qual foi aplicado em um outro grupo de estudantes, a fim de encontrar indicações cada vez mais confiáveis sobre as forças centrais da personalidade e a relação destas com expressões antidemocráticas (ADORNO, 2007).

É importante ressaltar que Adorno fez um estudo psicossocial para explicar posicionamentos autoritários de direita, tendo focado em algo interno ao sujeito, em sua estrutura de personalidade, em seus aspectos psicológicos. Não ignoro a importância

desse tipo de estudo, tendo me utilizado do modelo criado pelo autor para elaborar os instrumentos de pesquisa. Contudo, acredito que, para uma melhor compreensão do fenômeno objeto do presente estudo, é necessária, ainda, a contribuição de uma teoria de cunho sociológico, motivo pelo qual trabalho, também, com os estudos de Pierre Bourdieu, notadamente no capítulo 8 da obra *A Distinção: crítica social do julgamento*, e sua teoria das classes sociais⁹.

A intenção é confrontar teorias psicanalíticas com teorias sociológicas, pois entendemos que nem uma nem outra consegue explicar, por si só, o fenômeno do autoritarismo, ultrapassando-se, assim, a dicotomia clássica entre “indivíduo” e “sociedade”.

Enquanto Adorno trabalha com o conceito de *estrutura de personalidade*, Bourdieu trabalha com a noção de *habitus* para explicar a posição, a disposição e a tomada de posição dos agentes dentro da estrutura social.

Segundo Bourdieu (2015), os pontos de vista dos agentes, dentro do espaço social, dependem da posição aí ocupada por eles, e se referem a sua vontade de conservá-lo ou de transformá-lo.

Essas construções não são efetuadas em um vácuo social, como alguns etnometodologistas parecem acreditar: a posição ocupada no espaço social – isto é, na estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital, que são também armas – governa as representações desse espaço e as atitudes adotadas nas lutas para conservá-lo ou transformá-lo. (BOURDIEU, 1994 *apud* WACQUANT, 2013, p.91).

A construção do *habitus* é, então, uma fórmula geradora que permite relacionar as características pertencentes às condições econômica e social dos agentes (o volume e a estrutura do capital) e os traços distintivos relacionados à posição ocupada por eles no espaço dos estilos de vida; é, ainda, uma necessidade incorporada (de maneira inconsciente), convertida em disposição geral e operadora de práticas sistemáticas, por ser o produto da aplicação de esquemas idênticos e, ao mesmo tempo, diferentes das práticas características de outros estilos de vida. Percebe-se, portanto, que distintas condições de existência produzem *habitus* distintos (BOURDIEU, 2015).

⁹ “Bourdieu combina o materialismo sensível de Marx, os ensinamentos de Durkheim sobre classificação (...) e as análises de Weber das hierarquias de honra em um modelo sociológico próprio de classe”. (WACQUANT, 2013, p. 106).

Vinculado à noção de *habitus*, outro componente importante para a compreensão da teoria bourdieusiana é a noção de *classe* ou *fração de classe*. Uma classe ou uma fração de classe não é caracterizada unicamente pela posição dos agentes que a ela pertencem nas relações de produção (por profissão, renda ou nível de instrução), mas também pela proporção entre o número de homens e mulheres distribuída em determinado espaço geográfico, e por outras características auxiliares, como, por exemplo, filiação étnica (BOURDIEU, 2015).

Nesse sentido, a classe social não se define apenas por uma propriedade, nem mesmo pela mais determinante delas, que é o volume e a estrutura do capital, e nem por uma soma de propriedades, como o sexo, a idade ou a origem étnica, mas sim pela relação entre todas as propriedades pertinentes. Quando estas propriedades se relacionam dentro do espaço social, podemos notar que conjuntos de agentes que ocupam posições e são submetidos a condições semelhantes, tendem a possuir interesses, práticas e tomadas de posição semelhantes, o que conforma seu *habitus* de classe (BOURDIEU, 2015).

É essa a noção de classe que está sendo adotada no presente trabalho, uma vez que pretendo abarcar uma dimensão ampla do termo, isto é, que não se restrinja nem a uma noção produtiva (classe trabalhadora ou classe empresária) e nem a uma noção de mercado (classes A, B, C etc.).

Segundo Bourdieu (2013),

a condição de classe que a estatística social apreende por meio de diferentes indicadores materiais da posição nas relações de produção, ou, mais precisamente, das capacidades de apropriação material dos instrumentos de produção material ou cultural (capital econômico) e das capacidades de apropriação simbólica desses instrumentos (capital cultural), determina direta e indiretamente, conforme a posição a ela conferida pela classificação coletiva, as representações de cada agente de sua posição e as estratégias “apresentação de si” de que fala Goffman, ou seja, sua encenação de sua própria posição. (p. 109).

A abordagem classista de Bourdieu reflete a sua concepção marcadamente relacional da vida social. Para o autor, o estofa da realidade social consiste, não em indivíduos ou grupos, mas sim em relações apreendidas através de redes de laços materiais e simbólicos que constituem o objeto adequado da análise social, abraçando, ao mesmo tempo, tanto a estrutura quanto o agente (WACQUANT, 2013).

Nesse sentido, as posições diferenciais são distinguidas em razão daquilo que não são, em relação ao seu oposto, revelando, assim, seu caráter relacional: “a identidade social define-se e afirma-se na diferença” (BOURDIEU, 2015, p. 164). Sendo assim, os estilos de vida são produtos sistemáticos dos *habitus* apreendidos em suas relações mútuas.

Assim, sendo os estilos de vida distintivos por essência, vários traços só adquirem sentido real se forem colocados em relação não apenas com as posições sociais que eles exprimem, mas também com os traços situados no outro polo do campo, com os quais são ligados por meio de uma oposição. O gosto, então, nada mais é do que a expressão sistemática de uma classe particular de condições de existência, ou seja, de um estilo distintivo de vida, sempre definido nas e pelas relações mútuas e comandando as práticas objetivamente ajustadas aos recursos ou capitais de que dispõe o agente (BOURDIEU, 2015).

Nesse ponto, é importante ressaltar a interdependência entre os conceitos de *habitus*, de *campo* e de *classe* em Bourdieu, uma vez que a análise dos indivíduos não pode ser desvinculada do seu respectivo meio social, pressupondo-se uma relação dialética entre sujeito e sociedade, entre *habitus* individual e a estrutura de um campo socialmente determinado. O campo seria a esfera social maior na qual o *habitus* individual está circunscrito. Nesse aspecto, as práticas sociais de um agente (seus pontos de vista, ações, comportamentos, escolhas e aspirações) não são consciente e propositalmente calculadas ou planejadas, mas sim produtos da relação entre um *habitus* e as pressões ou estímulos de um campo (SETTON, 2002).

Bourdieu chama a atenção para a importância da interpretação sociológica dos indicadores objetivos obtidos estatisticamente, de maneira que a pesquisa empírica ultrapasse o âmbito da mera descrição:

Todo empreendimento científico de classificação deve considerar que os agentes sociais aparecem como objetivamente caracterizados por duas espécies diferentes de propriedades: de um lado, propriedades materiais que, começando pelo corpo, se deixam denominar e medir como qualquer outro objeto do mundo físico; de outro, propriedades simbólicas adquiridas na relação com sujeitos que os percebem e apreciam, propriedades essas que precisam ser interpretadas segundo sua lógica específica. Isso significa que a realidade social admite duas leituras diferentes: de um lado, aquela armada de um uso objetivista da estatística para estabelecer *distribuições* (no sentido estatístico e também econômico), expressões quantificadas da repartição de uma quantidade finita de energia social entre um grande número de indivíduos

em concorrência, apreendidas por meio de "indicadores objetivos" (ou seja, de propriedades materiais); de outro, a leitura voltada a decifrar significações e a lançar luz sobre as operações cognitivas pelas quais os agentes as produzem e decifram. (BOURDIEU, 2013, sp).

Nesse sentido, Bourdieu (2013) traça sua teoria das classes sociais observando que a mesma deve superar a oposição entre as teorias objetivistas, que associam as classes a simples populações enumeráveis, e as teorias subjetivistas ou marginalistas, que reduzem a ordem social a um tipo de classificação coletiva gerada pela agregação de classificações individuais pelas quais os agentes classificam a si mesmos e aos outros.

Segundo o autor,

a objetivação científica só está completa quando aplicada também à experiência subjetiva que a obstrui. E a teoria adequada é aquela que integra a verdade parcial captada pelo conhecimento objetivo e a verdade própria da experiência primeira como desconhecimento (mais ou menos permanente e total) dessa verdade; ou seja, o conhecimento desencantado do mundo social e o conhecimento do reconhecimento como conhecimento encantado ou misticado de que o mundo social é objeto na experiência primária. (BOURDIEU, 2013, sp).

Portanto, seguindo pistas de uma sociologia política embasada, sobretudo, nos achados de Pierre Bourdieu (2015) e em sua teoria das classes sociais, defendo a hipótese de que os capitais (econômico, cultural e social) acumulados pelos indivíduos estudados, na medida em que se apresentem em maior ou menor grau, possuem uma relação direta com o fato de eles revelarem ou não tendências a adotar posições autoritárias, conservadoras ou reacionárias. Há uma possível relação inversa entre maior capital cultural e maior tendência ao autoritarismo, ou seja, quanto mais capital cultural o indivíduo deter, menor será a sua tendência a adotar posições autoritárias e conservadoras sob o aspecto moral, ou seja, menor será a tendência de que ele vote à direita.

De acordo com a sociologia bourdieusiana, as representações formuladas pelos indivíduos compõem uma estrutura mais ou menos integrada, de modo que seus hábitos e preferências subentendem crenças e valores associados às posições que ocupam no espaço social, as quais refletem a posse de quantidades diferenciadas e diferenciadoras de capital econômico e cultural (RIBEIRO, 2016).

É importante mencionar que aplico, no presente trabalho, os termos “direita” e “esquerda” em um sentido relacional. Sendo assim, não pretendo adentrar na ampla discussão existente acerca do conteúdo substancialista destes conceitos. Nesse sentido,

segundo Pierucci (1999, p.77), “as posições direita e esquerda são posições relativas e que, portanto, a direita se define por oposição ou em relação à esquerda e vice-versa”. Ademais, são “posições dispostas num eixo bipolar, que ordena e gradua as posições como num leque e, por conseguinte, as posições de direita admitem variações em função desta disposição em graus”.

Conforme será demonstrado mais adiante, com o auxílio da análise de correspondências múltiplas, estas categorias estão sendo aqui adotadas como polos de disputa dentro de um campo de força, englobando diferentes posicionamentos políticos e morais (FERNANDES e VIEIRA, 2019). Quando me refiro, por exemplo, aos candidatos e ao seu posicionamento político, estou inferindo que as pautas que os mesmos abraçam se relacionam dentro deste campo por meio da oposição, de maneira que ficam posicionados em eixos opostos nos gráficos gerados a partir da técnica mencionada.

1.1. Metodologia de análise dos dados

A partir desta base teórica, a elaboração do instrumentos de pesquisa (questionário) foi pensada de modo a apreender os volumes de capital (cultural, econômico e social) acumulados pelos indivíduos participantes, além de outros atributos como cor/etnia, sexo, religião, escolaridade e profissão dos pais/responsáveis, e relacioná-los com suas opiniões políticas e morais a respeito de variados temas, no intuito de compreender a ligação existente entre *habitus* de classe e posicionamento político e moral dentro do universo estudado.

Em termos estruturais, o questionário está organizado em três blocos: o primeiro se destina a apreender os dados socioeconômicos dos participantes, o segundo, seus hábitos de consumo cultural, e o terceiro, suas opiniões políticas e morais a respeito de temas como homossexualidade, programas sociais, machismo, movimentos sociais, punitivismo, imigração, racismo e meritocracia.

Às alternativas das questões integrantes do terceiro bloco do questionário foram atribuídos diferentes pesos ou pontos, a depender do seu grau de autoritarismo/conservadorismo¹⁰, de maneira que as respostas poderiam valer 1, 3, 6, 9

¹⁰ Florestan Fernandes, na obra *Apontamentos sobre a “Teoria do Autoritarismo”*, aponta que as relações autoritárias são típicas do capitalismo recente em todos os seus níveis de organização, funcionamento e

ou 12 pontos. Em seguida, a partir da soma dos valores referentes às respostas dos participantes para cada variável integrante deste bloco, foi elaborado um índice¹¹, por meio do programa estatístico SPSS¹², que representa o nível de autoritarismo/conservadorismo de cada participante. Nesse sentido, quanto maior é a pontuação do participante, maior é o nível supracitado, e vice-versa. Feito isso, o próximo passo foi distribuir os indivíduos e as pontuações que obtiveram em quatro grupos homogêneos, classificados, em termos de seu autoritarismo, dentro das categorias “Menos”, “Médio-”, “Médio+” e “Mais”¹³, conforme Tabela 1, a seguir:

Tabela 1 - Índice de Autoritarismo

	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
Índice	Menos	55	25,7%	25,7
	Médio -	52	24,3%	24,3
	Médio +	55	25,7%	25,7
	Mais	52	24,3%	24,3
	Total	214	100%	100,0

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados na pesquisa.

Podemos notar que, dentro do universo pesquisado (214 estudantes), 55 estudantes foram classificados como “menos” autoritários, 52 como “médio-” autoritários, 55 como “médio +” autoritários e 52 como “mais” autoritários.

transformação. Em momentos de crise da vida burguesa, as relações autoritárias se exacerbam, a estrutura ganha saliência e o que é mais profundo vem à tona, revelando a face burguesa da imposição da autoridade. Uma expressão desta imposição é o controle conservador ou contra-revolucionário da mudança, de maneira a preservar o padrão capitalista de civilização industrial (no centro e na periferia). O conservantismo e a contra-revolução desembocam, portanto, na via autoritária ou mesmo no fascismo. Nesse sentido, a ótica liberal torna-se prisioneira de uma ideologia conservadora, primeiro, e de uma ideologia reacionária, em seguida (FERNANDES, 1979). Me orientando por estas considerações, optei por utilizar os termos “autoritarismo” e “conservadorismo” de forma conjunta no presente trabalho.

¹¹ Além da metodologia de Adorno *et al.*, a elaboração deste índice também foi baseada em uma pesquisa desenvolvida no NUPPAI (Núcleo de Pesquisa “Preconceito, Autoritarismo e Ideologia”), coordenado pelo professor Dmitri Cerboncini Fernandes e vinculado ao PPGCSO-UFJF. Tal pesquisa, iniciada no ano de 2014, junto a discentes e docentes da Universidade Federal de Juiz de Fora, tem por objetivo apreender, sob uma perspectiva sociopsicanalítica, os mecanismos que permitem a instauração e a manutenção de discursos e atitudes enfeixados preliminarmente sob o conceito de “autoritários” na contemporaneidade. Por meio de aplicação de questionários e entrevistas em profundidade com agentes variados, o estudo pretende compreender os vínculos dos discursos e atitudes mencionados tanto com fontes heterônomas aos indivíduos quanto com suas trajetórias sociais.

¹² A soma dos valores referentes às respostas dos participantes para as questões integrantes do terceiro bloco do questionário foi feita com o auxílio do programa SPSS, a partir de um recurso denominado Syntax.

A elaboração desse índice foi fundamental para a análise bivariada dos dados¹⁴ com o auxílio do programa estatístico SPSS, uma vez que, ao transformar as 21 questões de conteúdo político ou moral, integrantes do terceiro bloco do questionário, em apenas uma variável, denominada “Índice de Autoritarismo”, me foi possível correlacioná-la com outras variáveis constantes do instrumento de pesquisa, resultados estes que serão apresentados no capítulo 4.

A aplicação dos questionários foi feita, simultaneamente, com todos os alunos da turma que se disponibilizaram a responder¹⁵. Uma vez que as questões foram respondidas sem o auxílio de um aplicador para perguntar e anotar as respostas, algumas delas não tiveram alternativas assinaladas, motivo pelo qual há alguns *missings*¹⁶ e nem sempre estaremos trabalhando com exatos 214 indivíduos nas análises bivariadas e multivariadas.

Ainda no que tange à aplicação dos questionários, procurei a melhor maneira de formular as perguntas e, depois, de aplicá-las, para evitar ao máximo a obtenção de dados enviesados. Para isso, expliquei de maneira clara aos estudantes a importância de responderem ao questionário de forma séria, me colocando à disposição para sanar as eventuais dúvidas que eles tivessem durante a aplicação. Conteí, também, sempre com a presença de um professor no momento de aplicação dos questionários, que é uma autoridade na escola, para que os alunos mantivessem uma certa disciplina enquanto estivessem respondendo. Imagino que, me cercando dessas precauções, consegui obter dados mais fiéis à real opinião dos estudantes.

Além das análises bivariadas dos dados, realizadas através do programa estatístico SPSS, também foram feitas análises de correspondências múltiplas (multivariadas) com o auxílio do programa estatístico SPAD, técnica metodológica estreitamente afinada com a sociologia bourdieusiana.

Em Bourdieu, as ferramentas de análise e as ferramentas empíricas de classe estão intimamente entrelaçadas e avançam em uníssono, uma vez que o autor acredita que

¹⁴ Através do teste qui-quadrado de Pearson (EVERITT, 1991).

¹⁵ Seguindo as orientações do Conselho de Ética da UFJF, todos os alunos que responderam ao questionário assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (para os maiores de idade) ou um termo de assentimento livre e esclarecido (para os menores de idade), o qual vinha acompanhado de um campo para autorização dos responsáveis.

¹⁶ As não respostas, representadas pelos *missings*, também são uma categoria sociológica relevante (BOURDIEU, 2015), conforme relato mais adiante, quando for apresentar as análises multivariadas de dados por meio da análise de correspondências múltiplas.

“separar os princípios teóricos de sua implementação na pesquisa sempre implica o risco de reificação escolástica”. (WACQUANT, 2013, p. 92)¹⁷.

As noções de espaço social, de espaço simbólico ou de classe social nunca são examinadas em si mesmas e por si mesmas. Ao contrário, são colocadas para funcionar e para serem testadas numa investigação que é, inseparavelmente, empírica e teórica”. (BOURDIEU, 1994 *apud* WACQUANT, 2013).

Os gráficos gerados a partir da correlação entre as múltiplas variáveis permitem a visualização dos espaços interconectados de indivíduos e propriedades (variáveis categóricas), revelando as proximidades e os distanciamentos destes elementos dentro daquele campo. Esta ferramenta metodológica é, portanto, essencialmente relacional, uma vez que opera posicionando as variáveis umas em relação às outras dentro do espaço social, agrupando os elementos semelhantes e distanciando os diferentes.

As análises de correspondências múltiplas (ACM) foram popularizadas nas ciências sociais por Pierre Bourdieu e seus discípulos. A técnica foi privilegiada por eles por retratar o espaço social de maneira relacional, ao criar, em planos cartesianos, nuvens nas quais agentes são posicionados uns em relação aos outros, de acordo com suas propriedades sociais; e nuvens de modalidades nas quais propriedades sociais aparecem tanto mais próximas quanto frequentemente associadas aos mesmos agentes. Desse modo, a representação criada pela ACM permite observar a estrutura de polarizações própria ao espaço social, o que ajuda a compreender dinâmicas sociais decorrentes. (KLÜGER, 2018, p. 96).

Acredito ser importante apresentar os resultados por meio desta ferramenta porque, aos pensarmos em termos de variáveis geométricas, afastamos a relação de causalidade simples existente entre variáveis independentes e dependentes (KLÜGER, 2018) resultantes dos cruzamentos bivariados realizados pelo SPSS. Bourdieu (2015) vê como problemática a ideia de independência entre variáveis, uma vez que as mesmas são sempre imbricadas e multideterminadas.

Ademais, a ACM

permite explorar simultaneamente múltiplas correlações entre um largo número de variáveis retratando perfis, agrupamentos e polarizações que não poderiam ser detectados a partir de cruzamentos simples de variáveis. (CORADINI, 2006 *apud* KLÜGER, 2018, p. 78-79).

¹⁷ “A motivação por detrás dos vários deslocamentos conceituais que Bourdieu efetua – de estrutura de classe a espaço social, de consciência de classe à *habitus*, de ideologia a violência simbólica, de classe dominante a campo de poder – está enraizada na, e voltada para a, resolução de quebra-cabeças de pesquisa concretos”. (WACQUANT, 2013, p. 92). Inspirada, pois, por este chamado quase epifânico, é que resolvi empreender a presente pesquisa nos moldes em que ela se apresenta.

Por fim, é importante destacar que, apesar de eu estar fazendo uma abordagem quantitativa dos dados coletados, não pretendo, com essa pesquisa, utilizar uma amostra representativa. Desse modo, não poderei fazer inferências estatísticas no sentido de uma amostra-população, uma vez que o número de observações não segue um critério amostral válido. Nesse sentido, não pretendo que os achados sejam válidos para toda a população jovem de juiz de Fora-MG, nem para faixas etárias distintas na mesma classe social. Contudo, não deixarei de arriscar algumas induções fundamentadas em teorias já existentes, uma vez que entendo que este universo, apesar de específico e localizado, é representativo de realidades mais abrangentes que podemos encontrar no Brasil, partindo da premissa de que cada caso particular estudado é um caso particular do possível (BOURDIEU, 1994).

A seguir, apresento o universo pesquisado, caracterizando os alunos entrevistados e as escolas participantes em termos socioeconômicos.

2. APRESENTANDO O UNIVERSO PESQUISADO

Neste capítulo, apresento a caracterização do universo pesquisado por meio de uma análise bivariada entre o perfil socioeconômico dos respondentes e as escolas participantes.

2.1. A cidade

Juiz de Fora, cidade na qual encontram-se as escolas e, por consequência, os indivíduos pesquisados, é um município localizado na Zona da Mata (sudeste) do estado de Minas Gerais. No último censo, realizado no ano de 2010, contava com 516.247 habitantes e uma densidade demográfica de 359,59 hab/km², sendo, à época, a 4^a maior cidade do estado e a 36^a maior do país (IBGE CIDADES, 2010).

Em termos educacionais, no ano de 2017, o município contava com 59.774 estudantes matriculados no ensino fundamental e 18.947 no ensino médio. Destes últimos, universo que nos interessa no presente trabalho, 12.966 matrículas eram em escolas públicas estaduais, 1.357 em escolas públicas federais, e 4.624 em escolas privadas (IBGE CIDADES, 2010).

2.2. Caracterizando os respondentes em termos socioeconômicos

Apliquei, ao todo, 214 questionários em alunos dos segundo e terceiro anos do ensino médio de quatro escolas de Juiz de Fora, sendo duas públicas estaduais (PUB 1 E PUB3) e duas particulares (PAR2 E PAR4), conforme Tabela 2:

Tabela 2 – Quantidade de alunos entrevistados por Escola

Escola	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
PUB1	47	22,0	22,0	22,0
PAR2	36	16,8	16,8	38,8
PUB3	104	48,6	48,6	87,4
PAR4	27	12,6	12,6	100,0
Total	214	100,0	100,0	

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados na presente pesquisa.

- 1) PUB1- trata-se de escola pública estadual localizada na periferia da cidade, em duas unidades situadas em bairros localizados a 10km e 15 km do centro, respectivamente. Nesta escola, apliquei 57 questionários, o que representa 22% do universo.
- 2) PAR2 – escola privada localizada no centro da cidade. Nesta escola, apliquei 36 questionários, o que representa 16,8% do universo.
- 3) PUB3 – escola pública estadual localizada no centro da cidade. Nesta escola, apliquei 104 questionários, o que representa 48,6% do universo.
- 4) PAR4 – escola privada localizada em bairro a 3 km do centro da cidade. Nesta escola, apliquei 27 questionários, o que representa 12,6% do universo.

Temos, portanto, um universo em que 70,6% dos respondentes estudam em escolas públicas e 29,4% em escolas particulares.

Em termos socioeconômicos, o universo pesquisado possui a seguinte configuração, conforme tabelas a seguir ¹⁸, a começar pela relação entre a quantidade de respondentes em cada escola e o seu sexo:

Tabela 3 – Escolas x Sexo (214 respondentes)

		ESCOLA				Total	
		PUB1	PAR2	PUB3	PAR4		
SEXO	Masculino	Respondentes	16	9	40	17	82
		% no sexo	19,5%	11,0%	48,8%	20,7%	100,0%
		% na escola	34,0%	25,0%	38,5%	63,0%	38,3%
	Feminino	Respondentes	31	27	64	10	132
		% no sexo	23,5%	20,5%	48,5%	7,6%	100,0%
		% na escola	66,0%	75,0%	61,5%	37,0%	61,7%
Total	Respondentes	47	36	104	27	214	
	% no sexo	22,0%	16,8%	48,6%	12,6%	100,0%	
	% na escola	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados na presente pesquisa.

¹⁸ Para apreender as informações acerca do universo como um todo, observar os percentuais nos quais as linhas somam 100% e, para apreender as informações acerca das escolas, observar os percentuais nos quais as colunas somam 100%.

Em relação ao total dos respondentes do sexo masculino (82 alunos ou 38,3% do universo), 19,5% encontram-se na PUB1, 11% na PAR2, 48,8% na PUB3 e 20,7% na PAR4.

Já no que toca ao total das respondentes do sexo feminino (132 alunas ou 61,7% do total do universo), 23,5% encontram-se na PUB1, 20,5% na PAR2, 48,5% na PUB3 e 7,6% na PAR4.

Note-se que, em termos totais, a quantidade de alunas do sexo feminino é maior que a dos alunos do sexo masculino. Ao observarmos as porcentagens de sexo em cada escola, esta realidade total é diferente apenas na PAR4, a qual possui 63% participantes do sexo masculino e 37% do sexo feminino.

Vejamos, agora, a relação entre a quantidade de respondentes em cada escola e a sua cor:

Tabela 4 – Escolas x Cor (210 respondentes)

		ESCOLA				Total	
		PUB1	PAR2	PUB3	PAR4		
COR	Branca	Respondentes	16	28	46	21	111
		% na cor	14,4%	25,2%	41,4%	18,9%	100,0%
		% na escola	34,8%	84,8%	44,2%	77,8%	52,9%
	Preta	Respondentes	14	1	26	2	43
		% na cor	32,6%	2,3%	60,5%	4,7%	100,0%
		% na escola	30,4%	3,0%	25,0%	7,4%	20,5%
	Parda	Respondentes	16	4	32	3	55
		% na cor	29,1%	7,3%	58,2%	5,5%	100,0%
		% na escola	34,8%	12,1%	30,8%	11,1%	26,2%
	Indígena	Respondentes	0	0	0	1	1
		% na cor	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
		% na escola	0,0%	0,0%	0,0%	3,7%	0,5%
Total	Respondentes	46	33	104	27	210	
	% na cor	21,9%	15,7%	49,5%	12,9%	100,0%	
	% na escola	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados na presente pesquisa.

Quanto ao critério cor, podemos constatar que, dentre os respondentes que se autodeclararam brancos (111 indivíduos ou 52,9% do total do universo), 14,4% são alunos da PUB1, 25,2% são alunos da PAR2, 41,4% são alunos da PUB3 e 18,9% são alunos da PAR4. Dentre os respondentes que se autodeclararam pretos (43 indivíduos ou 20,5% do total do universo), 32,6% são alunos da PUB1, 2,3% são alunos da PAR2,

60,5% são alunos da PUB3, e 4,7% são alunos da PAR4. Dentre os respondentes que se autodeclararam pardos (55 indivíduos ou 26,2% do total do universo), 29,1% são alunos da PUB1, 7,3% são alunos da PAR2, 58,2% são alunos da PUB3, e 5,5% são alunos da PAR4. Apenas 1 indivíduo (ou 0,5% do total do universo) se autodeclarou indígena, sendo ele aluno da PAR4.

É importante notar que, dentre os participantes que se autodeclararam pretos e pardos, a maioria, 93,1% e 87,3%, respectivamente, é estudante das escolas públicas estaduais (PUB1 ou PUB3).

Outra constatação digna de nota é a grande diferença entre alunos que se autodeclararam brancos e alunos que se autodeclararam pretos em relação às escolas privadas (PAR2 e PAR4). Na PAR2 e na PAR4, 84,8% e 77,8% dos respondentes, respectivamente, se autodeclararam brancos, enquanto apenas 3% e 7,4%, dos respondentes, respectivamente, se autodeclararam pretos.

Tais dados corroboram a relação direta entre cor e classe no Brasil, revelando, mais uma vez, as desigualdades socioeconômicas de nossa sociedade.

Vejamos, agora, a relação entre a quantidade de respondentes em cada escola e a sua renda familiar:

Tabela 5 – Escolas x Renda Familiar (209 respondentes)

		ESCOLA				Total	
		PUB1	PAR2	PUB3	PAR4		
RENDA FAMILIAR	Menos de 1 SM a 2 SM	Respondentes	34	4	52	6	96
		% na renda	35,4%	4,2%	54,2%	6,3%	100,0%
		% na escola	72,3%	11,1%	52,0%	23,1%	45,9%
	De 2 a 4 SM	Respondentes	13	4	38	8	63
		% na renda	20,6%	6,3%	60,3%	12,7%	100,0%
		% na escola	27,7%	11,1%	38,0%	30,8%	30,1%
	De 4 a 10 SM	Respondentes	0	15	9	11	35
		% na renda	0,0%	42,9%	25,7%	31,4%	100,0%
		% na escola	0,0%	41,7%	9,0%	42,3%	16,7%
	Acima de 10 SM	Respondentes	0	13	1	1	15
		% na renda	0,0%	86,7%	6,7%	6,7%	100,0%
		% na escola	0,0%	36,1%	1,0%	3,8%	7,2%
Total	Respondentes	47	36	100	26	209	
	% na renda	22,5%	17,2%	47,8%	12,4%	100,0%	
	% na escola	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados na presente pesquisa.

Em relação ao critério renda familiar, as constatações mais importantes são as no sentido de que nas faixas de renda familiar mais baixa - menos de 1 salário mínimo a 2 salários e de 2 salários mínimos a 4 salários mínimos – encontram-se os participantes das escolas públicas (PUB1 e PUB3). Nesse sentido, somando-se os percentuais das duas escolas para as mencionadas faixas de renda, tem-se que os mesmos representam 89,6% do universo total para a primeira faixa e 80,9% para a segunda.

Por outro lado, no que toca às escolas particulares (PAR2 e PAR4), vê-se que elas englobam 74,3% dos respondentes que se encaixam na terceira faixa de renda (entre 4 e 10 salários mínimos) e 93,4% dos que se encaixam na quarta faixa (acima de 10 salários mínimos).

Vejamos, agora, a relação entre a quantidade de respondentes em cada escola e escolaridade de seus responsáveis¹⁹. A Tabela 6 refere-se aos responsáveis do sexo feminino (mãe, avó, tia, madrasta etc.) e a Tabela 7, aos responsáveis do sexo masculino (pai, avô, tio, padrasto etc.).

Tabela 6 – Escolas x Escolaridade do Responsável de Sexo Feminino (196 respondentes)

		ESCOLA				Total	
		PUB1	PAR2	PUB3	PAR4		
ESCOLARIDADE	Não frequentou a escola	Respondentes	1	0	0	0	1
		% na escolaridade	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
		% na escola	2,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,5%
	Ensino Fundamental	Respondentes	30	3	34	2	69
		% na escolaridade	43,5%	4,3%	49,3%	2,9%	100,0%
		% na escola	68,2%	8,6%	36,2%	8,7%	35,2%
	Ensino Médio	Respondentes	13	16	42	9	80
		% na escolaridade	16,3%	20,0%	52,5%	11,3%	100,0%
		% na escola	29,5%	45,7%	44,7%	39,1%	40,8%
	Ensino Superior	Respondentes	0	10	16	10	36
		% na escolaridade	0,0%	27,8%	44,4%	27,8%	100,0%
		% na escola	0,0%	28,6%	17,0%	43,5%	18,4%
	Pós-Graduação	Respondentes	0	6	2	2	10
		% na escolaridade	0,0%	60,0%	20,0%	20,0%	100,0%
		% na escola	0,0%	17,1%	2,1%	8,7%	5,1%
	Total	Respondentes	44	35	94	23	196
		% na escolaridade	22,4%	17,9%	48,0%	11,7%	100,0%
		% na escola	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados na presente pesquisa.

¹⁹ Uma vez que todos os respondentes pertenciam a um mesmo nível escolar (2º e 3º ano do ensino médio), o critério diferenciador nesse quesito foi a escolaridade de seus responsáveis, aspecto fundamental na formação do capital cultural dos filhos.

No que toca à variável escolaridade dos responsáveis do sexo feminino, podemos observar que as categorias “ensino fundamental” (incompleto ou completo) e “ensino médio” (incompleto ou completo) encontram a maioria de seus representantes nas escolas públicas (PUB1 e PUB3), o que, em termos percentuais, significa 92,8% e 68,8% do universo, respectivamente.

Já em relação às categorias “ensino superior” (incompleto ou completo) e Pós-Graduação, as mesmas concentram de forma majoritária os responsáveis do sexo feminino dos respondentes das escolas particulares (PAR2 e PAR4), mais precisamente, 55,6% e 80% do universo, respectivamente. Tais constatações se tornam ainda mais relevantes quando observamos que as escolas particulares representam apenas 29,4% do universo total.

Tabela 7 – Escolas x Escolaridade do Responsável de Sexo Masculino (171 respondentes)

		ESCOLA				Total	
		PUB1	PAR2	PUB3	PAR4		
ESCOLARIDADE	Não frequentou a escola	Respondentes	0	0	0	1	
		% na escolaridade	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
		% na escola	0,0%	0,0%	0,0%	5,0%	0,6%
	Ensino Fundamental	Respondentes	22	3	34	2	61
		% na escolaridade	36,1%	4,9%	55,7%	3,3%	100,0%
		% na escola	64,7%	9,7%	39,5%	10,0%	35,7%
	Ensino Médio	Respondentes	12	15	40	9	76
		% na escolaridade	15,8%	19,7%	52,6%	11,8%	100,0%
		% na escola	35,3%	48,4%	46,5%	45,0%	44,4%
	Ensino Superior	Respondentes	0	10	9	4	23
		% na escolaridade	0,0%	43,5%	39,1%	17,4%	100,0%
		% na escola	0,0%	32,3%	10,5%	20,0%	13,5%
	Pós-Graduação	Respondentes	0	3	3	4	10
		% na escolaridade	0,0%	30,0%	30,0%	40,0%	100,0%
		% na escola	0,0%	9,7%	3,5%	20,0%	5,8%
	Total	Respondentes	34	31	86	20	171
		% na escolaridade	19,9%	18,1%	50,3%	11,7%	100,0%
		% na escola	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados na presente pesquisa.

Em relação à variável escolaridade dos responsáveis do sexo masculino, a lógica é a mesma. Também podemos observar que as categorias “ensino fundamental” (incompleto ou completo) e “ensino médio” (incompleto ou completo) encontram a

maioria de seus representantes nas escolas públicas (PUB1 e PUB3), o que, em termos percentuais, significa 91,8% e 68,4% do universo, respectivamente.

Já no que tange às categorias “ensino superior” (incompleto ou completo) e Pós-Graduação, as mesmas concentram de forma majoritária os responsáveis do sexo masculino dos respondentes das escolas particulares (PAR2 e PAR4), mais precisamente, 60,4% e 70% do universo, respectivamente. Novamente, essas observações se tornam ainda mais relevantes quando observamos que as escolas particulares representam apenas aproximadamente $\frac{1}{4}$ do universo total.

Vejamos, agora, a relação entre a quantidade de respondentes em cada escola e profissão de seus responsáveis. A Tabela 8 refere-se aos responsáveis do sexo feminino (mãe, avó, tia, madrasta etc.) e a Tabela 9, aos responsáveis do sexo masculino (pai, avô, tio, padrasto etc.).

Antes de descrevermos as tabelas a seguir apresentadas, uma breve explicação sobre o critério de categorização das profissões é importante. O critério “manual não qualificado” representa as profissões que não necessitam de uma qualificação para serem exercidas, como, por exemplo, empregada doméstica, porteiro, pedreiro etc. O critério “manual qualificado” diz respeito a profissões que não necessitam de curso superior para serem exercidas, mas que implicam em alguma qualificação, como motorista, secretária, policial militar etc. O critério “curso técnico e graduação” representa as profissões que necessitam de curso técnico ou de algum curso superior para serem exercidas, mas que não se encaixam nos critérios “superior econômico” ou “superior cultural”. Esses dois últimos critérios referem-se, respectivamente, às profissões mais historicamente valorizadas economicamente na sociedade, como medicina, direito e engenharia, e às profissões que detêm mais capital social, como a de professor.

É importante destacar, também, que as categorizações das profissões dos responsáveis foram realizadas em conjunto com a variável “escolaridade” dos mesmos.

Tabela 8 – Escolas X Profissão do Responsável Feminino (202 respondentes)

		ESCOLA					
		PUB1	PAR2	PUB3	PAR4	Total	
PROFISSÃO	Manual não qualificado	Respondentes	40	8	63	5	116
		% na profissão	34,5%	6,9%	54,3%	4,3%	100,0%
		% na escola	88,9%	22,9%	64,3%	20,8%	57,4%
	Manual qualificado	Respondentes	4	11	18	8	41
		% na profissão	9,8%	26,8%	43,9%	19,5%	100,0%
		% na escola	8,9%	31,4%	18,4%	33,3%	20,3%
	Curso técnico e graduação	Respondentes	1	6	9	4	20
		% na profissão	5,0%	30,0%	45,0%	20,0%	100,0%
		% na escola	2,2%	17,1%	9,2%	16,7%	9,9%
	Superior econômico	Respondentes	0	7	3	3	13
		% na profissão	0,0%	53,8%	23,1%	23,1%	100,0%
		% na escola	0,0%	20,0%	3,1%	12,5%	6,4%
	Superior cultural	Respondentes	0	3	5	4	12
		% na profissão	0,0%	25,0%	41,7%	33,3%	100,0%
		% na escola	0,0%	8,6%	5,1%	16,7%	5,9%
Total	Respondentes	45	35	98	24	202	
	% na profissão	22,3%	17,3%	48,5%	11,9%	100,0%	
	% na escola	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados na presente pesquisa.

Podemos notar a maior parte do universo pesquisa (77,7%) possui responsáveis do sexo feminino que representam os critérios “manual não qualificado” ou “manual qualificado”, ou seja, não possuem curso superior, sendo as escolas públicas (PUB1 e PUB3) as que possuem a maior porcentagem de respondentes com responsáveis do sexo feminino localizados no primeiro critério (88,8%).

Em relação aos demais critérios (os que se referem a responsáveis femininos que possuem curso técnico ou superior), estes totalizam 22,2%, encontrando o maior número de representantes nas escolas particulares, mesmo que estas sejam a minoria em termos de respondentes.

Tabela 9 – Escolas X Profissão do Responsável Masculino (182 respondentes)

		ESCOLA					
		PUB1	PAR2	PUB3	PAR4	Total	
PROFISSÃO	Manual não qualificado	Respondentes	27	2	43	5	77
		% na profissão	35,1%	2,6%	55,8%	6,5%	100,0%
		% na escola	67,5%	6,5%	48,3%	22,7%	42,3%
	Manual qualificado	Respondentes	13	14	34	9	70
		% na profissão	18,6%	20,0%	48,6%	12,9%	100,0%
		% na escola	32,5%	45,2%	38,2%	40,9%	38,5%
	Curso técnico e graduação	Respondentes	0	5	6	4	15
		% na profissão	0,0%	33,3%	40,0%	26,7%	100,0%
		% na escola	0,0%	16,1%	6,7%	18,2%	8,2%
	Superior econômico	Respondentes	0	9	4	3	16
		% na profissão	0,0%	56,3%	25,0%	18,8%	100,0%
		% na escola	0,0%	29,0%	4,5%	13,6%	8,8%
	Superior cultural	Respondentes	0	1	2	1	4
		% na profissão	0,0%	25,0%	50,0%	25,0%	100,0%
		% na escola	0,0%	3,2%	2,2%	4,5%	2,2%
Total	Respondentes	40	31	89	22	182	
	% na profissão	22,0%	17,0%	48,9%	12,1%	100,0%	
	% na escola	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados na presente pesquisa.

Em relação aos responsáveis do sexo masculino, encontramos uma semelhança com a tabela anterior. Novamente, a maior parte do universo da pesquisa (80,8%) possui responsáveis do sexo masculino que estão localizados nos critérios “manual não qualificado” ou “manual qualificado”, de modo que as escolas públicas (PUB1 e PUB3) são as que representam a maior porcentagem de respondentes com responsáveis do sexo masculino integrantes do primeiro critério (90,9%).

No que tange aos demais critérios (os que se referem a responsáveis masculinos que possuem curso técnico ou superior), estes somam 19,2%, encontrando, também, o maior número de representantes nas escolas particulares, ainda que estas sejam a minoria em termos de participantes.

Em conclusão, ao consideramos todo o universo de respondentes, podemos notar que a maioria deles se encontra nas primeiras duas faixas de renda familiar (76%), seus responsáveis possuem baixa escolaridade e, majoritariamente, profissões que não requerem curso superior. É de se destacar, ainda, que, apesar de os alunos das escolas particulares serem minoria dentro do universo total (29,4%), são eles os que representam, majoritariamente (em termos proporcionais), os melhores níveis de renda, escolaridade e profissão dos responsáveis.

Tendo apresentado brevemente o perfil socioeconômico do universo como um todo, julgo importante, agora, narrar algumas peculiaridades de cada escola pesquisada, o que permitirá uma melhor compreensão do perfil de cada uma delas.

2.3. Apresentando as escolas pesquisadas

Acredito que a melhor forma de apresentar as escolas em relação ao nível socioeconômico de seus alunos²⁰ seja através da comparação entre elas, ou seja, sob uma perspectiva relacional. Portanto, realizei uma análise conjunta e simultânea de todas as escolas. Trabalhei, aqui, com as variáveis cor, renda familiar, escolaridade e profissão dos responsáveis dos alunos.

Conforme podemos perceber a partir da análise das tabelas apresentadas, a PUB1 é bastante homogênea em termos socioeconômicos, apresentando a seguinte configuração em relação aos seus alunos:

65,2% deles são pretos ou pardos (Tabela 4); 100% deles estão concentrados nas duas primeiras faixas de renda familiar (menos de 1 SM a 2 SM e de 2 a 4 SM), sendo que 72,3% estão localizados na primeira faixa (Tabela 5); em termos escolaridade dos responsáveis, não há nenhum cujo responsável do sexo feminino ou masculino tenha ensino superior ou pós-graduação, incompletos ou completos, de modo que a maioria deles está concentrada no critério “ensino fundamental” (completo ou incompleto) – 68,2% e 64,7%, respectivamente (Tabelas 6 e 7); e, conseqüentemente, em termos de profissão dos responsáveis, não há nenhum cujo responsável do sexo feminino ou masculino esteja posicionado nos critérios “superior econômico” ou “superior cultural”, estando a maioria deles posicionada no critério manual não qualificado – 88,9% e 67,5%, respectivamente (Tabelas 8 e 9). Podemos notar que os alunos desta escola são, de modo geral, mais escolarizados que os seus responsáveis.

Trata-se, portanto, da escola, entre as 4 pesquisadas, cujos alunos possuem os menores níveis de capital econômico e cultural acumulados. Acredito que isso se justifique pela sua localização, o que a faz receber os alunos que moram na periferia da cidade.

²⁰ As configurações das escolas foram elaboradas em termos proporcionais e considerando apenas o os alunos do universo pesquisado, e não o total de alunos da escola.

Continuando as análises das escolas públicas, a PUB3 se apresenta mais heterogênea que a PUB1 em termos socioeconômicos, o que penso que ocorra, também, em razão da sua localização. Por estar posicionada no centro da cidade, local mais abastado em termos econômicos e culturais em relação a outros pontos da cidade, a mesma recebe estudantes majoritariamente provenientes de bairros próximos ao centro ou que residem na região central.

Tal escola apresenta a seguinte configuração em relação aos seus alunos: os pretos e pardos ainda são a maioria, representando 55,8% do total de respondentes, contudo, possui uma porcentagem considerável de alunos brancos – 44,2% (Tabela 4); 90% deles estão concentrados nas duas primeiras faixas de renda familiar (menos de 1 SM a 2 SM e de 2 a 4 SM), contudo, 38% estão na segunda faixa, número bastante superior ao da outra escola pública (Tabela 5); em termos de escolaridade dos responsáveis, apesar de a maioria dos responsáveis do sexo feminino ou masculino possuir ensino fundamental (36,2% e 39,5 respectivamente) ou ensino médio (44,7% e 46,5%), incompletos ou completos, podemos notar que os mesmos são mais escolarizados que os responsáveis dos alunos da PUB1, de maneira que alguns possuem, ainda, nível superior (17% e 10,5% respectivamente) ou pós-graduação (2,1% e 3,5% respectivamente), completos ou incompletos (Tabelas 6 e 7); e em termos de profissão dos responsáveis do sexo feminino e masculino, a maioria também é constituída por “manuais não qualificados” (64,3% e 48,3% respectivamente) e “manuais qualificados” (18,4% e 38,2%), contudo, ainda que em menor número, há representantes das outras categorias, fato que estava ausente na PUB1 (Tabelas 8 e 9).

Podemos perceber, portanto, que a PUB3 possui alunos com uma maior variação nos índices socioeconômicos em comparação com PUB1, o que a torna mais heterogênea.

É importante destacar, ainda, que a PUB3 é a que concentra a maior parte dos casos pesquisados (104 alunos ou 48,6% do universo). Apesar de representar quase metade da amostra, acreditamos que, em razão do seu caráter heterogêneo, isso não representa um problema para a pesquisa.

Passando, agora, para a análise das escolas particulares, a PAR2, dentre elas, é a mais homogênea em termos socioeconômicos, apresentando a seguinte configuração em relação aos seus alunos:

84,8% deles são brancos (Tabela 4); 77,8% deles estão concentrados nas duas últimas faixas de renda familiar (de 4 a 10 SM e acima de 10 SM) (Tabela 5); em termos de escolaridade dos responsáveis do sexo feminino ou masculino, 45,7% e 42%, respectivamente, possuem ensino superior ou pós-graduação, incompletos ou completos (Tabelas 6 e 7); e, em termos de profissão dos responsáveis do sexo feminino e masculino, 45,7% e 48,3%, respectivamente, possuem curso técnico, curso superior, profissões superiores economicamente ou profissões superiores culturalmente, sendo esta a escola que mais possui alunos cujos pais ocupam profissões de cunho “superior econômico” – 20% e 29%, respectivamente (Tabelas 8 e 9).

A PAR2, em comparação com todas as escolas, é a que apresenta alunos com os maiores níveis de capital econômico acumulados.

Por fim, passemos para a análise da PAR4, a qual, em termos comparativos com a PAR2, apresenta uma composição mais heterogênea de alunos. Contudo, sua heterogeneidade não é tão expressiva em relação à PAR2 como a PUB3 é em relação à PUB1.

A PAR4 apresenta a seguinte configuração no que tange aos seus alunos: 77,8% deles são brancos, percentual menor do que o número de brancos na PAR2 (Tabela 4); 73,1% deles estão concentrados nas faixas de renda intermediárias (de 2 a 4 SM e de 2 a 4 SM), possuindo, portanto, um nível de renda um pouco menor que os alunos da outra escola particular (Tabela 5); em termos de escolaridade dos responsáveis do sexo feminino e masculino, 52,2% e 40%, respectivamente, possuem ensino superior ou pós-graduação, incompletos ou completos (Tabelas 6 e 7); e em termos de profissão dos responsáveis do sexo feminino e masculino, 45,9% e 36,3%, respectivamente, possuem curso técnico, curso superior, profissões superiores economicamente ou profissões superiores culturalmente. Apesar de estes serem números altos em relação aos encontrados nas escolas públicas, a PAR4 possui um valor expressivo de alunos cujos responsáveis do sexo feminino e masculino realizam profissões de cunho “manual qualificado” – 33,3% e 40,9%, respectivamente. Ademais, tal escola é a que mais possui alunos cujos responsáveis ocupam profissões de cunho “superior cultural” – 16,7% (feminino) e 4,5%, (masculino) (Tabelas 8 e 9).

Feita a apresentação socioeconômica das escolas pesquisadas, passo, agora, para a correlação entre algumas variáveis e o índice de autoritarismo.

3. RESULTADOS DAS ANÁLISES BIVARIADAS COM O ÍNDICE DE AUTORITARISMO²¹

Neste capítulo, selecionarei as variáveis demográficas (sexo, cor, renda familiar, escolaridade e profissão dos responsáveis) dos respondentes, além das que se referem à religião, candidatos e escolas para uma correlação com a variável “índice de autoritarismo”²².

3.1. Índice de Autoritarismo x Sexo

Primeiramente, vejamos a relação entre o índice e a variável sexo dos respondentes:

Tabela 10 – Índice de Autoritarismo X Sexo (214 respondentes)

		ÍNDICE DE AUTORITARISMO				Total	
		Menos	Médio -	Médio +	Mais		
SEXO	Masculino	Respondentes	11	21	25	25	82
		% no sexo	13,4%	25,6%	30,5%	30,5%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	20,0%	40,4%	45,5%	48,1%	38,3%
	Feminino	Respondentes	44	31	30	27	132
		% no sexo	33,3%	23,5%	22,7%	20,5%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	80,0%	59,6%	54,5%	51,9%	61,7%
Total	Respondentes	55	52	55	52	214	
	% no sexo	25,7%	24,3%	25,7%	24,3%	100,0%	
	% no Índice de Autoritarismo	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Nota 1: Significância: 0,019.

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados na presente pesquisa.

²¹ Para uma correta leitura das tabelas apresentadas, observar que os resultados referentes ao universo como um todo encontram-se nos percentuais de linha (que somam 100%) e que os resultados referentes às categorias do índice de autoritarismo encontram-se nos percentuais de coluna (que somam 100%). Desse modo, a título de exemplo, na tabela 10, 13,4% dos respondentes que foram classificados como “menos” autoritários são do sexo masculino e 20% dos respondentes de sexo masculino foram considerados “menos” autoritários.

²² As correlações apresentadas levam em consideração um valor de significância menor que 0,05 (teste qui-quadrado de Pearson) para rejeitar a hipótese nula, ou seja, para demonstrar que as variáveis correlacionadas não são independentes. Contudo, em casos em que este valor seja superior a 0,05, não significa que as mesmas são completamente independentes, mas apenas que se relacionam de uma maneira menos forte. (EVERITT, 1991). Nesse sentido, Bourdieu (2006 *apud* KLÜGER, 2018) afirma ser problemático atribuir independência a variáveis que são sempre imbricadas e multideterminadas, de modo que a mais independente das variáveis oculta uma rede de relações “presente, subterraneamente, na relação que ela mantém com uma determinada opinião ou prática” (p. 81).

Podemos observar que os respondentes de sexo masculino são mais autoritários que as de sexo feminino. Enquanto os primeiros estão localizados de forma majoritária entre as categorias “médio+” e “mais” (61%), as segundas encontram sua maior representação nas categorias “menos” e “médio-” (56,8%). Ademais, 80% dos respondentes que foram considerados “menos” autoritários são do sexo feminino.

3.2. Índice de Autoritarismo x Cor

Em relação à correlação do índice com a variável cor, os resultados são os seguintes:

Tabela 11 – Índice de Autoritarismo X Cor (210 respondentes)

		ÍNDICE DE AUTORITARISMO				Total	
		Menos	Médio -	Médio +	Mais		
COR	Branca	Respondentes	35	27	26	23	111
		% na cor	31,5%	24,3%	23,4%	20,7%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	63,6%	52,9%	49,1%	45,1%	52,9%
	Preta	Respondentes	10	10	10	13	43
		% na cor	23,3%	23,3%	23,3%	30,2%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	18,2%	19,6%	18,9%	25,5%	20,5%
	Parda	Respondentes	10	14	17	14	55
		% na cor	18,2%	25,5%	30,9%	25,5%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	18,2%	27,5%	32,1%	27,5%	26,2%
	Indígena	Respondentes	0	0	0	1	1
		% na cor	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	0,0%	0,0%	0,0%	2,0%	0,5%
Total	Respondentes	55	51	53	51	210	
	% na cor	26,2%	24,3%	25,2%	24,3%	100,0%	
	% no Índice de Autoritarismo	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Nota 1: Significância: 0,533.

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados na presente pesquisa.

A partir da tabela 11, podemos notar que os brancos estão, regra geral, bem distribuídos nas categorias “Médio-”, “Médio+” e “Mais”, se encontrando, contudo, em maioria, na categoria “Menos” (31,5%). Ademais, entre todos os respondentes do universo que foram enquadrados nesta última, 63,6% se autodeclararam brancos.

Em relação aos pretos e pardos, os mesmos encontram-se concentrados majoritariamente nas categorias “Médio+” e “Mais” (54,2% e 55,7%). Apesar de não se

tratar de maioria expressiva, podemos concluir que, dentro do universo estudado, os que se autodeclararam pretos ou pardos tendem a ser mais autoritários/conservadores que os brancos, mesmo que sejam minoria em relação aos últimos²³.

3.3. Índice de Autoritarismo x Renda Familiar

No que toca à correlação do índice com a variável renda familiar, temos os seguintes resultados:

Tabela 12 – Índice de Autoritarismo X Renda Familiar (209 respondentes)

		ÍNDICE DE AUTORITARISMO					
		Menos	Médio -	Médio +	Mais	Total	
RENDA	Menos de 1 SM a 2 SM	Respondentes	23	22	24	27	96
		% na renda	24,0%	22,9%	25,0%	28,1%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	41,8%	44,0%	46,2%	51,9%	45,9%
	De 2 a 4 SM	Respondentes	15	13	16	19	63
		% na renda	23,8%	20,6%	25,4%	30,2%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	27,3%	26,0%	30,8%	36,5%	30,1%
	De 4 a 10 SM	Respondentes	13	7	10	5	35
		% na renda	37,1%	20,0%	28,6%	14,3%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	23,6%	14,0%	19,2%	9,6%	16,7%
	Acima de 10 SM	Respondentes	4	8	2	1	15
		% na renda	26,7%	53,3%	13,3%	6,7%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	7,3%	16,0%	3,8%	1,9%	7,2%
Total	Respondentes	55	50	52	52	209	
	% na renda	26,3%	23,9%	24,9%	24,9%	100,0%	
	% no Índice de Autoritarismo	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Nota 1: Significância: 0,000.

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados na presente pesquisa.

Podemos observar que, considerando as categorias extremas da renda familiar, a primeira (menos de 1 SM a 2 SM) concentra majoritariamente os respondentes enquadrados nos níveis “médio+” e “mais” autoritários (53,1%), enquanto a última (acima de 10 SM) engloba a maioria expressiva dos enquadrados nos níveis “menos” e “médio-” autoritários (80%). Ademais, ao considerarmos os respondentes “médio+” e

²³ A relação entre cor e índice de autoritarismo ficará mais clara quando eu apresentar, no próximo capítulo, a influência do fator religião nas manifestações do autoritarismo do universo pesquisado.

“mais” autoritários, observamos que eles se localizam, em sua maioria, nas duas primeiras faixas de renda (menos de 1SM a 2 SM e de 2 a 4 SM) – 77% e 88,4%, respectivamente).

Por outro lado, ao analisarmos a relação dos respondentes “menos” e médio-” autoritários com as duas últimas faixas de renda (de 4 a 10 SM e acima de 10 SM), podemos notar que eles são maioria em relação aos “médios+” e os “mais” autoritários – 30,9% (menos) e 30% (médio-) contra 23% (médio+) e 11,5% (mais).

Concluí, portanto, que, dentro do universo pesquisado, as pessoas de renda familiar mais baixa são as que mais tendem a adotar posições autoritárias em termos políticos e conservadoras em termos morais.

3.4. Índice de Autoritarismo x Escolaridade dos Responsáveis

Acerca da correlação entre o índice de autoritarismo e a escolaridade dos responsáveis dos participantes, os resultados são os seguintes:

Tabela 13 – Índice de Autoritarismo X Escolaridade do Responsável de Sexo Feminino (196 respondentes)

		ÍNDICE DE AUTORITARISMO					
		Menos	Médio -	Médio +	Mais	Total	
ESCOLARIDADE	Não frequentou a escola	Respondentes	0	0	1	0	1
		% na escolaridade	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	0,0%	0,0%	2,0%	0,0%	0,5%
	Ensino Fundamental	Respondentes	15	14	18	22	69
		% na escolaridade	21,7%	20,3%	26,1%	31,9%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	28,3%	30,4%	36,7%	45,8%	35,2%
	Ensino Médio	Respondentes	20	20	21	19	80
		% na escolaridade	25,0%	25,0%	26,3%	23,8%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	37,7%	43,5%	42,9%	39,6%	40,8%
	Ensino Superior	Respondentes	17	7	7	5	36
		% na escolaridade	47,2%	19,4%	19,4%	13,9%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	32,1%	15,2%	14,3%	10,4%	18,4%
	Pós-Graduação	Respondentes	1	5	2	2	10
		% na escolaridade	10,0%	50,0%	20,0%	20,0%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	1,9%	10,9%	4,1%	4,2%	5,1%
Total	Respondentes	53	46	49	48	196	
	% na escolaridade	27,0%	23,5%	25,0%	24,5%	100,0%	
	% no Índice de Autoritarismo	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Nota 1: Significância: 0,119.

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados na presente pesquisa.

Tabela 14 – Índice de Autoritarismo X Escolaridade do Responsável de Sexo Masculino (171 respondentes)

		ÍNDICE DE AUTORITARISMO				Total	
		Menos	Médio -	Médio +	Mais		
ESCOLARIDADE	Não frequentou a escola	Respondentes	0	0	1	0	1
		% na escolaridade	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	0,0%	0,0%	2,3%	0,0%	0,6%
	Ensino Fundamental	Respondentes	13	7	18	23	61
		% na escolaridade	21,3%	11,5%	29,5%	37,7%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	30,2%	17,1%	41,9%	52,3%	35,7%
	Ensino Médio	Respondentes	22	21	18	15	76
		% na escolaridade	28,9%	27,6%	23,7%	19,7%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	51,2%	51,2%	41,9%	34,1%	44,4%
	Ensino Superior	Respondentes	5	9	4	5	23
		% na escolaridade	21,7%	39,1%	17,4%	21,7%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	11,6%	22,0%	9,3%	11,4%	13,5%
	Pós-Graduação	Respondentes	3	4	2	1	10
		% na escolaridade	30,0%	40,0%	20,0%	10,0%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	7,0%	9,8%	4,7%	2,3%	5,8%
	Total	Respondentes	43	41	43	44	171
		% na escolaridade	25,1%	24,0%	25,1%	25,7%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Nota 1: Significância: 0,104.

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados na presente pesquisa.

No que toca à escolaridade dos responsáveis dos alunos, um dos elementos indicadores de seu volume de capital cultural acumulado, podemos notar que, quanto maior é a escolaridade de seus pais, menor é a tendência de que os respondentes sejam enquadrados nas categorias que indicam um maior nível de autoritarismo.

Exemplificando, entre os participantes “mais” autoritários, 85,4% possuem responsáveis do sexo feminino com ensino fundamental ou ensino médio (incompletos ou completos) e, 86,4%, responsáveis do sexo masculino nas mesmas faixas de escolaridade. Ademais, a categoria “ensino fundamental” (completo ou incompleto) é a que mais engloba respondentes “mais” autoritários – 31,9% para os responsáveis de sexo feminino e 37,7% para os responsáveis de sexo masculino.

Por outro lado, participantes com responsáveis que possuem ensino superior ou pós-graduação (incompletos ou completos), são enquadrados de forma majoritária nas categorias “menos” e “médio-” de autoritarismo. Nesse sentido, considerando estas duas primeiras categorias, podemos observar, nas tabelas 13 e 14, que 66,6% e 60,8% dos

alunos que possuem responsáveis de sexo feminino ou masculino com ensino superior (incompletos ou completos), respectivamente, estão nelas posicionados. No que toca à categoria “pós-graduação” (incompleta ou completa), a maioria dos alunos que possuem responsáveis de sexo feminino ou masculino com este nível de escolaridade, 60% e 70%, respectivamente, estão enquadrados dos dois primeiros níveis de autoritarismo, ou seja, são menos autoritários.

A correlação entre escolaridade dos responsáveis e o nível de autoritarismo dos respondentes indica, portanto, que dentro do universo estudado, existe uma relação inversa entre maior escolaridade e tendências ao autoritarismo, o que mostra que o acúmulo de capital cultural pode ser um fator importante para explicar o fenômeno.

3.5. Índice de Autoritarismo x Profissão dos Responsáveis

Passo, agora, à análise da correlação entre o índice de autoritarismo e a profissão dos responsáveis dos respondentes²⁴.

²⁴ Para explicação acerca da recategorização das profissões, ver página 34.

Tabela 15 – Índice de Autoritarismo X Profissão do Responsável de Sexo Feminino (201 respondentes)

		ÍNDICE DE AUTORITARISMO					Total
		Menos	Médio -	Médio +	Mais		
PROFISSÃO	Manual não qualificado	Respondentes	25	25	32	33	115
		% na profissão	21,7%	21,7%	27,8%	28,7%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	47,2%	52,1%	62,7%	67,3%	57,2%
	Manual qualificado	Respondentes	12	12	8	9	41
		% na profissão	29,3%	29,3%	19,5%	22,0%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	22,6%	25,0%	15,7%	18,4%	20,4%
	Curso técnico e graduação	Respondentes	10	5	4	1	20
		% na profissão	50,0%	25,0%	20,0%	5,0%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	18,9%	10,4%	7,8%	2,0%	10,0%
	Superior econômico	Respondentes	3	3	4	3	13
		% na profissão	23,1%	23,1%	30,8%	23,1%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	5,7%	6,3%	7,8%	6,1%	6,5%
	Superior cultural	Respondentes	3	3	3	3	12
		% na profissão	25,0%	25,0%	25,0%	25,0%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	5,7%	6,3%	5,9%	6,1%	6,0%
Total	Respondentes	53	48	51	49	201	
	% na profissão	26,4%	23,9%	25,4%	24,4%	100,0%	
	% no Índice de Autoritarismo	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Nota 1: Significância: 0,497.

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados na presente pesquisa.

Tabela 16 – Índice de Autoritarismo X Profissão do Responsável de Sexo Masculino (182 respondentes)

		ÍNDICE DE AUTORITARISMO					Total
		Menos	Médio -	Médio +	Mais		
PROFISSÃO	Manual não qualificado	Respondentes	19	12	20	26	77
		% na profissão	24,7%	15,6%	26,0%	33,8%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	40,4%	29,3%	41,7%	56,5%	42,3%
	Manual qualificado	Respondentes	18	17	20	15	70
		% na profissão	25,7%	24,3%	28,6%	21,4%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	38,3%	41,5%	41,7%	32,6%	38,5%
	Curso técnico e graduação	Respondentes	5	3	4	3	15
		% na profissão	33,3%	20,0%	26,7%	20,0%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	10,6%	7,3%	8,3%	6,5%	8,2%
	Superior econômico	Respondentes	3	7	4	2	16
		% na profissão	18,8%	43,8%	25,0%	12,5%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	6,4%	17,1%	8,3%	4,3%	8,8%
	Superior cultural	Respondentes	2	2	0	0	4
		% na profissão	50,0%	50,0%	0,0%	0,0%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	4,3%	4,9%	0,0%	0,0%	2,2%
Total	Respondentes	47	41	48	46	182	
	% na profissão	25,8%	22,5%	26,4%	25,3%	100,0%	
	% no Índice de Autoritarismo	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Nota 1: Significância: 0,306.

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados na presente pesquisa.

Quanto à profissão dos responsáveis dos participantes, elemento indicador tanto de seu capital cultural como de seu capital econômico, também podemos notar uma relação inversa entre profissões que exigem uma maior qualificação e o nível de autoritarismo dos respondentes.

Nesse sentido, dentre os respondentes com responsáveis que possuem profissões enquadradas no critério “manual não qualificado”, 56,5% (responsável de sexo feminino) e 59,8% (responsável de sexo masculino) estão englobados nas categorias “médio+” e “mais” de autoritarismo. Ademais, considerando os participantes com responsáveis de sexo feminino e masculino que possuem profissões “manuais não qualificadas” e “manuais qualificadas”, 85,7% e 89,1%, respectivamente, estão entre os “mais” autoritários.

Por outro lado, os respondentes cujos responsáveis de sexo feminino ou masculino possuem curso técnico ou graduação estão concentrados, majoritariamente, nas categorias “menos” e “médio-” de autoritarismo, totalizando, respectivamente, 75% e 53,3%.

Os participantes com responsáveis de sexo masculino que possuem profissões enquadradas nos critérios “superior cultural” e “superior econômico”, encontram-se, em relação ao primeiro, totalmente representados nas categorias “menos” e “médio-” de autoritarismo (100%) e, em relação ao segundo, totalizam 62,6% quando consideramos as duas primeiras categorias de autoritarismo.

Já em relação aos respondentes cujos responsáveis de sexo feminino possuem profissões classificadas como “superior cultural” ou “superior econômico”, não podemos fazer muitas inferências no que toca à correlação entre essas profissões e o índice, uma vez que os alunos se encontram distribuídos quase uniformemente entre os níveis de autoritarismo.

3.6. Índice de Autoritarismo x Escolas Participantes

Para fechar as análises da variável “índice de autoritarismo” com os elementos socioeconômicos constantes do questionário, apresento, agora, a correlação entre o índice e as escolas participantes da pesquisa:

Tabela 17 – Índice de Autoritarismo x Escolas (214 respondentes)

		ÍNDICE DE AUTORITARISMO					
		Menos	Médio -	Médio +	Mais	Total	
ESCOLA	PUB1	Respondentes	9	11	10	17	47
		% na escola	19,1%	23,4%	21,3%	36,2%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	16,4%	21,2%	18,2%	32,7%	22,0%
	PAR2	Respondentes	12	15	7	2	36
		% na escola	33,3%	41,7%	19,4%	5,6%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	21,8%	28,8%	12,7%	3,8%	16,8%
	PUB3	Respondentes	26	20	30	28	104
		% na escola	25,0%	19,2%	28,8%	26,9%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	47,3%	38,5%	54,5%	53,8%	48,6%
	PAR4	Respondentes	8	6	8	5	27
		% na escola	29,6%	22,2%	29,6%	18,5%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	14,5%	11,5%	14,5%	9,6%	12,6%
Total	Respondentes	55	52	55	52	214	
	% na escola	25,7%	24,3%	25,7%	24,3%	100,0%	
	% no Índice de Autoritarismo	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Nota 1: Significância: 0,042.

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados na presente pesquisa.

No que toca à relação entre o índice de autoritarismo e as escolas pesquisadas, observamos que a maioria dos respondentes concentrados nos critérios “médio+” e “mais” autoritários são estudantes da PUB1 e da PUB3 (escolas públicas estaduais), o que, em termos percentuais, significa que 72,7% dos participantes concentrados no critério “médio+” e 86,5% dos concentrados no critério “mais” autoritários são estudantes destas escolas. Por outro lado, apenas 27,2% e 13,4% dos alunos das escolas particulares (PAR 2 e PAR4) representam os “médio+” e os “mais” autoritários, respectivamente.

Ao analisarmos cada escola em separado, o que é importante em razão das peculiaridades de cada uma, podemos notar que a PUB1 é a que possui mais alunos participantes enquadrados na categoria “mais” autoritarismo (36,2%).

A PUB3 apresenta uma distribuição que pouco varia entre as quatro categorias, possuindo um maior número de alunos (mesmo que com uma diferença pouco expressiva em relação às demais faixas) concentrados na categoria “médio+” (28,8%). Acredito que esta baixa variação seja devida ao caráter heterogêneo da escola, já descrito anteriormente.

A PAR2 é que possui mais alunos participantes englobados pelas categorias “menos” e “médio-” – 33,3% e 41,7%, respectivamente, sendo a escola menos autoritária/conservadora de toda a amostra.

A PAR4 também se mostrou mais heterogênea em relação à PAR2, razão pela qual acreditamos que se justifique a sua distribuição quase uniforme de alunos pelas categorias, de forma semelhante à PUB3. Demonstra o seu caráter heterogêneo o fato de que, nesta escola, a mesma porcentagem de alunos (29,6%) esteja enquadrada nas categorias “menos” e “médio+”.

A relação entre as escolas o índice de autoritarismo corrobora os resultados acima apresentados, no sentido de uma maior tendência de serem as classes mais populares a adotar, dentro do universo pesquisado, posições políticas e morais de cunho mais autoritário/conservador.

3.7. Índice de Autoritarismo x Religião

Passo, agora, para a análise da correlação entre o “índice de autoritarismo” e a religião dos participantes.

Tabela 18 – Índice de Autoritarismo X Religião (211 respondentes)

		ÍNDICE DE AUTORITARISMO				Total	
		Menos	Médio -	Médio +	Mais		
RELIGIÃO	Católica	Respondentes	20	24	23	23	90
		% na religião	22,2%	26,7%	25,6%	25,6%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	37,0%	48,0%	41,8%	44,2%	42,7%
	Evangélica e Cristã	Respondentes	9	6	16	20	51
		% na religião	17,6%	11,8%	31,4%	39,2%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	16,7%	12,0%	29,1%	38,5%	24,2%
	Espírita e Budista	Respondentes	6	3	4	2	15
		% na religião	40,0%	20,0%	26,7%	13,3%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	11,1%	6,0%	7,3%	3,8%	7,1%
	Umbanda	Respondentes	3	2	1	0	6
		% na religião	50,0%	33,3%	16,7%	0,0%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	5,6%	4,0%	1,8%	0,0%	2,8%
	Agnósticos, ateus e sem religião	Respondentes	16	15	11	7	49
		% na religião	32,7%	30,6%	22,4%	14,3%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	29,6%	30,0%	20,0%	13,5%	23,2%
Total	Respondentes	54	50	55	52	211	
	% na religião	25,6%	23,7%	26,1%	24,6%	100,0%	
	% no Índice de Autoritarismo	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Nota 1: Significância: 0,072

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados na presente pesquisa.

Podemos notar, a partir da observação da tabela 16, que a variável “religião” é bastante importante na explicação do fenômeno do autoritarismo dentro do universo pesquisado.

Inicialmente, observamos que a maioria da amostra é composta por respondentes católicos (90 alunos ou 42,7% do universo). A religião católica não pode ser considerada um fator explicativo para o autoritarismo, uma vez que os representantes da mesma se encontram quase igualmente distribuídos entre as quatro categorias do índice, com poucas variações entre uma e outra. Contudo, o mesmo não se passa com as demais religiões ou com aqueles que não possuem uma religião.

Dentre os evangélicos e cristãos²⁵, 31,4% integram a faixa “médio+” autoritários e 39,2% a faixa “mais” autoritários, de modo que 70,6% dos respondentes evangélicos estão localizados nos quadrantes mais autoritários da amostra.

Por outro lado, os espíritas, budistas e umbandistas se encontram, majoritariamente, entre os “menos” e os “médio-” autoritários. Em relação aos dois primeiros, 40% estão na categoria “menos” e 20% estão na “médio-” e, quanto aos últimos, 50% estão na categoria “menos” e 33,3% na “médio-”. Ressalto que os umbandistas não têm nenhum representante na categoria “mais” autoritários.

Na mesma linha seguem os respondentes agnósticos, ateus ou sem religião, de maneira que também estão concentrados, em sua maioria, nas categorias “menos” (32,7%) e “médio-” (30,6%) autoritários.

Podemos perceber, portanto, que o fato de pertencer à religião evangélica é um dos fatores explicativos do perfil autoritário e conservador dos respondentes.

3.7.1. Escolas Participantes x Religião

Para uma compreensão mais ampla do fenômeno dentro do universo pesquisado, julgo importante, também, apresentar a relação existente entre as escolas e a religião dos alunos:

²⁵ “Evangélico”, mais do que qualquer outro momento de sua história no Brasil, é um termo em acirrada disputa entre os que se autodeclararam desta forma. Devido a alguns estigmas adquiridos pela categoria nos últimos anos, muitos protestantes históricos e pentecostais têm preferido identificar-se pelo nome específico de sua denominação e pelo termo genérico “cristão” (ALMEIDA, 2017, sp), motivo pelo qual juntei as duas categorias (evangélicos e cristãos) na tentativa de tornar a análise estatística mais consistente.

Tabela 19 – Escolas x Religião

		ESCOLAS				Total	
		PUB1	PAR2	PUB3	PAR4		
RELIGIÃO	Católica	Respondentes	21	14	42	13	90
		% na Religião	23,3%	15,6%	46,7%	14,4%	100,0%
		% na Escola	46,7%	40,0%	40,4%	48,1%	42,7%
	Evangélica e Cristã	Respondentes	16	3	30	2	51
		% na Religião	31,4%	5,9%	58,8%	3,9%	100,0%
		% na Escola	35,6%	8,6%	28,8%	7,4%	24,2%
	Espírita e Budista	Respondentes	0	7	6	2	15
		% na Religião	0,0%	46,7%	40,0%	13,3%	100,0%
		% na Escola	0,0%	20,0%	5,8%	7,4%	7,1%
	Umbanda	Respondentes	0	1	5	0	6
		% na Religião	0,0%	16,7%	83,3%	0,0%	100,0%
		% na Escola	0,0%	2,9%	4,8%	0,0%	2,8%
	Agnósticos, ateus e sem religião	Respondentes	8	10	21	10	49
		% na Religião	16,3%	20,4%	42,9%	20,4%	100,0%
		% na Escola	17,8%	28,6%	20,2%	37,0%	23,2%
	Total	Respondentes	45	35	104	27	211
		% na Religião	21,3%	16,6%	49,3%	12,8%	100,0%
		% na Escola	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Nota 1: Significância: 0,004.

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados na presente pesquisa.

Novamente, a distribuição de católicos é quase uniforme nas quatro escolas. Quanto aos evangélicos, podemos notar que eles se concentram, majoritariamente, nas escolas públicas, estando, contudo, em maior número na PUB1 (35,6%) do que na PUB3 (28,8%). Ademais, considerando-se todos os respondentes que se declararam evangélicos, 31,4% estão na PUB1 e 58,8% estão na PUB3.

Os espíritas e budistas encontram sua maior representação na PAR2, de modo que 20% dos respondentes desta escola são espíritas ou budistas e 46,7% dos respondentes espíritas e budistas se concentram nela, que é a mais homogênea entre as particulares em termos socioeconômicos.

O número de respondentes agnósticos, ateus ou sem religião é maior, em termos proporcionais, nas escolas particulares. Na PAR2, 28,6% dos participantes se enquadram nessa categoria, enquanto, na PAR4, eles são 37%.

Podemos inferir, portanto, que a variável religião possui uma relação com a classe social a que pertencem os respondentes, uma vez que os evangélicos se localizam, sobretudo, nas escolas mais populares, e os espíritas, budistas e sem religião, nas escolas

de classe média. Tais resultados corroboram os já acima apresentados, uma vez que os mesmos apontam uma relação direta entre menor capital econômico e cultural e maior tendência ao autoritarismo/conservadorismo.

3.8. Índice de Autoritarismo x Candidatos à Presidência em 2018

Vejamos, agora, a correlação da variável “índice de autoritarismo” com a variável “candidatos à presidência em 2018²⁶”.

Tabela 20 – Índice de Autoritarismo X Candidatos à Presidência em 2018 (206 respondentes)

		ÍNDICE DE AUTORITARISMO					
		Menos	Médio -	Médio +	Mais	Total	
CANDIDATOS	Marina Silva	Respondentes	0	1	3	3	7
		% nos candidatos	0,0%	14,3%	42,9%	42,9%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	0,0%	2,2%	5,6%	5,8%	3,4%
	Ciro Gomes	Respondentes	27	20	15	9	71
		% nos candidatos	38,0%	28,2%	21,1%	12,7%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	50,0%	43,5%	27,8%	17,3%	34,5%
	Fernando Haddad	Respondentes	12	5	9	6	32
		% nos candidatos	37,5%	15,6%	28,1%	18,8%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	22,2%	10,9%	16,7%	11,5%	15,5%
	Jair Bolsonaro	Respondentes	0	1	7	18	26
		% nos candidatos	0,0%	3,8%	26,9%	69,2%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	0,0%	2,2%	13,0%	34,6%	12,6%
	Guilherme Boulos	Respondentes	5	4	0	0	9
		% nos candidatos	55,6%	44,4%	0,0%	0,0%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	9,3%	8,7%	0,0%	0,0%	4,4%
	João Amoedo	Respondentes	0	2	0	5	7
		% nos candidatos	0,0%	28,6%	0,0%	71,4%	100,0%
		% no Índice de Autoritarismo	0,0%	4,3%	0,0%	9,6%	3,4%
Não vou votar	Respondentes	10	13	20	11	54	
	% nos candidatos	18,5%	24,1%	37,0%	20,4%	100,0%	
	% no Índice de Autoritarismo	18,5%	28,3%	37,0%	21,2%	26,2%	
Total	Respondentes	54	46	54	52	206	
	% nos candidatos	26,2%	22,3%	26,2%	25,2%	100,0%	
	% no Índice de Autoritarismo	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Nota 1: Significância: 0,000.

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados na presente pesquisa.

²⁶ Apesar de o nome de todos os candidatos à presidência da República constarem no questionário aplicado, os resultados serão exibidos apenas para aqueles que foram citados por, pelo menos, 5% do total de participantes.

Podemos notar que os respondentes localizados nas categorias “menos” e “médio-autoritários” indicaram voto, majoritariamente, em candidatos posicionados politicamente mais à esquerda. Nesse sentido, considerando a soma das porcentagens, estão concentrados nas duas primeiras faixas: 66,2% dos que disseram que votariam em Ciro Gomes, 53,1% dos que votariam em Fernando Haddad e 100% dos que votariam em Guilherme Boulos (nenhum dos respondentes que indicou voto em Boulos está posicionado nas categorias “médio+” ou “mais”).

Por outro lado, candidatos posicionados politicamente mais à direita foram indicados por respondentes enquadrados, sobretudo, nas categorias “médio+” e “mais” autoritários. Nesse aspecto, considerando novamente a soma das porcentagens, estão localizados nas duas últimas categorias: 96,1% dos que votariam em Jair Bolsonaro e 71,4% dos que votariam em João Amoedo. Marina Silva, que aqui estou considerando ser de “centro-direita”, também concentrou votos de respondentes localizados nas faixas “médio+” e “mais” (85,8%).

Por fim, observei, ainda, que a maioria dos respondentes que marcou a opção “não vou votar”, a qual poderia ser escolhida caso o participante ainda não tivesse título pela não obrigatoriedade em razão da idade ou se fosse votar nulo ou em branco, está concentrada nas categorias “médio+” e “mais”, totalizando 57,4%. Este fato pode indicar uma relação direta entre despolitização e maiores níveis de autoritarismo/conservadorismo dentro do universo pesquisado. Ademais, podemos notar, também, observando a tabela 21 (abaixo) que o maior número de participantes que selecionou esta opção está nas escolas públicas – 43,6% na PUB1 e 46,3% na PUB3, sendo que, na PUB1, 54,3% dos respondentes do questionário indicaram que não iriam votar, o que demonstra que também existe uma relação direta entre as classes populares e uma maior despolitização.

Estes resultados estão bastante coerentes em termos do que se poderia esperar dos respondentes que têm posições políticas mais à esquerda, os quais tendem a ser mais progressistas e menos conservadores, e dos respondentes que tem posições políticas mais à direita, a qual pode assumir, dentre as suas variadas vertentes, um caráter mais conservador moralmente e mais autoritário politicamente, sobretudo no que toca aos papéis punitivo e repressor do Estado.

3.8.1. Escolas Participantes x Candidatos à Presidência em 2018

Para finalizar a análise da variável “candidatos à presidência em 2018”, julgo importante, também, apresentar a correlação da mesma com as escolas pesquisadas, conforme tabela a seguir:

Tabela 21 – Escolas x Candidatos à Presidência em 2018 (206 respondentes)

		ESCOLAS					
		PUB1	PAR2	PUB3	PAR4	Total	
CANDIDATOS	Marina Silva	Respondentes	2	0	5	0	7
	% nos candidatos	28,6%	0,0%	71,4%	0,0%	100,0%	
	% na Escola	4,3%	0,0%	5,0%	0,0%	3,4%	
	Ciro Gomes	Respondentes	3	24	34	10	71
	% nos candidatos	4,2%	33,8%	47,9%	14,1%	100,0%	
	% na Escola	6,5%	68,6%	34,0%	40,0%	34,5%	
	Fernando Haddad	Respondentes	9	2	19	2	32
	% nos candidatos	28,1%	6,3%	59,4%	6,3%	100,0%	
	% na Escola	19,6%	5,7%	19,0%	8,0%	15,5%	
	Jair Bolsonaro	Respondentes	6	3	14	3	26
	% nos candidatos	23,1%	11,5%	53,8%	11,5%	100,0%	
	% na Escola	13,0%	8,6%	14,0%	12,0%	12,6%	
	Guilherme Boulos	Respondentes	0	3	1	5	9
	% nos candidatos	0,0%	33,3%	11,1%	55,6%	100,0%	
	% na Escola	0,0%	8,6%	1,0%	20,0%	4,4%	
	João Amoedo	Respondentes	1	2	2	2	7
	% nos candidatos	14,3%	28,6%	28,6%	28,6%	100,0%	
	% na Escola	2,2%	5,7%	2,0%	8,0%	3,4%	
	Não vou votar	Respondentes	25	1	25	3	54
	% nos candidatos	46,3%	1,9%	46,3%	5,6%	100,0%	
% na Escola	54,3%	2,9%	25,0%	12,0%	26,2%		
Total	Respondentes	46	35	100	25	206	
% nos candidatos	22,3%	17,0%	48,5%	12,1%	100,0%		
% na Escola	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%		

Nota 1: Significância: 0,000.

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados na presente pesquisa.

A relação entre a indicação de voto dos respondentes em candidatos à presidência nas eleições de 2018 e as escolas das quais são alunos corrobora as conclusões acima apresentadas, no sentido de um maior autoritarismo/conservadorismo dos estudantes de escolas públicas.

Nesse aspecto, ao considerarmos os candidatos que julgo representarem os extremos políticos das eleições de 2018, dentre os participantes que indicaram voto em

Jair Bolsonaro (extrema direita), 76,9% são estudantes das escolas públicas estaduais (PUB1 e PUB3). Por outro lado, 88,9% dos participantes que declararam voto em Guilherme Boulos (extrema esquerda) são alunos das escolas particulares (PAR2 e PAR4). Ressalto, ainda, que nenhum aluno da PUB1 mencionou ter intenção de votar no último candidato.

O candidato mais citado pelos respondentes foi Ciro Gomes, de maneira que 34,5% do universo pesquisado declarou que seria para ele a sua intenção de voto no primeiro turno das eleições.

Em breve conclusão, os resultados das análises bivariadas corroboram, portanto, a hipótese principal de que os capitais (econômico, cultural e social) acumulados pelos indivíduos estudados, na medida em que se apresentem em maior ou menor grau, possuem uma relação direta com o fato de eles revelarem ou não tendências a adotar posições autoritárias, conservadoras ou reacionárias.

Nesse sentido, pude observar que as camadas populares do universo pesquisado, ou seja, as que possuem menores níveis acumulados de capital, são as que mais aderem a essa posição. Os dados apontam que tais camadas são as mais autoritárias/conservadoras e, ao mesmo tempo, as mais despolitizadas, além de possuírem forte viés religioso, sobretudo evangélico.

Em sentido contrário, as classes médias deste universo, concentradas, sobretudo, nas escolas particulares e, de modo ainda mais específico, na PAR2, são as que apresentam uma menor tendência à adesão a posições políticas e morais autoritárias/conservadoras, além de serem mais politizadas.

Existe, portanto, um *habitus* autoritário nas camadas populares integrantes do universo pesquisado, fato atenuado nas suas classes médias. Nesse sentido, posso afirmar que a classe social, conceituada, aqui, em termos bourdieusianos, é um fator altamente explicativo do fenômeno do autoritarismo neste universo.

Tais conclusões serão exploradas mais exhaustivamente quando forem apresentadas as análises de correspondências múltiplas, no capítulo seguinte.

4. RESULTADOS DAS ANÁLISES MULTIVARIADAS – ANÁLISES DE CORRESPONDÊNCIAS MÚLTIPLAS (ACM)

Nesta seção, apresentarei os resultados das análises dos dados coletados obtidos através da técnica de análise de correspondências múltiplas (ACM), com o auxílio do programa estatístico SPAD.

A análise de correspondências múltiplas é um tipo de análise fatorial de dados que trabalha, simultaneamente, com mais de duas variáveis categóricas, permitindo descrever as relações entre estas variáveis a partir de noções geométricas básicas, como proximidades e distâncias relativas ao longo de eixos.

Trata-se de uma ferramenta não paramétrica de análise categorial de dados,

derivada do trabalho matemático de Jean-Paul Benzécri. Tal ferramenta destina-se a revelar e mapear os espaços interconectados de indivíduos e propriedades. Em contraste e oposição propositais à estatística "orientada pela variável" de Lazarsfeld, ela obedece ao modo topológico de raciocínio, que retém o indivíduo situado como unidade de análise para garantir um forte elo entre ontologia, metodologia e teoria social, e nos convida a especificar as condições sob as quais vários agentes irão (ou não) aderir a uma prática coletiva, e em que domínios da vida social. (WACQUANT, 2013).

A ACM é uma técnica capaz de sintetizar quantitativamente dados qualitativos (variáveis categóricas) dispondo-os de maneira estrutural, multidimensional e relacional, por meio da representação gráfica de espaços sociais em planos cartesianos demarcados por um par de eixos, diferenciando e posicionando os agentes e as propriedades (KLÜGER, 2018).

Em meio aos eixos, aparecem nuvens de pontos que representam ora agentes ora propriedades sociais - os ditos dados categóricos -, sendo a distância entre os pontos e seus padrões de dispersão na nuvem dados centrais para observar as afinidades e polarizações existentes no universo social estudado (KLÜGER, 2018, p. 68).

Pierre Bourdieu foi o primeiro sociólogo a fazer um uso sistematizado desta técnica, vez que se trata de um procedimento essencialmente relacional, tal qual a sua sociologia, cuja filosofia permite expressar a constituição e a estruturação de um espaço social (WACQUANT, 2013). Este tipo de ferramenta se relaciona com a teoria dos

campos²⁷, permitindo reconstruir de modo indutivo as segmentações presentes nos espaços sociais. Em razão disso, sua abordagem deve ser feita a partir de uma leitura relacional das propriedades e das práticas dos agentes, por meio da observação das proximidades ou distâncias relativas verificadas nos eixos do espaço de correspondências (BERTONCELO, 2019 *apud* FERNANDES e VIEIRA, 2019).

Em resumo,

a representação geométrica criada pela ACM é adequada à ideia de campo visto situar os agentes precisamente em um espaço objetiva e relacionalmente estruturado, no qual a distância entre uns e outros decorre de diferenças em suas propriedades sociais, inclusive dotações desiguais de capitais. Ao fazê-lo, a análise geométrica oferece elementos para a visualização dos fundamentos das polarizações e lutas travadas no espaço social e para detecção de padrões de correlação entre as posições sociais dos agentes e suas práticas e tomadas de posição nos mais variados domínios da vida social. (KLÜGER, 2018, p. 69).

A representação gráfica da ACM dá origem, portanto, a duas nuvens, uma para os agentes analisados e outra para as suas propriedades sociais. Em relação à nuvem dos agentes, seu posicionamento na estrutura é determinado de forma relacional, em função da distribuição de suas propriedades sociais (atributos, capitais, práticas e tomadas de posição). Sendo assim, a atração entre dois agentes será tanto maior quanto mais similares forem seus *habitus*, ou seja, a proximidade ou a distância entre eles depende da homogeneidade ou heterogeneidade de suas propriedades sociais (KLÜGER, 2018).

No que toca à nuvem das propriedades sociais, quanto mais as mesmas forem comumente associadas nas respostas dos agentes analisados, mais próximas aparecerão na estrutura, indicando, assim, que são partilhadas por aqueles que possuem perfis e preferências similares. Propriedades sociais são as variáveis do universo, as quais podem incluir informações relativas aos capitais dos agentes (culturais, econômicos, sociais), dados referentes as suas práticas (no presente trabalho, as práticas se referem aos hábitos

²⁷ De acordo com Bourdieu e Wacquant (1992, p. 96 *apud* KLÜGER, 2018, p. 69), “um campo consiste em um conjunto de relações objetivas e históricas entre posições ancoradas em certas formas de poder (ou capital) [...]. Cada campo prescreve seus valores particulares e possui seus próprios princípios reguladores. Esses princípios delimitam um espaço socialmente estruturado no qual agentes lutam, dependendo da posição que ocupam no espaço, ou para transformar ou para preservar suas fronteiras e forma [...]. Um campo é um sistema padronizado de forças objetivas (bem à maneira de um *campo magnético*), uma configuração relacional dotada de uma *gravidade* específica que ele impõe a todos os objetos e agentes que o adentram”.

de consumo cultural), e indicadores de sua tomada de posição (neste caso, opiniões políticas e morais) (KLÜGER, 2018).

É importante destacar que a interpretação dos gráficos gerados através da ACM deve ser ideal-típica, o que significa que as variáveis ou os indivíduos não estão posicionados em determinado polo ou quadrante de maneira determinista ou estanque, podendo apresentar características também de outros polos (FERNANDES e VIEIRA, 2019). Em razão de possuir esse viés-ideal típico de interpretação, a ACM também nos permite realizar análises tipológicas a partir da nuvem de indivíduos, formando *clusters* ou grupos que apresentam propriedades sociais, práticas e opiniões homogêneas.

A proximidade da técnica com a sociologia de Max Weber não se centra apenas na elaboração de tipologias, mas também na noção de “afinidades eletivas”, uma vez que apresenta, simultaneamente,

múltiplas direções possíveis para a causalidade entre variáveis (WEBER, 2006) em lugar de uma influência unidirecional de variáveis independentes sobre variáveis dependentes. (...). Nesse sentido, não se trata de uma relação de causalidade, mas de afinidades entre dois elementos que geram efeitos objetivos. (KLÜGER, 2018, p. 81).

Klüger (2018) aponta que, ainda que seja um elemento central nas obras de Bourdieu, a ACM como técnica metodológica adentra de forma tardia nas ciências sociais brasileiras, de maneira que ainda existem poucos trabalhos sociológicos que a empreguem, seja pelo fato de as principais obras que utilizam a ferramenta terem sido traduzidas recentemente ou ainda seguirem sem tradução para o português, seja pela dificuldade de transposição do saber teórico para aprendizados práticos.

Em conclusão, procurei mostrar, com estes breves comentários acerca da ACM, que existe uma afinidade fundamental entre uma sociologia relacional e a representação geométrica proporcionada pela técnica, uma vez que a mesma permite posicionar os agentes e as suas propriedades sociais uns em relação aos outros, dando sentido às proximidades e distâncias geradas e oferecendo elementos para compreendermos as tomadas de posição dos agentes a partir de suas posições no espaço social (KLÜGER, 2018).²⁸

²⁸ Para uma explicação mais detalhada da técnica de ACM, ver Le Roux e Rouanet (2010).

Minha intenção ao escolher a ACM como ferramenta metodológica é apresentar o espaço social das opiniões políticas e morais dos respondentes (variáveis ativas)²⁹ e verificar, a partir observação do posicionamento destas variáveis aos longos dos eixos do plano, qual é a relação das mesmas com as propriedades sociais e simbólicas dos participantes (variáveis suplementares)³⁰, na tentativa de apreender, sob uma ótica sociológica relacional, de que forma seus *habitus* de classe se relacionam com suas expressões de autoritarismo.

4.1. O mapeamento do espaço social de opiniões políticas e morais dos respondentes e seus *habitus* de classe

Conforme já exposto, a ACM é uma ferramenta metodológica que permite

materializar e sistematizar (...) o conjunto das relações estabelecidas de um esquema do espaço político, visando representar a maneira como as diferentes frações de classe se distribuem umas em relação às outras. (...). Esse espaço aparece imediatamente como uma deformação sistemática do espaço das classes e frações de classe distribuídas segundo o volume e a estrutura de seu capital. (BOURDIEU, 2015, p. 422).

A seguir, passo a expor e a analisar a representação gráfica do espaço social³¹ obtida por meio desta técnica. Contudo, antes apresentarei quais foram as variáveis ativas e suplementares utilizadas na construção dos gráficos, de maneira a facilitar a compreensão e a leitura das representações.

²⁹ As variáveis ativas são as que participam da construção do espaço representado pelo gráfico gerado pela ACM (KLÜGER, 2018).

³⁰“As variáveis suplementares (...) são projetadas no ponto médio de sua incidência no espaço tal qual gerado pelas variáveis ativas, sem alterar a configuração geométrica. As variáveis suplementares têm por função complementar a representação gerada pelas variáveis ativas, oferecendo informações adicionais para que o pesquisador interprete os quadros gerados pela ACM”. (GREENACRE; BLASIUS, 2006 *apud* KLÜGER, 2018, p. 80). As variáveis suplementares possuem peso ou massa zero, estando, portanto, desmagnetizadas, o que significa que não exercem forças de atração / repulsão e não contribuem para a orientação dos eixos. É importante ressaltar que a escolha das variáveis como ativas ou suplementares depende diretamente do tipo de questão que o pesquisador deseja responder, não havendo, portanto, nenhuma regra metodológica fixa que a determine. A única recomendação é que não classifiquemos como ativas variáveis de diferentes espécies. No presente trabalho, como minha intenção é mapear o campo das opiniões políticas e morais dos respondentes, optei por deixar as variáveis referentes a estas opiniões como ativas, e as demais, que se referem a níveis socioeconômicos e a hábitos de consumo cultural, como suplementares.

³¹ “O espaço social (...) é uma representação abstrata, produzida mediante um trabalho específico de construção e, à maneira de um mapa, proporciona uma visão panorâmica, um ponto de vista sobre o conjunto dos pontos a partir dos quais os agentes comuns (...) lançam seu olhar sobre o mundo social”. (BOURDIEU, 2015, p. 162).

A ACM, como já mencionado, foi elaborada por meio do programa SPAD, versão 9.1, e possui 19 variáveis ativas referentes às opiniões políticas e morais dos participantes³². São elas: candidatos nos quais os respondentes pretendiam votar em 2018 (“Candidatos” – com 7 categorias: “Marina Silva”, “Ciro Gomes”, “Fernando Haddad”, “Jair Bolsonaro”, “Guilherme Boulos”, “João Amoedo” e “Não vou votar”)³³; que tipo de presidente pensa que o Brasil precisa (“P29” – com 4 categorias: “presidenteassistencialista”, “presidenteconciliador”, “presidentetecnico” e “presidentelider”); a opinião sobre programas sociais (“P30” – com duas categorias: “+programassociais” e “-programassociais”)³⁴; qual seria a reação caso um filho se dissesse homossexual (“P31” – com duas categorias: “+aceitacaoafilhogay” e “-+aceitacaoafilhogay”)³⁵; se concorda ou não com a legalização do casamento gay (“P33” – com três categorias: “+casamentogay”, “=casamentogay” e “-casamentogay”)³⁶; a opinião sobre as condições dos presídios brasileiros (“P34” – com duas categorias: “+presídiosinadequados” e “-presídiosinadequados”)³⁷; se concorda ou não com a imigração (“P35” – com três categorias: “+xenofobia”, “=xenofobia” e “-xenofobia”)³⁸; a opinião sobre a Polícia Militar (“P37” – com duas categorias: “+PM” e “-PM”)³⁹; a opinião sobre quando a polícia deve usar a violência contra manifestantes (“P38” – com duas categorias: “-violenciacontrammanifestantes” e “+violenciacontrammanifestantes”)⁴⁰; se concorda ou não com a concessão do direito ao porte de armas (“P39” – com três

³² As perguntas do questionário que versam sobre as opiniões políticas e morais dos respondentes possuíam mais de duas categorias, as quais cresciam ou decresciam em termos de autoritarismo/conservadorismo. Contudo, para melhor trabalhar tais questões no programa SPAD, obtendo, assim, resultados estatísticos mais consistentes, julguei necessário recodificá-las para diminuir a quantidade de categorias, atribuindo os símbolos “+”, “=” e “-” para classificar as respostas mais e menos autoritárias/conservadoras. A recodificação é uma etapa essencial na preparação para a construção de uma ACM, para que haja equilíbrio entre o volume de respondentes e as faixas de frequência (KLÜGER, 2018).

³³ Ver nota de rodapé 19.

³⁴ O símbolo “+” indica que o respondente tende a ser favorável a programas sociais e, o símbolo “-”, que tende a ser desfavorável.

³⁵ O símbolo “+” indica que o respondente tende a aceitar a homossexualidade de um filho e, o símbolo “-”, que tende a não aceitar.

³⁶ O símbolo “+” indica que o respondente é favorável ao casamento gay; o símbolo “=”, que é indiferente; e o símbolo “-”, que é desfavorável.

³⁷ O símbolo “+” indica que o respondente tende a considerar os presídios brasileiros inadequados e, o símbolo “-”, que tende a não considerá-los inadequados.

³⁸ O símbolo “+” indica que o respondente é desfavorável à imigração; o símbolo “=”, que é indiferente; e o símbolo “-”, que é desfavorável.

³⁹ O símbolo “+” indica que o respondente tende a encarar a Polícia Militar de forma mais positiva e, o símbolo “-”, que tende a encará-la de forma mais negativa.

⁴⁰ O símbolo “+” indica que o respondente tende a ser favorável ao uso da violência, pela PM, em manifestações, o símbolo “-”, que tende a ser desfavorável.

categorias: “+arma”, “=arma” e “-arma”⁴¹; a opinião sobre pessoas praticam linchamento contra quem cometeu um crime (“P40” – com duas categorias: “-linchamento” e “+linchamento”)⁴²; se concorda ou não com a diminuição da maioria penal (“P41” – com três categorias: “-cadeia18”, “=cadeia18” e “+cadeia18”)⁴³; a opinião sobre a pena de morte (“P42” – com duas categorias: “-penademorte” e “+penademorte”)⁴⁴; se seria favorável a uma intervenção militar no Brasil (“P43” – com duas categorias: “-intervenciaomilitar” e “+intervenciaomilitar”)⁴⁵; a opinião sobre se hoje em dia há uma inversão de valores na sociedade (“P44” – com três categorias: “-inversaodevalores”, “=inversaodevalores” e “+inversaodevalores”)⁴⁶; a opinião sobre a política de cotas nas universidades (“P45” – com duas categorias: “+cota” e “-cota”)⁴⁷; a opinião sobre o uso de camisetas com o escrito “100% negro” e “100% branco” (“P46” – com duas categorias: “-camisa100% branco” e “+camisa100%branco”)⁴⁸; a opinião sobre a ausência de sucesso profissional (“P48” – com duas categorias: “-meritocracia” e “+meritocracia”)⁴⁹; e a opinião sobre a dominação do Brasil por países como Cuba, Venezuela ou Bolívia (“P49” – com três categorias: “-dominacaocomunista”, “=dominacaocomunista” e “+dominacaocomunista”)⁵⁰.

⁴¹ O símbolo “+” indica que o respondente é favorável ao porte de armas; o símbolo “=”, que é indiferente; e o símbolo “-”, que é desfavorável.

⁴² O símbolo “+” indica que o respondente tende a ser favorável ao linchamento e, o símbolo “-”, que tende a ser desfavorável.

⁴³ O símbolo “+” indica que o respondente é favorável à diminuição da maioria penal; o símbolo “=”, que é indiferente; e o símbolo “-”, que é desfavorável.

⁴⁴ O símbolo “+” indica que o respondente tende a ser favorável à pena de morte e, o símbolo “-”, que tende a ser desfavorável.

⁴⁵ O símbolo “+” indica que o respondente tende a ser favorável a uma intervenção militar no Brasil e, o símbolo “-”, que tende a ser desfavorável.

⁴⁶ O símbolo “+” indica que o respondente concorda que, hoje em dia, existe uma inversão de valores na sociedade (menos respeito à família, aos mais velhos e a outras autoridades e instituições); o símbolo “=”, que é indiferente; e o símbolo “-”, que discorda.

⁴⁷ O símbolo “+” indica que o respondente tende a ser favorável à política de cotas e, o símbolo “-”, que tende a ser desfavorável.

⁴⁸ O símbolo “+” indica que o respondente tende a ser favorável ao uso da camisa com o escrito “100%branco” e, o símbolo “-”, que tende a ser desfavorável.

⁴⁹ O símbolo “+” indica que o respondente tende a ser favorável à meritocracia e, o símbolo “-”, que tende a ser desfavorável.

⁵⁰ O símbolo “+” indica que o respondente concorda com uma possível dominação comunista no Brasil; o símbolo “=”, que é indiferente; e o símbolo “-”, que discorda.

Além das variáveis ativas⁵¹, 27 variáveis suplementares⁵² também compõem o espaço social mapeado, as quais, apesar de não contribuírem ativamente para a sua conformação, servem como ferramenta interpretativa para o posicionamento das variáveis ativas ao longo dos eixos. As variáveis suplementares se referem às características socioeconômicas dos respondentes, as suas propriedades sociais e aos seus hábitos de consumo cultural.

Variáveis suplementares referentes às características socioeconômicas dos respondentes e as suas propriedades sociais: sexo dos respondentes (“Sexo” – com duas categorias: “Masculino” e “Feminino”); renda familiar (“Renda_Fam” – com quatro categorias: “Menos de 1SM a 2SM”, “De 2 a 4SM”, “De 4 a 10SM” e “Acima de 10SM”); cor dos respondentes (“Cor” – com três categorias: “branca”, “preta” e “parda”); profissão da responsável de sexo feminino (“Prof_Resp_Fem” – com cinco categorias: “Manual não qualificada”, “Manual qualificada”, “Curso técnico e graduação”, “Superior econômico” e “Superior cultural”); profissão do responsável de sexo masculino (“Prof_Resp_Masc” – com cinco categorias: “Manual não qualificada”, “Manual qualificada”, “Curso técnico e graduação”, “Superior econômico” e “Superior cultural”); escolaridade da responsável de sexo feminino (“Escolaridade_Resp_Fem” – com quatro categorias: “Ensino Fundamental”, “Ensino Médio”, “Ensino Superior” e “Pós-Graduação”, incompletos ou completos); escolaridade do responsável de sexo masculino (“Escolaridade_Resp_Masc” – com quatro categorias: “Ensino Fundamental”, “Ensino Médio”, “Ensino Superior” e “Pós-Graduação”, incompletos ou completos); religião (“Religião” – com 5 categorias: “Católica”, “Evangélica e Cristã”, “Espírita e Budista”, “Umbanda”, “Agnósticos, ateus

⁵¹ As perguntas P32, P36 e P47 do questionário (localizado no apêndice A - página 118) não foram utilizadas na elaboração da ACM em razão de escolhas operacionais, uma vez que as mesmas concentram respostas que variaram muito pouco, isto é, a grande maioria dos respondentes optou pela mesma resposta. Utilizar tais variáveis prejudicaria uma boa conformação da nuvem, tornando-a muito dispersa, além de não ser interessante para as análises de correspondências múltiplas, as quais buscam explorar respostas opostas, ou seja, mais variadas, para distribuí-las ao longo dos eixos.

⁵² As variáveis suplementares são as ilustradas por formas geométricas vazias, transparentes. Nem todas as variáveis medidoras de aspectos socioeconômicos e hábitos de consumo cultural (suplementares) constantes do questionário (localizado no apêndice A - página 118) foram utilizadas na elaboração da ACM em razão de escolhas operacionais, uma vez que as mesmas concentram respostas que variaram muito pouco, isto é, a grande maioria dos respondentes optou pela mesma resposta. Utilizar tais variáveis prejudicaria uma boa conformação da nuvem, tornando-a muito dispersa, além de não ser interessante para as análises de correspondências múltiplas, as quais buscam explorar respostas opostas, ou seja, mais variadas, para distribuí-las ao longo dos eixos.

e sem religião”); e escolas (“Escola” – com 4 categorias: “PUB1”, “PAR2”, “PUB3” e “PAR4”).

Variáveis suplementares referentes aos hábitos de consumo cultural dos respondentes: se faz algum curso além da escola regular (“P13” – com duas categorias: “cursoextra+” e “cursoextra-”); o que pretende fazer quando acabar o ensino médio (“P14” – duas categorias: “ingressar em um curso superior” e “fazer curso técnico ou ingressar no mercado de trabalho”); se vai com frequência ao cinema (“P15a” – com duas categorias: “cinema+” e “cinema-”⁵³); se vai ao teatro com frequência (“P15b” – com duas categorias: “teatro+” e “teatro-”); se vai a shows com frequência (“P15d” – com duas categorias: “show+” e “show-”); se assiste televisão com frequência (“P15e” – com duas categorias: “TV+” e “TV-”); se vai a restaurantes com frequência (“P15f” – com duas categorias: “restaurante+” e “restaurante-”); se lê livros não didáticos com frequência (“P15g” – com duas categorias: “livros+” e “livros-”); se vai com frequência a museus (“P15h” – com duas categorias: “museu+” e “museu-”); se vai com frequência a clubes (“P15i” – com duas categorias: “clube+” e “clube-”); se vai com frequência a jogos de futebol (“P15j” – com duas categorias: “futebol+” e “futebol-”); se assiste filmes em casa com frequência (“P15k” – com duas categorias: “assistirfilmes+” e “assistirfilmes-”); se joga videogame com frequência (“P15m” – com duas categorias: “videogame+” e “videogame-”); quantos livros não didáticos possui em casa (“P20” – com quatro categorias: “0 livros”, “De 1 a 20 livros”, “De 20 a 50 livros” e “50 livros ou mais”); se os responsáveis têm o hábito de ler livros, exceto os religiosos (“P20a” – com duas categorias: “paislivros+” e “paislivros-”); se os responsáveis têm o hábito de ler revistas e jornais (“P20b” – com duas categorias: “paisrevjornais+” e “paisrevjornais-”); se os responsáveis incentivam a leitura (“P20c” – com duas categorias: “paisincentivamleitura+” e “paisincentivamleitura-”); e se possui o hábito de viajar a passeio (“P21” – com duas categorias: “hábitoviagem+” e “hábitoviagem-”).

É importante destacar que a análise dos gráficos gerados pela ACM deve se dar a partir da observação das oposições presentes nos eixos retidos para interpretação. No presente caso, os critérios estatísticos comumente considerados neste tipo de análise foram respeitados, de maneira que 82,4% da variância total foi explicada pelos primeiros

⁵³ As categorias referentes aos hábitos de consumo cultural estão representadas com os símbolos “+” e “-”, de modo que o “+” significa a prática daquela atividade e, o “-”, a não prática.

dois eixos (77,6% no eixo 1 e 4,8% no eixo 2, de acordo com a taxa modificada de Benzécri)⁵⁴, o que me permite desconsiderar a pertinência de um terceiro eixo, restando apenas os dois primeiros.

4.1.1. Eixo 1 – Autoritários/Conservadores x Progressistas

Para a interpretação dos eixos, é importante ter em mente que eles expressam oposições, as quais são percebidas por meio da observação das categorias que contribuem mais para a sua variância⁵⁵.

Interpretar um eixo requer que encontremos o que é similar, por um lado, entre todos os elementos que estão à direita do eixo e, por outro, entre todos os elementos que estão à esquerda; então, devemos expressar com concisão e precisão a oposição entre os dois extremos. (BENZÉCRI, 1992, p 405).

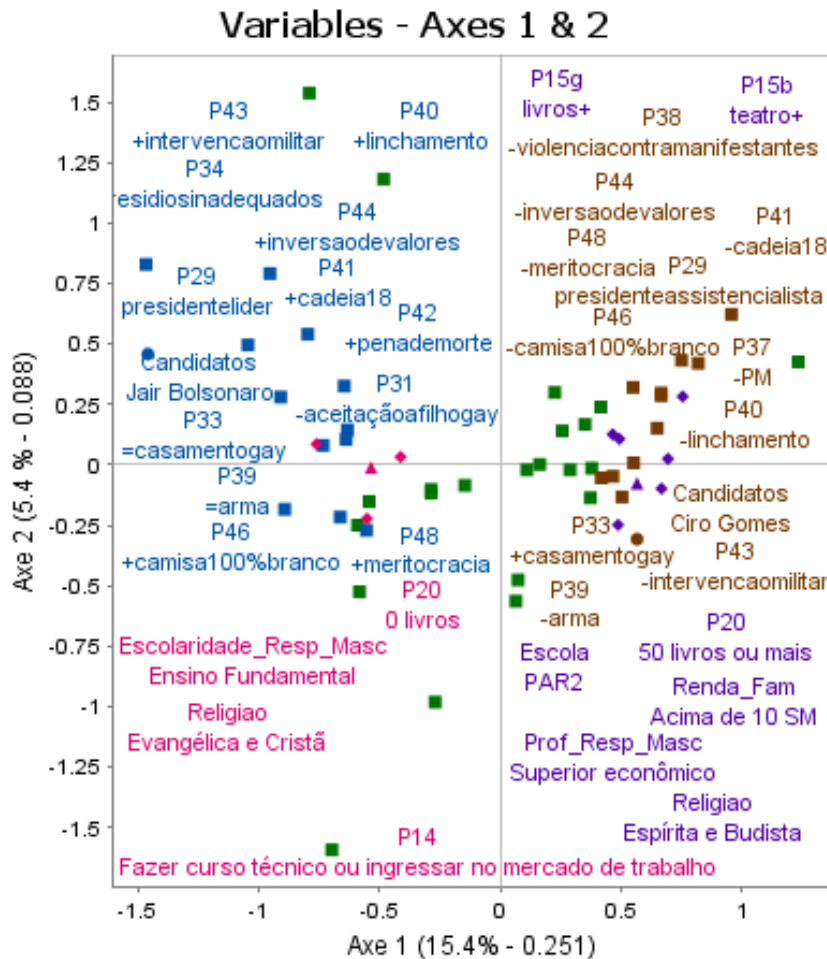
Vejamos a representação gráfica do eixo 1 (horizontal) na página a seguir.

⁵⁴ A tabela e o gráfico demonstrativos destes percentuais encontram-se nos apêndices B e C (p. 131 e 132).

⁵⁵ “A contribuição é uma medida essencial para a interpretação da representação visual do espaço social, pois indica a importância de determinada variável ou modalidade para a definição da estrutura e configuração das polarizações observadas ao longo dos eixos”. (KLÜGER, 2018, p. 85). A tabela com as demonstrações estatísticas acerca das contribuições das variáveis e categorias ativas para a conformação dos eixos 1 e 2 encontra-se nos apêndices D, E e G (páginas 133, 134 e 136, respectivamente).

Gráfico 1 – Espaço social das opiniões políticas e morais dos respondentes

(Eixo 1)



Legenda

■	Nominales actives	●	Candidatos - Jair Bolsonaro	■	P29 - presidentelider
■	P31 - -aceitaçãoofilhogay	■	P34 - -presidiosinadequados	■	P40 - +linchamento
■	P42 - +penademorte	■	P43 - +intervencaomilitar	■	P46 - +camisa100%branco
■	P48 - +meritocracia	■	P33 - =casamentogay	■	P39 - =arma
■	P44 - +inversaodevalores	●	Candidatos - Ciro Gomes	■	P41 - +cadeia18
■	P29 - presidenteassistencialista	■	P37 - -PM	■	P40 - -linchamento
■	P43 - -intervencaomilitar	■	P46 - -camisa100%branco	■	P48 - -meritocracia
■	P33 - +casamentogay	■	P39 - -arma	■	P41 - -cadeia18
■	P38 - -violenciacontramanifestantes	■	P44 - -inversaodevalores		
◆	P14 - Fazer curso técnico ou ingressar no mercado de trabalho	◆	P20 - 0 livros		
◆	Escolaridade_Resp_Masc - Ensino Fundamental	▲	Religiao - Evangélica e Cristã		
◆	P15b - teatro+	◆	P15g - livros+	◆	P20 - 50 livros ou mais
◆	Renda_Fam - Acima de 10 SM	◆	Escola - PAR2		
◆	Prof_Resp_Masc - Superior econômico	▲	Religiao - Espírita e Budista		

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados coletados na pesquisa.

Podemos notar, a partir da observação do gráfico 1, as homologias e oposições ao longo do eixo 1. As categorias que aparecem em azul e marrom são que contribuíram ativamente para a conformação do eixo, de modo que as primeiras se referem aos posicionamentos mais autoritários/conservadores e, a segundas, aos mais progressistas. As categorias em azul aparecem próximas entre si, do lado esquerdo do eixo, e opostas às categorias em marrom, as quais estão reunidas no lado direito do eixo.

As categorias que aparecem em verde também contribuíram de modo ativo para a formação do espaço, contudo, possuem contribuições abaixo da média para a conformação do eixo 1, motivo pelo qual não serão analisadas.

Por fim, as categorias suplementares importantes para a caracterização do eixo 1 aparecem em rosa e roxo. As categorias rosas são referentes ao lado autoritário/conservador do eixo e, as roxas, ao lado progressista.

Nesse sentido, o eixo 1, que explica a maior parte da variância de toda a nuvem (77,6%), possui como categorias ativas mais importantes⁵⁶, de um lado (direito), posições favoráveis à intervenção militar, à meritocracia, ao linchamento de pessoas que cometem crimes, à pena de morte, à redução da maioria penal e ao uso da camisa 100% branco, a crença de que existe uma inversão de valores na sociedade e de que os presídios brasileiros não são inadequados para receber os detentos, a indiferença à concessão do direito ao porte de armas e ao casamento gay, a preferência por um presidente líder e a intenção de voto em Jair Bolsonaro.

As categorias ativas que mais contribuem para a formação do eixo 1, de outro lado (esquerdo), são as que se referem a posicionamentos desfavoráveis à intervenção militar, à meritocracia, ao linchamento de pessoas que cometem crimes, à redução da maioria penal, ao uso da camisa 100% branco, à concessão do direito ao porte de armas e ao uso de violência contra manifestantes, a posicionamentos favoráveis ao casamento gay, a uma visão mais negativa da Política Militar, à preferência por um presidente assistencialista e à intenção de voto em Ciro Gomes.

Podemos notar, portanto, que a oposição principal que define e caracteriza o eixo 1 é, de um lado, posicionamentos políticos e morais mais autoritários/conservadores, expressados por pessoas que tinham a intenção de votar em Jair Bolsonaro e, de outro,

⁵⁶ As variáveis e categorias mais importantes para a conformação do eixo são aquelas que possuem uma contribuição acima da média.

posicionamentos políticos e morais mais progressistas, expressados por pessoas que tinham a intenção de votar em Ciro Gomes.

Em um sentido relacional, isso significa que os respondentes concentrados do lado mais autoritário do eixo 1 são homólogos entre si e opostos aos respondentes concentrados do lado mais progressista deste eixo.

A análise das variáveis suplementares que possuem influência na conformação do eixo 1⁵⁷ também é importante para a caracterização do mesmo. Nesse sentido, as categorias suplementares que conformam o lado autoritário deste eixo são as que se referem aos respondentes: evangélicos ou cristãos, que pretendem fazer um curso técnico ou ingressar diretamente no mercado de trabalho após a conclusão do ensino médio, que não possuem nenhum livro não didático, e cujos responsáveis de sexo masculino possuem apenas o ensino fundamental como escolaridade (incompleto ou completo).

Já as categorias suplementares que conformam o lado progressista do eixo 1 são as que se referem aos respondentes: espíritas ou budistas, que possuem 50 livros não didáticos ou mais, que leem livros não didáticos e declaram ir a peças de teatro com frequência, que se localizam na PAR2 (escola particular), que possuem renda familiar acima de 10 salários mínimos, e cujos responsáveis de sexo masculino possuem profissões de caráter superior econômico.

Podemos perceber, portanto, uma correlação positiva entre o lado autoritário/conservador do eixo 1 e um baixo capital cultural dos respondentes, associado ao fato de eles serem adeptos da religião evangélica. Do outro lado do eixo 1, caracterizado pelas posições mais progressistas, também podemos verificar uma correlação direta entre tais posições e respondentes que possuem um maior acúmulo de capital cultural e econômico, associado ao fato de eles serem adeptos das religiões espírita ou budista.

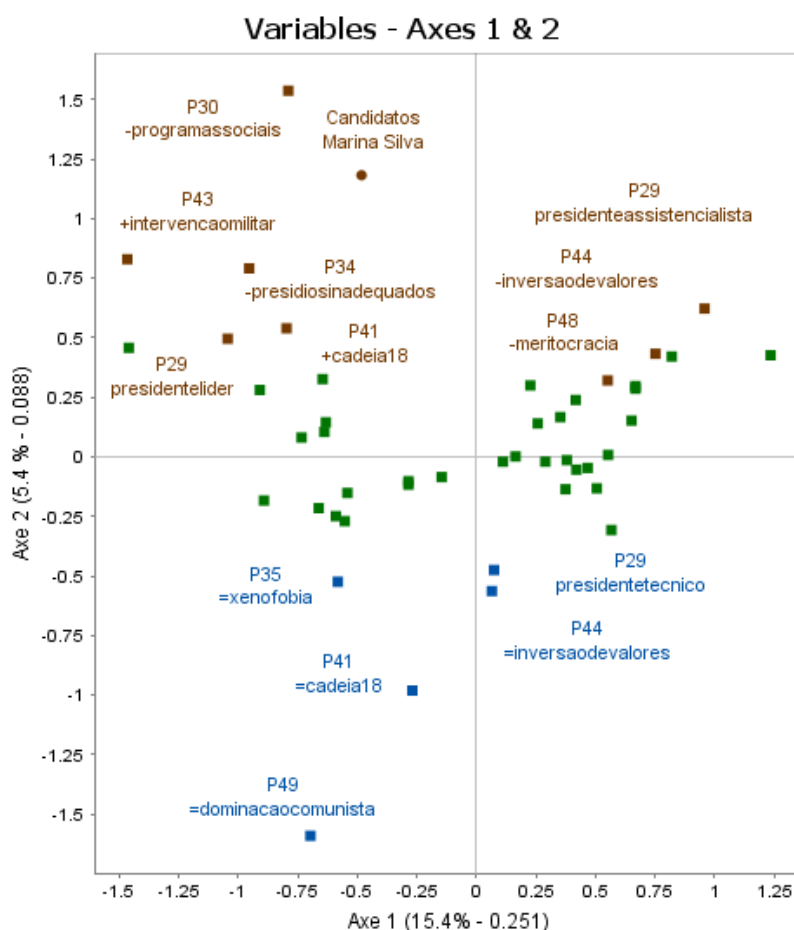
Tais constatações são semelhantes às percebidas quando analisei, no capítulo anterior, as correlações bivariadas entre o índice de autoritarismo e as propriedades sociais dos respondentes, por meio do programa SPSS.

⁵⁷ A tabela com as demonstrações estatísticas acerca das variáveis suplementares que são importantes para a caracterização do eixo 1 encontra-se no apêndice F (página 135).

4.1.2. Eixo 2 – Respondentes Passivos x Respondentes Ativos

Veamos, agora, a representação gráfica do eixo 2 (vertical), o qual explica em menor grau a variância total da nuvem (4,8%), mas revela uma oposição interessante.

Gráfico 2 – Espaço social das opiniões políticas e morais dos respondentes (Eixo 2)



Legenda

■ Nominais activos	■ P29 - presidentetecnico	■ P35 - =xenofobia
■ P41 - =cadeia18	■ P44 - =inversaodevalores	■ P49 - =dominacaocomunista
■ P29 - presidenteassistencialista	■ P29 - presidentelider	■ P30 - -programassociais
■ P34 - -presidiosinadequados	■ P41 - +cadeia18	■ P43 - +intervencao militar
■ P44 - -inversaodevalores	■ P48 - -meritocracia	● Candidatos - Marina Silva

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados coletados na pesquisa.

Podemos observar, a partir da observação do gráfico 2, as homologias e oposições ao longo do eixo 2. Novamente, as categorias que aparecem em azul e marrom são que contribuíram ativamente para a conformação do eixo, de maneira que as primeiras se referem aos posicionamentos indiferentes ou não posicionamentos dos respondentes e, a segundas, aos posicionamentos ativos. As categorias em azul aparecem próximas entre si, do inferior, e opostas às categorias em marrom, as quais estão reunidas no superior do eixo.

As categorias que aparecem em verde também contribuíram de modo ativo para a formação do espaço, contudo, possuem contribuições abaixo da média para a conformação do eixo 2, motivo pelo qual não serão analisadas.

As modalidades ativas mais importantes para a conformação do eixo 2 são, de um lado (inferior), posicionamentos indiferentes à possibilidade de uma dominação comunista do Brasil, à redução da maioria penal, à ideia de que pessoas não devem imigrar de uma país a outro (xenofobia) e à crença de existe uma inversão de valores na sociedade, além da preferência por um presidente técnico.

Do outro lado (superior), visualizamos as categorias ativas que se referem a posicionamentos desfavoráveis à meritocracia, à crença de que existe uma inversão de valores na sociedade, a programas sociais como o Bolsa Família e à ideia de que os presídios brasileiros são inadequados para receber os detentos, a posicionamentos favoráveis à redução da maioria penal e à intervenção militar, à preferência por um presidente líder ou assistencialista e à intenção de voto em Marina Silva.

Podemos observar, portanto, que o eixo 2 é definido e caracterizado, de um lado, por categorias que representam uma certa falta de posicionamento por parte dos respondentes, representada pela indiferença nas respostas (não concorda nem discorda) e, de outro, por posicionamentos ativos acerca das questões, sejam eles mais conservadores (são desfavoráveis à programas sociais como o Bolsa Família à ideia de que os presídios brasileiros são inadequados para receber os detentos e favoráveis à redução da maioria penal e à intervenção militar, além de terem preferência por um presidente líder) ou mais progressistas (são desfavoráveis à meritocracia e à crença de que existe uma inversão de valores na sociedade, além de preferirem um presidente assistencialista).

Acredito poder classificar este lado do eixo a partir da ideia de que ele seria formado por opiniões de respondentes que se enquadrariam num espectro de centro-

direita, em razão da presença de opiniões progressistas e conservadoras, o que é corroborado pelo fato de que ele também é conformado por participantes que indicaram voto em Marina Silva, candidata por mim classificada como sendo de centro-direita no capítulo em que apresentei as análises bivariadas dos dados.

Nenhuma categoria suplementar se mostrou relevante para a caracterização do eixo.

Para finalizar a exposição empírica acerca do mapeamento do espaço social das opiniões políticas e morais dos respondentes, apresento, no tópico a seguir, análises de clusters, cuja contribuição para uma visualização mais ampla das homologias e oposições observadas dentro do universo pesquisado será testada.

4.2. Construções tipológicas ou análises de clusters

As análises de clusters no programa SPAD, através do método Ward, minimizam a variância intraclasse e maximizam a variância interclasse, o que nos permite construir grupos compostos de indivíduos mais homogêneos entre si e diferentes em relação aos indivíduos dos outros grupos. Tal análise nos fornece um padrão de oposições, gerando tipos ideais dentro do universo estudado.

No universo em questão, composto por 214 indivíduos, foram gerados três clusters, ou seja, três perfis diferentes de indivíduos, com características semelhantes entre si e distintas em relação aos outros clusters⁵⁸. Passo, agora, a apresentá-los, de maneira a compreendermos melhor as homologias e oposições demonstradas por eles, as quais dizem respeito às expressões de seu autoritarismo e aos seus *habitus* de classe.

As barras azuis representam as categorias sobrerrepresentadas nos clusters, o que significa que a porcentagem de indivíduos que escolheu tais modalidades como resposta é maior dentro do grupo do que no universo como um todo. Já as barras laranjas representam as categorias sub-representadas nos cluster, o que significa que a porcentagem de indivíduos que escolheu tais modalidades como resposta é menor dentro do grupo do que no universo total.

⁵⁸ A escolha por trabalhar com 3 clusters foi feita a partir da observação do dendrograma gerado pelo programa SPAD. Ver Apêndice H na página 137.

Gráfico 3 – Cluster 1 (categorias ativas)

Caractérisation par les modalités des variables nominales
De la classe - Partition en 3 classes - Classe 1/3 (Effectif = 32 Pourcentage = 14.953)

Libellé de la variable	Modalité caractéristique	Valeur-Test	% de la modalité dans la classe	% modalité dans l'échantillon
Candidatos	Jair Bolsonaro	10.31	78.12	12.15
P43	+intervencao militar	8.61	65.62	11.21
P29	presidentelider	6.61	62.50	15.89
P39	+arma	5.10	37.50	8.41
P34	-presidios inadecuados	4.24	53.12	21.03
P42	+penademorte	4.17	68.75	34.11
P46	+camisa 100% branco	4.14	75	40.19
P33	-casamentogay	3.81	28.12	7.48
P40	+linchamento	3.69	71.88	40.65
P41	+cadeia 18	3.41	56.25	28.50
P48	+meritocracia	3.33	71.88	43.46
P33	=casamentogay	3.02	46.88	23.36
P44	+inverso de valores	2.76	50	27.57
P45	-cota	2.67	56.25	33.64
P49	=dominacao comunista	2.53	21.88	7.94
P39	=arma	2.48	37.50	19.16
P35	=xenofobia	2.34	40.62	22.43
P31	-aceitacaoofilhogay	2.04	34.38	19.16
P35	+xenofobia	1.96	9.38	2.34
P34	Réponses manquantes	-2.14	6.25	21.03
Candidatos	Não vou votar	-2.14	9.38	25.23
P31	+aceitacaoofilhogay	-2.15	50	68.22
P37	-PM	-2.25	3.12	17.29
P45	+cota	-2.47	31.25	52.80
P41	-cadeia 18	-2.54	21.88	43.46
P29	Réponses manquantes	-2.56	6.25	24.30
P29	presidente assistencialista	-2.56	0	14.02
P44	-inverso de valores	-2.62	6.25	24.77
P40	-linchamento	-2.85	18.75	42.52
P48	-meritocracia	-2.90	18.75	42.99
P42	-penademorte	-3.45	28.12	57.48
Candidatos	Ciro Gomes	-3.62	6.25	33.18
P35	-xenofobia	-3.85	37.50	69.16
P46	-camisa 100% branco	-4.25	9.38	42.99
P33	+casamentogay	-4.67	21.88	60.75
P39	-arma	-5.78	18.75	65.89
P43	-intervencao militar	-6.70	12.50	66.36

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados coletados na pesquisa.

Gráfico 4 – Cluster 1 (categorias suplementares)

Caractérisation par les modalités des variables nominales illustratives
De la classe - Partition en 3 classes - Classe 1/3 (Effectif = 32 Pourcentage = 14.953)

Libellé de la variable	Modalité caractéristique	Valeur-Test	% de la modalité dans la classe	% modalité dans l'échantillon
P15g	livros-	2.45	84.38	64.49
P21	habitoviagem+	2.38	93.75	77.10
P20b	paisrevjornais+	2.35	68.75	48.13
P15j	futebol+	2.21	34.38	18.22
Escolaridade_Resp_Masc	Réponses manquantes	-2.01	6.25	20.09
P14	Ingressar em um curso superior	-2.04	65.62	80.84
P15j	futebol-	-2.21	65.62	81.78
P20b	paisrevjornais-	-2.35	31.25	51.87
P21	habitoviagem-	-2.38	6.25	22.90
P15g	livros+	-2.45	15.62	35.51

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados coletados na pesquisa.

O cluster 1 (gráficos 3 e 4) reúne 14,95% dos respondentes do universo, agrupando participantes que, de modo geral, responderam ativamente às perguntas, isto é, não as deixaram sem respostas e nem as responderam com indiferença (não concorda nem discorda). Ao observarmos as categorias sobrerrepresentadas (barras azuis) no gráfico 3, podemos notar que elas se referem às respostas mais autoritárias/conservadoras e à intenção de voto em Jair Bolsonaro, em oposição às categorias sub-representadas (barras laranjas), as quais dizem respeito às respostas mais progressistas, à intenção de voto em Ciro Gomes e à abstenção ao voto (não vou votar).

Ao observarmos o gráfico 4, podemos notar que estão sobrerrepresentadas no cluster 1 (barras azuis) como características que definem mais os membros deste cluster do que os membros de toda a amostra, categorias indicam que os mesmos não possuem hábito de ler livros, frequentam jogos de futebol, possuem o hábito de viajar e possuem responsáveis que leem revistas e jornais.

Em resumo, este cluster reúne membros que possuem como características comuns respostas políticas e morais de cunho mais autoritário/conservador e um hábito não muito frequente no que toca a práticas culturais mais distintivas. Contudo, pouco se pode afirmar a respeito de seu nível de capital cultural acumulado se observamos apenas a sua inclusão no cluster e não o seu posicionamento geral ao longo do eixo 1 (gráficos 1 e 9).

Gráfico 5 – Cluster 2 (categorias ativas)

☐ Caractérisation par les modalités des variables nominales
De la classe - Partition en 3 classes - Classe 2/3 (Effectif = 105 Pourcentage = 49.065)

Libellé de la variable	Modalité caractéristique	Valeur-Test	% de la modalité dans la classe	% modalité dans l'échantillon
P43	Réponses manquantes	5.03	37.14	22.43
Candidatos	Não vou votar	4.81	40	25.23
P34	Réponses manquantes	4.25	33.33	21.03
P49	Réponses manquantes	4.00	46.67	33.18
P41	=cadeia18	3.88	29.52	18.69
P40	+linchamento	3.58	53.33	40.65
P29	Réponses manquantes	3.21	34.29	24.30
P46	+camisa100%branco	3.16	51.43	40.19
P38	+violenciacontramanifestantes	3.15	71.43	60.28
P39	=arma	2.94	27.62	19.16
P33	Réponses manquantes	2.87	14.29	8.41
P41	Réponses manquantes	2.73	15.24	9.35
Candidatos	João Amoêdo	2.50	6.67	3.27
P30	Réponses manquantes	2.41	21.90	15.42
P41	+cadeia18	2.30	36.19	28.50
P33	=casamentogay	2.26	30.48	23.36
P31	-aceitaçãoofilhogay	2.23	25.71	19.16
P31	Réponses manquantes	2.18	18.10	12.62
P48	+meritocracia	2.17	51.43	43.46
P45	Réponses manquantes	2.12	19.05	13.55
P39	Réponses manquantes	2.04	10.48	6.54
P44	+inversaodevalores	2.01	34.29	27.57
P37	-PM	-2.06	11.43	17.29
Candidatos	Ciro Gomes	-2.14	25.71	33.18
P39	-arma	-2.80	56.19	65.89
Candidatos	Gulherme Boulos	-2.89	0	4.21
P30	+programassociais	-3.00	69.52	78.50
P45	+cota	-3.28	40.95	52.80
P33	+casamentogay	-3.46	48.57	60.75
P48	-meritocracia	-3.51	30.48	42.99
P31	+aceitacaoofilhogay	-3.59	56.19	68.22
P44	-inversaodevalores	-3.70	13.33	24.77
P43	+intervencao militar	-3.75	2.86	11.21
P29	presidenteassistencialista	-3.75	4.76	14.02
P49	-dominacao comunista	-3.84	40.95	54.67
P40	-linchamento	-3.94	28.57	42.52
P34	+presidiosinadequados	-4.00	43.81	57.94
P46	-camisa100%branco	-4.36	27.62	42.99
P38	-violenciacontramanifestantes	-4.43	12.38	26.17
Candidatos	Jair Bolsonaro	-5.12	0.95	12.15
P41	-cadeia18	-7.09	19.05	43.46

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados coletados na pesquisa.

Gráfico 6 – Cluster 2 (categorias suplementares)

Caractérisation par les modalités des variables nominales illustratives
De la classe - Partition en 3 classes - Classe 2/3 (Effectif = 105 Pourcentage = 49.065)

Libellé de la variable	Modalité caractéristique	Valeur-Test	% de la modalité dans la classe	% modalité dans l'échantillon
Religiao	Evangélica e Cristã	2.73	32.38	23.83
P20c	paísesincentivamleitura-	2.62	46.67	37.38
P20	0 livros	2.61	16.19	10.28
P15g	livros-	2.52	73.33	64.49
P13	cursoextra-	2.33	58.10	49.53
P21	habitoviagem-	2.11	29.52	22.90
Escolaridade_Resp_Masc	Ensino Fundamental	1.99	35.24	28.50
Prof_Resp_Fem	Manual qualificada	-1.96	13.33	19.16
P21	habitoviagem+	-2.11	70.48	77.10
Religiao	Agnósticos, ateus e sem religião	-2.14	16.19	22.90
P14	Ingressar em um curso superior	-2.23	74.29	80.84
Escolaridade_Resp_Masc	Pós-Graduação	-2.29	0.95	4.67
P13	cursoextra+	-2.33	41.90	50.47
Cor	Branca	-2.46	42.86	51.87
P15g	livros+	-2.52	26.67	35.51
P20c	paísesincentivamleitura+	-2.62	53.33	62.62
P20	50 livros ou mais	-2.71	2.86	8.41
Escola	PAR2	-3.42	7.62	16.82

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados na pesquisa.

O cluster 2 (gráficos 5 e 6) reúne 49% dos respondentes do universo, ou seja, quase metade da amostra. Ao observarmos as categorias sobrerrepresentadas no gráfico 5 (barras azuis), podemos notar que elas se referem tanto a participantes que deram respostas ativas mais autoritárias e conservadoras quanto a participantes que deixaram de responder as perguntas ou as responderam com indiferença (não concorda nem discorda), além de também indicarem primazia daqueles que iriam se abster de votar, em oposição às categorias sub-representadas (barras laranjas), as quais dizem respeito às respostas mais progressistas e à intenção de voto em Ciro Gomes e Guilherme Boulos.

Ao observarmos o gráfico 6, podemos notar que estão sobrerrepresentadas no cluster 2 (barras azuis), como características que definem mais os membros deste cluster do que os membros de toda a amostra, categorias que indicam que os mesmos são evangélicos ou cristãos, não possuem nenhum livro não didático em casa e não têm o hábito de ler livros não didáticos, além de seus responsáveis não incentivarem a leitura em casa, não fazem nenhum curso além das atividades escolares e possuem responsáveis

de sexo masculino cujo nível de escolaridade é o Ensino Fundamental, sendo detentores, portanto, de um baixo capital cultural.

Em oposição, podemos observar como categorias sub-representadas neste cluster, ou seja, as menos definidoras de seus membros, as que se referem a respondentes que: possuem práticas culturais positivas e responsáveis de sexo masculino com pós-graduação, são agnósticos, ateus ou sem religião, são alunos da PAR2 e são brancos.

Resumindo, o cluster 2 reúne indivíduos que possuem como características comuns o fato de não responderem às questões de cunho político e moral e, quando o fazem, optam por respostas mais autoritárias/conservadoras, além de possuírem um baixo capital cultural.

Gráfico 7 – Cluster 3 (categorias ativas)

Caractérisation par les modalités des variables nominales
De la classe - Partition en 3 classes - Classe 3/3 (Effectif = 77 Pourcentage = 35.981)

Libellé de la variable	Modalité caractéristique	Valeur-Test	% de la modalité dans la classe	% modalité dans l'échantillon
P41	-cadeia18	9.52	85.71	43.46
P39	-arma	8.29	98.70	65.89
P43	-intervencao militar	7.82	97.40	66.36
P33	+casamentogay	7.74	93.51	60.75
P46	-camisa100%branco	7.73	77.92	42.99
P40	-linchamento	6.32	71.43	42.52
P34	+presidiosinadequados	5.94	84.42	57.94
P48	-meritocracia	5.91	70.13	42.99
P38	-violenciacontramanifestantes	5.88	50.65	26.17
P31	+aceitacaoafilhogay	5.86	92.21	68.22
P49	-dominacao comunista	5.70	80.52	54.67
P44	-inversao de valores	5.68	48.05	24.77
P29	presidenteassistencialista	5.57	32.47	14.02
P45	+cota	5.49	77.92	52.80
Candidatos	Ciro Gomes	4.79	54.55	33.18
P42	-penademorte	4.48	77.92	57.48
P35	-xenofobia	4.25	87.01	69.16
Candidatos	Gulherme Boulos	3.80	11.69	4.21
P37	-PM	3.77	31.17	17.29
P30	+programassociais	3.67	92.21	78.50
P49	=dominacao comunista	-2.00	2.60	7.94
P30	-programassociais	-2.01	1.30	6.07
P35	Réponses manquantes	-2.01	1.30	6.07
P37	Réponses manquantes	-2.02	3.90	9.81
P45	Réponses manquantes	-2.12	6.49	13.55
P49	+dominacao comunista	-2.14	0	4.21
P33	Réponses manquantes	-2.15	2.60	8.41
P39	Réponses manquantes	-2.18	1.30	6.54
P41	Réponses manquantes	-2.44	2.60	9.35
P30	Réponses manquantes	-2.63	6.49	15.42
P34	Réponses manquantes	-2.78	10.39	21.03
P31	Réponses manquantes	-2.83	3.90	12.62
P35	=xenofobia	-3.11	10.39	22.43
P33	-casamentogay	-3.25	0	7.48
Candidatos	Não vou votar	-3.38	11.69	25.23
P39	+arma	-3.53	0	8.41
P49	Réponses manquantes	-3.75	16.88	33.18
P41	=cadeia18	-3.87	5.19	18.69
P45	-cota	-4.17	15.58	33.64
P43	+intervencao militar	-4.26	0	11.21
P34	-presidiosinadequados	-4.40	5.19	21.03
P31	-aceitacaoafilhogay	-4.43	3.90	19.16
Candidatos	Jair Bolsonaro	-4.49	0	12.15
P42	+penademorte	-4.60	14.29	34.11
P44	+inversao de valores	-4.62	9.09	27.57
P38	+violenciacontramanifestantes	-4.63	38.96	60.28
P29	presidentelider	-4.71	1.30	15.89
P48	+meritocracia	-4.99	20.78	43.46
P33	=casamentogay	-5.34	3.90	23.36
P41	+cadeia18	-5.57	6.49	28.50
P43	Réponses manquantes	-5.60	2.60	22.43
P39	=arma	-6.02	0	19.16
P46	+camisa100%branco	-6.87	10.39	40.19
P40	+linchamento	-6.97	10.39	40.65

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados coletados na pesquisa.

Gráfico 8 – Cluster 3 (categorias suplementares)

Caractérisation par les modalités des variables nominales illustratives
De la classe - Partition en 3 classes - Classe 3/3 (Effectif = 77 Pourcentage = 35.981)

Libellé de la variable	Modalité caractéristique	Valeur-Test	% de la modalité dans la classe	% modalité dans l'échantillon
P15g	livros+	4.49	55.84	35.51
P14	Ingressar em um curso superior	4.43	96.10	80.84
Escola	PAR2	4.32	32.47	16.82
P20	50 livros ou mais	3.03	16.88	8.41
Sexo	Feminino	2.97	75.32	61.68
Prof_Resp_Fem	Manual qualificada	2.76	29.87	19.16
Cor	Branca	2.74	64.94	51.87
Escolaridade_Resp_Masc	Pós-Graduação	2.58	10.39	4.67
P20c	paísescentivamleitura+	2.47	74.03	62.62
Religiao	Agnósticos, ateus e sem religião	2.30	32.47	22.90
Renda_Fam	Acima de 10 SM	2.24	12.99	7.01
Escolaridade_Resp_Fem	Ensino Superior	2.08	24.68	16.82
Prof_Resp_Masc	Superior econômico	1.99	12.99	7.48
Religiao	Umbanda	1.98	6.49	2.80
Renda_Fam	Menos de 1 SM a 2 SM	-2.02	35.06	44.86
Prof_Resp_Masc	Manual não qualificada	-2.16	25.97	35.98
Escolaridade_Resp_Fem	Ensino Fundamental	-2.26	22.08	32.24
P20c	paísescentivamleitura-	-2.47	25.97	37.38
P14	Fazer curso técnico ou ingressar no mercado...	-2.58	2.60	9.81
Escola	PUB1	-2.63	11.69	21.96
P20	0 livros	-2.72	2.60	10.28
Prof_Resp_Fem	Manual não qualificada	-2.93	40.26	54.21
Sexo	Masculino	-2.97	24.68	38.32
P14	Réponses manquantes	-3.06	1.30	9.35
Escolaridade_Resp_Masc	Ensino Fundamental	-3.40	14.29	28.50
Religiao	Evangélica e Cristã	-4.19	7.79	23.83
P15g	livros-	-4.49	44.16	64.49

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados coletados na pesquisa.

O cluster 3 (gráficos 7 e 8) reúne 35,98% dos respondentes do universo, agrupando participantes que, de modo geral, responderam ativamente às perguntas, isto é, não as deixaram sem respostas e nem as responderam com indiferença (não concorda nem discorda). Ao observarmos as categorias sobrerrepresentadas (barras azuis) no gráfico 7, podemos notar que elas se referem às respostas mais progressistas em termos políticos e morais e à intenção de voto em Ciro Gomes e Guilherme Boulos, em oposição às categorias sub-representadas (barras laranjas), as quais dizem respeito às respostas mais autoritárias/conservadoras, às “não respostas” ou respostas indiferentes, à intenção de voto em Jair Bolsonaro e à abstenção ao voto.

Ao observarmos o gráfico 8, podemos notar que estão sobrerrepresentadas no cluster 2 (barras azuis), como características que definem mais os membros deste cluster do que os membros de toda a amostra, categorias que indicam que os mesmos são agnósticos, ateus ou sem religião, são brancos, possuem 50 livros não didáticos ou mais em casa e têm o hábito de ler livros não didáticos, além de seus responsáveis incentivarem a leitura em casa, pretender ingressar em um curso superior quando concluírem o ensino médio, são do sexo feminino, possuem renda familiar acima de 10 salários mínimos, possuem responsáveis de sexo feminino cuja escolaridade é “ensino superior” (incompleto ou completo) e responsáveis de sexo masculino cuja profissão é classificada na categoria “superior econômico” e são alunos da PAR2. Tais características demonstram que este cluster concentra os indivíduos que possuem os maiores níveis acumulados de capital cultural e econômico de toda a amostra.

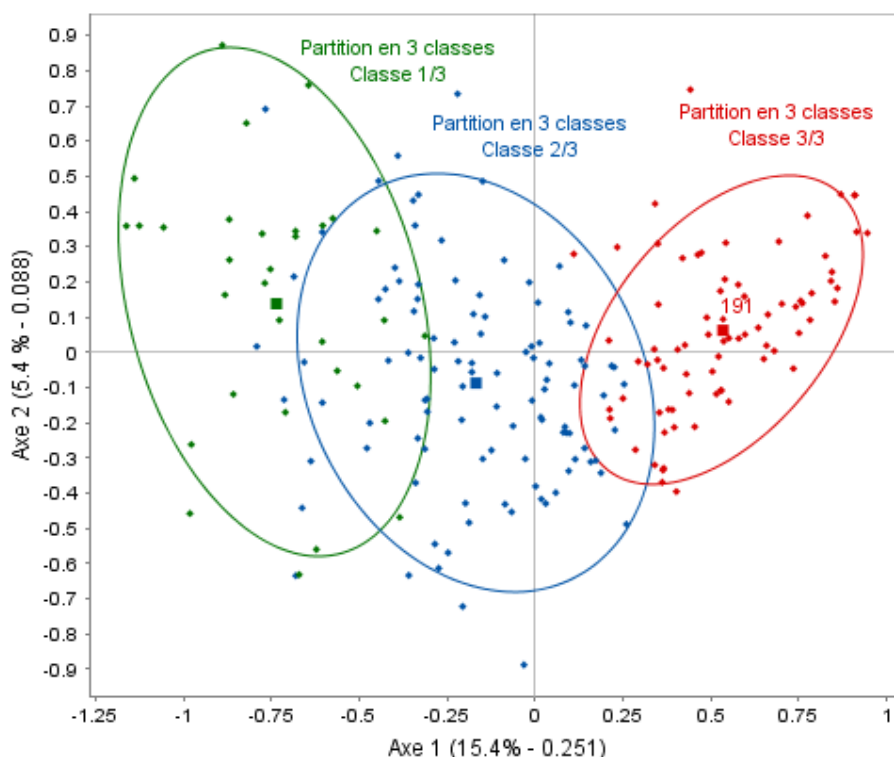
Em oposição, podemos observar como categorias sub-representadas neste cluster, ou seja, as menos definidoras de seus membros, as que se referem a respondentes que: são evangélicos ou cristãos, não praticam atividades culturais com frequência, pretendem fazer curso técnico ou ingressar diretamente no mercado de trabalho após a conclusão do ensino médio, são do sexo masculino, possuem renda familiar de até dois salários mínimos, possuem responsáveis cuja escolaridade é “ensino fundamental”, possuem responsáveis de sexo feminino cuja profissão é classificada na categoria “manual não qualificada” e são alunos da PUB1.

Em resumo, o cluster 3 reúne indivíduos que respondem as perguntas de cunho político ou moral de forma mais progressista, sendo, ao mesmo tempo, aqueles que possuem, em comparação com os outros clusters e com a amostra como um todo, os maiores níveis acumulados de capital econômico e cultural.

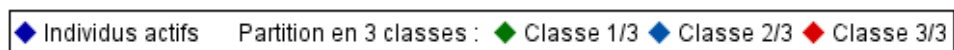
Apresento, a seguir, a nuvem de indivíduos gerada pela ACM, com elipses que representam os clusters acima descritos.

Gráfico 9 – Os clusters na nuvem de indivíduos

Individus - Axes 1 & 2



Legenda



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados coletados na pesquisa.

Conforme podemos notar, os clusters 1 e 2 (elipses verde e azul) concentram majoritariamente os indivíduos posicionados do lado esquerdo do eixo 1, que é o lado representante das opiniões mais autoritárias/conservadoras, bem como de categorias que indicam um menor capital cultural dos respondentes (gráfico 1). O cluster 2 (azul) também concentra a maioria dos indivíduos posicionados no lado inferior do eixo 2

(gráfico 2), representante das respostas indiferentes ou passivas, que podem ser consideradas um tipo de não-resposta.

Por outro lado, o cluster 3 (elipse vermelha) engloba a maioria dos respondentes posicionados do lado direito do eixo 1 (gráfico 1), representante das opiniões ativas mais progressistas e das categorias que indicam um maior nível de capital cultural e econômico dos indivíduos.

4.3. Interpretação do espaço social

Como é possível notar nos gráficos anteriormente apresentados, o espaço social das opiniões políticas e morais dos respondentes se estrutura a partir das oposições entre opiniões mais autoritárias/conservadoras e opiniões mais progressistas, tendo como influência variáveis que se referem ao seu nível acumulado de capital cultural e de capital econômico e a sua religião.

Bourdieu (2015), no capítulo 8 de *A Distinção*, demonstra, sobretudo a partir de análises de dados obtidos de pesquisas de opinião realizadas por institutos franceses (SOFRES e IFOP) entre as décadas de 1960 e 1970, que

é impossível interpretar adequadamente as opiniões registradas, ou seja, tornadas explícitas, a não ser com a condição de ter em mente que, em sua existência e significação, elas dependem da probabilidade (absoluta) de produzir uma opinião que varia (...) segundo as propriedades dos respondentes (p. 373).

No sentido que aqui nos interessa, o autor aponta o *ethos* de classe como um dos princípios que permite engendrar repostas objetivamente coerentes entre si e compatíveis com os postulados de uma relação prática com o mundo, encontrando seu fundamento não em uma consciência vigilante e universalmente competente, mas sim nos esquemas de pensamento e de ação implícitos de um *habitus* de classe (BOURDIEU, 2015).

Isso significa que a relação entre a classe social e as opiniões políticas e morais manifestadas pelos respondentes varia de acordo com a classe social, ou seja, segundo o modo mais frequente de produção de opinião nessa classe, baseado na sua experiência comum (BOURDIEU, 2015).

Os agentes mais desprovidos de capitais (econômico, cultural, político, escolar etc.), afastados, portanto, da lógica da produção problemática em razão de sua

incompetência estatutária, não conseguem apreender uma questão que lhes é perguntada senão em razão da sua experiência prática, a qual engendra uma resposta prática, isto é, ética.

Sendo assim, tais respondentes têm todas as possibilidades de estarem situados polo do campo representado pelos defensores da ordem moral e da ordem social, mostrando-se mais conservadores⁵⁹, o que corrobora teses sobre o autoritarismo das classes populares, como a de Lipset, apresentada por Bourdieu (2015).

Lipset fundamenta sua sociodiceia da democracia norte-americana em uma constatação semelhante: (...) os membros das classes populares mostram-se mais “autoritários” “quando o liberalismo é definido em termos não econômicos” – ou seja, quando estão em questão as liberdades cívicas. (...). Por terem o autoritarismo por natureza é que as classes populares podem aderir, com conhecimento de causa, a ideologias autoritárias; por serem levadas a uma visão simplista e maniqueísta da política por sua intolerância é que elas não esperam a mudança de sua condição a não ser por meio de transformações rápidas e brutais. (LIPSET *apud* BOURDIEU, 2015).

Segundo Bourdieu (2015), tais manifestações são melhores percebidas em momentos de crise, como a que estamos vivenciando atualmente no Brasil, os quais colocam em questão os esquemas de pensamento coletivo. Nessas situações, os mais desprovidos do ponto de vista político, que são também, em geral, os mais desprovidos de ponto de vista econômico e cultural, aplicam a problemas políticos referências de percepção e apreciação que expressam o seu autoritarismo e conservadorismo.

Nesse sentido, aponta FERNANDES (1979) que

a sociedade capitalista contém toda uma rede de relações autoritárias, normalmente incorporadas às instituições, estruturas, ideologias e processos sociais, e potencialmente aptas a oscilar em função de alterações do contexto (ou, mesmo, de conjunturas adversas), tendendo a exacerbar-se como uma forma de autodefesa dos interesses econômicos, sociais e políticos das classes possuidoras e dominantes (ao nível institucional ou ao nível global). O que Horkheimer, Adorno e outros fizeram com relação ao nazismo – o que é a potencialidade fascista – poder-se-ia fazer em um plano mais geral: como as potencialidades autoritárias, intrínsecas ao capitalismo, crescem com a passagem para a fase de crise e de possível desmoronamento. (FERNANDES, 1979, p. 13).

Quando as questões formuladas se situam na região intermediária entre a política e a moral, é possível perceber uma maior contaminação da política pela moral entre os

⁵⁹ Pierucci (1999, p. 54/55), retomando o estudo de Karl Mannheim sobre o pensamento conservador, aponta como uma das principais características desse modo de vida e pensamento a forma como ele se apega ao imediato, ao real, ao concreto. Nesse sentido, o pensamento conservador é um dispositivo anti-universalista de enraizamento dos humanos.

agentes que, em razão da sua posição no espaço social, posição esta estruturante e estruturada pelo seu *habitus* de classe, estão mais predispostos a uma percepção moral do mundo social (BOURDIEU, 2015).

É por intermédio, portanto, do *habitus*, elemento que define a relação entre as posições ocupadas pelos indivíduos as suas tomadas de posição no espaço social, que vai se dar a distribuição das opiniões políticas entre a esquerda e a direita, em razão da distribuição das frações de classe no espaço definido pelas dimensões do volume da estrutura do capital global detido pelos agentes que o conformam (BOURDIEU, 2015).

Bourdieu (2015) demonstra, portanto, que as escolhas políticas não são independentes, mas sim pautadas pela classe social à qual o indivíduo pertença. Nesse sentido, as opiniões políticas são representações explícitas e sistemáticas da visão que os agentes detêm do mundo social, visão esta que é determinada pela posição que os mesmos ocupem no campo. O autor acrescenta, ainda, que “as possibilidades de que a ‘escolha’ política esteja limitada a uma resposta *politicamente cega* do *ethos* de classe aumentam (...) à medida que se desce na hierarquia dos níveis de instrução ou das posições sociais. (p. 428).

Sendo assim, a contaminação da política pela moral não poupa os membros das classes populares, o que se manifesta por meio da rejeição da “política” e dos “politiqueiros”, engendrando abstencionismos ou conservadorismos. Isso acontece em razão da incompetência estatutária dos membros destas classes, o que as distancia da linguagem política, globalmente situada, como tudo o que é simbólico, do lado da classe dominante, maior detentora de capitais. O não conhecimento das regras que definem este outro lado do campo provoca, nos desprovidos, um apolitismo e uma desconfiança generalizada em relação à toda espécie de fala e de porta-voz políticos (BOURDIEU, 2015).

É possível verificar essas considerações de Bourdieu ao analisarmos a composição dos clusters anteriormente apresentados, construídos a partir da ACM.

O cluster 2, composto sobretudo por respondentes detentores de baixo capital cultural e que optaram por respostas mais autoritárias/conservadoras ou por não responder a algumas questões, além de indicarem que não pretendiam votar nas eleições de 2018, é um bom exemplo de como o apolitismo ou a contaminação da política pela moral estão associados diretamente aos mais desprovidos de capital ou às classes populares.

Da mesma forma, podemos notar que o cluster 3, formado por participantes que respondem ativamente às questões de forma mais progressista e que possuem maiores níveis acumulados de capital, é uma representação da posição dominante dos membros que o constituem, o que os possibilita formar julgamentos menos contaminados por questões éticas e pela experiência sensível, e mais orientados por valores “universais” e “humanistas”.

Ribeiro (2016), em estudo acadêmico que também se serviu de um método comparativo de opiniões políticas e morais de jovens de diferentes classes sociais, contudo, no âmbito da recepção do discurso de telejornais policiais, constatou, da mesma forma que a presente pesquisa, uma associação direta entre as propriedades sociais de uma classe e as manifestações de seu conservadorismo ou progressismo. Nesse sentido, o autor aponta que

o discurso humanitário é normalmente possibilitado por uma situação de classe favorável que faz com que as privações não sejam experimentadas como urgências que impedem o próprio pensamento. Os jovens de classe popular que investiguei não dispõem dos privilégios advindos desta condição, uma vez que experimentam realidade bem mais precária. Entre os alunos de classe média (...), a dedicação à atividade escolar, possibilitada por um ambiente de classe favorável, reflete-se no humanismo generalizado presente nos discursos. No caso em questão, este humanismo consegue superar, pelo menos no âmbito do discurso, a discriminação da pobreza, que costuma estar atrelada à defesa liberal da meritocracia. (p. 186).

Nesse aspecto, é importante compreendermos a importância sociológica das “não respostas”, situação verificada, dentro do universo pesquisado, sobretudo no cluster 2.

4.3.1. As “não respostas”

Bourdieu (2015) chama a atenção para a relevância sociológica das “não respostas”, problematizando o fato de que as perguntas elaboradas na tentativa de apreender a “opinião pessoal” dos respondentes pressupõem que todos possuem, igualmente, não só o direito, mas o poder de produzir tais julgamentos. Segundo o autor, bastaria observar que grande parte dos que se abstém vem das “massas” para perceber que o abstencionismo não é uma falha da democracia liberal, mas sim uma forma de contribuição para a manutenção da ordem estabelecida no sistema, uma vez que “[...]”

aqueles que, de qualquer modo, teriam sido excluídos pela seleção tecnocrática, são levados a se excluir ‘livremente’ do jogo democrático”. (p. 378).

O autor constata, portanto, que

a competência no sentido de capacidade técnica – cultura política – varia como a competência no sentido de capacidade socialmente reconhecida, de atributo e de atribuição estatutários, cujo avesso é, ao mesmo tempo, incapacidade e exclusão objetiva (“isso não é comigo”) e subjetiva (“isso não me interessa”). (BOURDIEU, 2015, p. 373).

As possibilidades de resposta dependem, portanto, da relação entre uma questão e um agente definido por determinada competência, a qual engendra, também, as oportunidades de exercê-la. Nesse sentido, o interesse ou a indiferença pela política dependem das possibilidades ou das oportunidades de que o agente dispõe para fazer uso do poder político, ou seja, a indiferença é apenas uma manifestação da incapacidade. A propensão para tomar a palavra, produzindo, neste caso, respostas ativas, é estritamente proporcional ao sentimento de ter direito à palavra (BOURDIEU, 2015).

É por isso que Bourdieu (2015) aponta que a parcela das não respostas é mais elevada, de maneira geral, entre os menos instruídos que entre os mais instruídos, diminuindo à medida se sobe na hierarquia social. Em razão disso, o espaço social fica dividido, observando-se, de um lado, os agentes que admitem que a política não lhes diz respeito e que abdicam dos direitos formais que uma visão de mundo universalista os reconhece por serem desprovidos dos meios reais de exercê-los (situação observada no cluster 2) e, do outro, os agentes que se sentem no direito de pretender manifestar sua “opinião pessoal”, que é monopólio dos competentes (situação observada no cluster 3).

Em suma, é justamente pelo fato de não terem acesso à chamada “cultura legítima”, estruturada pelos agentes que possuem maiores níveis de capital escolar, cultural e econômico (os quais também são estruturados por ela), que os desprovidos destes capitais manifestam uma incapacidade de produzir respostas politicamente orientadas, restando a eles apenas a possibilidade de responder às questões de acordo com seu *ethos* de classe, ou seja, com base em argumentos morais (e muitas vezes conservadores) resultantes de suas experiências concretas ou de simplesmente se absterem (BOURDIEU, 2015).

É o caso, evidentemente, quando esta ou aquela questão, já constituída politicamente por este ou aquele grupo político, portanto, para o conjunto do

campo da produção ideológica, não o é para aqueles que, afastados da lógica da produção da problemática por sua incompetência estatutária, não podem apreendê-la a não ser como uma questão da experiência “prática” que faz apelo a uma resposta prática, ou seja, ética. É assim que os mais desprovidos de competência política específica tem todas as possibilidades de se situar no campo dos defensores da ordem moral e da ordem social e, até mesmo, de se mostrar mais conservadores, neste domínio, que os conservadores da ordem social, sempre que são levados a apreender, segundo as categorias do *ethos* de classe, determinados problemas já constituídos politicamente no nível do campo da produção ideológica. (BOURDIEU, 2015, p. 405).

Pude concluir, portanto, que dentro do universo estudado, a propensão a optar por respostas moralmente conservadoras e pelo voto em Jair Bolsonaro, representante de uma extrema-direita nas eleições de 2018, está ligada diretamente a um baixo nível acumulado de capital cultural e econômico dos respondentes.

4.3.2. As especificidades do universo pesquisado em mediação com outras pesquisas de mesmo embasamento teórico: um contexto neoliberal

As conclusões expostas até aqui, são, contudo, um pouco diversas das apontadas por Bourdieu (2015) em relação às intenções de voto da população francesa nas décadas de 1960 e 1970. Segundo o autor, naquele universo, a propensão para votar à esquerda se dava entre as frações dominadas das classes dominantes (intelectuais, artistas e professores), dotados de um maior capital cultural, e entre as classes dominadas (trabalhadores braçais e operários), enquanto a propensão para votar à direita se dava entre os dominantes (industriais, comerciantes e quadros superiores da administração) detentores de maiores níveis de capital econômico e menores níveis de capital cultural em relação às frações dominadas das classes dominantes.

Analisando as propriedades sociais dos votantes em dois importantes partidos franceses de esquerda, o Partido Comunista (PC) e o Partido Socialista Unificado (PSU), Bourdieu constatou que os eleitores do PC, recrutados, de modo geral, na classe operária, possuíam disposições revolucionárias na ordem política e disposições conservadoras na ordem ética, regredindo para os princípios do *ethos*, ao passo que os eleitores do PSU, representantes, sobretudo, das profissões intelectuais, manifestavam alto grau de coerência em suas respostas, além de aptidão para elaborá-las absolutamente do ponto de vista político (e não moral).

Nesse sentido, podemos notar que as frações dominadas de classe, ou seja, as classes mais populares, no período e no contexto histórico analisados por Bourdieu⁶⁰, tinham preferência pelos partidos de esquerda, revelando, ao mesmo tempo, um progressismo no âmbito político e um conservadorismo no âmbito moral. Havia, ali, portanto, uma certa consciência de classe em relação aos partidos que estariam de fato representando os seus direitos politicamente, o que era mais importante na determinação do voto do que suas crenças morais conformadas a partir da experiência concreta.

Tal cenário diverge bastante do encontrado na presente pesquisa. No universo por mim estudado, notadamente a partir dos clusters 1 e 2, podemos notar que os respondentes das classes populares tendem a ter não só opiniões morais conservadoras como também opiniões políticas contrárias às agendas defendidas pelos partidos de esquerda no Brasil (tendem a ser punitivistas e a não apoiar programas sociais e nem manifestações em defesa de minorias, além de assumirem valores meritocráticos).

Pesquisas brasileiras que analisam as manifestações políticas e morais das classes populares, como as realizadas pela Fundação Perseu Abramo em 2017 (*Percepções e Valores Políticos nas Periferias de São Paulo*) e pela Fundação Tide Setubal em 2019 (*O Conservadorismo e as Questões Sociais*), além de estudos acadêmicos como o de Vicente (2019), demonstram que, no país, os dominados tendem a incorporar os discursos das classes dominantes, demonstrando crenças que estariam mais próximas das ideias liberais e dos valores conservadores do que da consciência de que a promoção das desigualdades sociais e a limitação de seu desenvolvimento e capacidades estariam, na verdade, ligadas a impedimentos estruturais e simbólicos.

Tem sido constatado, portanto, que na atual realidade brasileira, ao contrário da realidade francesa apreendida por Bourdieu nas décadas de 1960 e 1970, o discurso político-partidário de esquerda, que divide a sociedade entre exploradores e explorados, não faz nenhum sentido para as classes populares de uma maneira geral (VICENTE, 2019).

Segundo Vicente (2019),

O que está por trás do discurso aparentemente liberal dos pesquisados é uma hierarquia valorativa implícita que sustenta de forma não transparente a

⁶⁰ Contexto histórico este que era composto por um campo político diferente do analisado na presente pesquisa, no qual a oferta de projetos de esquerda não era permeada por interesses pós-materiais, como questões identitárias e de gênero, pautas estas inseridas, atualmente, em um quadro de progressismo moral.

eficácia institucional do mercado competitivo e do Estado liberal que o apoia. E sua eficácia se dá justamente pelo fato de estar tão naturalizada que se torna imperceptível, generalizando-se para além das divisões de classe e se reproduzindo – como ficou evidente a partir dos resultados da pesquisa realizada para este trabalho - dentro de um mesmo segmento social. (p. 24).

Nesse sentido, é fruto de uma sociedade neoliberal a negação da existência de classes sociais a partir de um discurso que exalta a meritocracia e, conseqüentemente, se coloca contrário a políticas públicas de redução de desigualdades, como cotas em universidades federais e programas sociais como o Bolsa Família (VICENTE, 2019).

O discurso dominante, alinhado com os valores liberais, parece ser incorporado de forma acrítica e conformista pelas classes populares, o que impede a sua reflexividade acerca do caráter estrutural das desigualdades e os leva a atribuir os insucessos a uma incapacidade natural, cenário que pode ser explicado pela falta de recursos simbólicos e materiais a que estão submetidos. Podemos notar, portanto, que, na realidade brasileira atual, o discurso dominante tem um papel central no que toca ao obscurecimento de uma eventual “consciência de classe” (VICENTE, 2019).

Fernandes (1979) aponta que a maioria pode ser impotente e se sucumbir à ideologia dominante e à cooptação direta e indireta em razão do *modus operandi* do capitalismo:

O capitalismo ameaçado não aumentou seu cerco apenas contra as revoluções socialistas; ele manietou o conflito social e procurou despojá-lo de sentido político, não só através da massificação da cultura mas também pela fragmentação e pulverização das próprias condições objetivas de existência da classe social revolucionária. (p. 16).

Nesse sentido, o cientista político André Singer afirma que, apesar de não ter tido muito protagonismo nos últimos anos, a perspectiva de classe para explicar fenômenos sociais e comportamentos políticos ainda continua a dar sinais de vitalidade, tendo sido reabilitada a partir das duas escolas clássicas representadas por Marx e Weber. O autor, na obra *Os sentidos do Lulismo: reforma gradual e pacto conservador*, em que busca compreender o papel do subproletariado⁶¹ no realinhamento eleitoral que permitiu a

⁶¹ A partir das pesquisas de Paul Singer, André Singer caracteriza os subproletários como aqueles que “[...] oferecem a sua força de trabalho no mercado sem encontrar quem esteja disposto a adquiri-la por um preço que assegure sua reprodução em condições normais”. Se encaixam nessa categoria os “[...] empregados domésticos, assalariados de pequenos produtores diretos e trabalhadores destituídos das condições mínimas de participação na luta de classes”. Na época das análises de Paul Singer, esta categoria constituída 48% da PEA e, apesar de não ter havido uma atualização sistemática destas pesquisas, realizadas no começo da

ascensão e a consolidação do PT no governo federal, trabalha, principalmente, com a análise empreendida por Marx em *O 18 Brumário*. Nesta obra, Marx afirma que as frações de classe que possuem dificuldade de organização e de tomada de consciência de si apresentam-se na política enquanto massa. Nesse sentido, sendo incapaz de agir por meios próprios, ela acaba se identificando com aquele que, do alto, a partir do Estado, empreende políticas para beneficiá-la (SINGER, 2012).

Nas palavras do autor:

Aos esforços despendidos para entender o lulismo, vale acrescentar a sugestão de que ele é, sobretudo, representação de uma fração de classe que, embora majoritária, não consegue construir desde baixo as próprias formas de organização. Por isso, só podia aparecer na política *depois* da chegada de Lula ao poder. A combinação de elementos que empolga o subproletariado é a expectativa de um Estado suficientemente forte para diminuir a desigualdade sem ameaça à ordem estabelecida. (SINGER, 2012, sp).

Singer (2012) identifica, portanto, no subproletariado brasileiro, uma massa que não se constituiu enquanto classe sob essa perspectiva de Marx, o que pode ajudar a entender, também, a crise do lulismo.

O autor (2012) acrescenta, ainda, que, ao lado do apoio do subproletariado, a conjuntura econômica mundial favorável entre os anos de 2003 e 2008, caracterizada por um ciclo de expansão capitalista e pelo *boom* de *commodities*, ajudou a produzir o fenômeno do lulismo.

O ângulo de classe adotado por Singer permitiu que o autor enxergasse uma repolarização e uma repolitização da disputa partidária no realinhamento eleitoral que gerou o lulismo, e não uma despolarização e despolitização como entendem alguns autores. Sendo assim, pode-se dizer que “o lulismo faz uma rearticulação ideológica, que tira a centralidade do conflito entre direita e esquerda, mas reconstrói uma ideologia a partir do conflito entre ricos e pobres”. (SINGER, 2012, sp).

Segundo Singer (2012), essa repolarização entre pobres e ricos se deu justamente em razão das características do subproletariado brasileiro, os quais formam uma massa e

década de 1980, André Singer afirma que, em razão dos males sociais que acompanharam a implantação do neoliberalismo na década de 1990, a proporção de subproletários foi, no mínimo, mantida no período anterior a Lula. Singer argumenta que “[...] a singularidade de classes no Brasil consiste no peso do subproletariado, cuja origem se deve procurar na escravidão, que ao longo do século XX não consegue incorporar-se à condição proletária, reproduzindo massa miserável permanente e regionalmente concentrada”, sobretudo no Norte e no Nordeste. (SINGER, 2012, sp).

não uma classe para si, o que confere ao movimento observado a partir de 2006 (segunda mandato de Lula) um caráter desmobilizado, eleitoralmente volátil e de difícil apreensão, causando, ainda, uma confusão à esquerda e à direita.

Em outra obra, chamada *O Lulismo em crise: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016)*, esta publicada no ano de 2018, Singer faz uma análise da crise que passou a enfrentar o lulismo após as manifestações de junho de 2013, momento que ele entende crucial para a virada que levou ao impeachment da ex-presidenta Dilma.

Diante deste cenário, Singer se pergunta, parafraseando Marx, como foi possível que a sociedade tivesse “[...] recuado a um momento anterior a seu ponto de partida”? (SINGER, 2018, p. 17). Para o autor, a luta de classes poderia ser a chave de solução deste enigma, devendo o termo classe ser entendido, em um quadro social de complexificação e fragmentação do conflito, o qual provoca inúmeras divisões, a partir de um uso funcionalista, originalmente encontrado em Weber, que trabalha com uma perspectiva de acesso a bens e a *status*.

Nesse sentido, além da referência à classe média, o autor entende que a mobilização da fração de “pobres” (ou subproletariado), categoria que se refere ao pouco acesso a bens, também é essencial para a compreensão do despedaçamento do lulismo. Singer (2012) se apoia nas características contraditórias do fenômeno para tentar encontrar uma das explicações para a sua crise. Segundo o autor, quando o governo Lula se dirigiu aos pobres, o fez abrindo mão do avanço representado pela orientação de classe, de maneira que o novo proletariado se tornou massa (classe em si) e não classe para si: o traço não perene e avulso da atividade dos pobres dificulta a sua identificação com a classe trabalhadora, embora o sejam de fato.

Um traço peculiar desta sociedade é o limbo, do qual os pobres podem sair (e no qual podem voltar a cair) individualmente, mas nunca como classe. (...). Como consequência, as massas predominam. (SINGER, 2018, p. 21).

Segundo o autor, politicamente, a polarização entre pobres e ricos tende a obscurecer o conflito entre capital e trabalho, o que torna difícil a análise de classe do lulismo e de todo o período 2011-2016. Apesar de o governo Lula não pretender confrontar as classes dominantes, engendrando um reformismo fraco e conciliatório, o fazia sem querer ao diminuir a pobreza, pois causava um efeito negativo na percepção de *status* da burguesia. Ademais, a forte presença do subproletariado no lulismo fez com que

os atores reconfigurassem a polarização clássica entre esquerda e direita, a qual acabou se tornando, a partir de 2006, em lulismo e antilulismo (pobres x ricos).

Singer (2018) destaca que, diante da crise que começou a se manifestar a partir de 2013, as camadas populares nada fizeram para defender o lulismo, o que é resultado lógico da desmobilização a que foi submetida, uma vez que o fenômeno não procurou conscientizar os seus beneficiários de que, uma hora ou outra, haveria reação das classes descontentes com as políticas de redução da miséria e da pobreza.

Nesse aspecto, para a compreensão do novo realinhamento eleitoral que seu deu em 2018, é importante analisar, fundamentalmente, em que condições sociopolíticas ficaram aqueles que, estando fora da miséria, conseguiram superar a pobreza, passando a ter acesso a bens de consumo não estritamente necessários. Seria esse segmento uma “nova classe média” ou uma “nova classe trabalhadora”? Segundo Singer (2018), um erro de interpretação do lulismo a este respeito é uma das chaves explicatórias da grande rejeição que Dilma passou a sofrer a partir de 2013 e, que acredito também ter sido uma das causas da derrota do projeto de esquerda no país, processo iniciado em 2016 com o impeachment da ex-presidenta e concretizado nas eleições de 2018.

De acordo com Singer (2018), Dilma, ao denominar de “nova classe média” a categoria em ascensão no período lulista, acabou colaborando com o partido que encabeçou as manifestações de 2015-2016 contra o lulismo (PSDB), já que, historicamente, ele é o representante desse estrato social. O autor acredita que se Dilma tivesse identificado esse segmento em ascensão como “nova classe trabalhadora”, não desperdiçando o seu potencial classista, isso permitiria uma conexão da mesma tanto com a “velha classe trabalhadora” como com a categoria dos “pobres”, o que permitiria uma conscientização sobre os interesses comuns desses estratos e, conseqüentemente, a formação de uma base capaz de fazer frente à reação dos interesses dominantes.

Nesse aspecto, tendo a discordar um pouco do autor. Concordo que a identificação da classe em ascensão se deu sobremaneira com os valores de classe média (dominantes), o que impulsionou fortemente o seu apoio ao antilulismo, mas discordo quanto à possibilidade de que isso pudesse ter sido diferente diante do cenário no qual nos encontrávamos / nos encontramos. Conforme o próprio Singer menciona, o lulismo, com seu reformismo fraco, acabou gerando uma certa desmobilização da sua base de apoio, situação esta que possui raízes históricas e inconscientes, as quais não seriam superadas

com um simples discurso acerca do pertencimento de classe desse novo segmento. Nesse sentido, acredito que as dinâmicas de funcionamento do lulismo e do próprio capitalismo ameaçado pela crise econômica⁶² levaram a esse ponto.

Conforme venho sustentando no presente trabalho, as condições materiais de existência a que estão submetidas as classes populares, caracterizadas pela escassez de recursos materiais e simbólicos para lidar com um mundo inseguro, estável e difuso, provocam, também, uma postura acrítica diante dos problemas socioestruturais que são responsáveis por estas condições, o que as leva a incorporar os discursos dominantes, representados, na atualidade, pelos valores liberais.

Há uma solidariedade política em jogo, pois os setores intermediários e uma ampla parte da classe baixa estão profundamente penetrados por uma situação de interesses de classes e de valores sociais que os identificam à classe privilegiada. (...). Além disso, direitos sociais e garantias de vários tipos disseminam interesses e valores burgueses por toda a sociedade. (...). Na superpotência (...) o capitalismo transformou-se em religião. (...) *A “religião da ordem” vem a ser o reverso da religião da revolução.* (FERNANDES, 1979, p. 27).

Nesse sentido, os anos de prosperidade que marcaram o período do lulismo, caracterizado por um aumento do poder aquisitivo de muitos segmentos da população, ou seja, por um aumento do capital econômico dessas pessoas, em razão da política econômica orientada para o consumo, não se fez acompanhar de um acúmulo de capital cultural diretamente proporcional, o que acredito ser um viés explicativo para as manifestações do autoritarismo atual das classes outrora beneficiadas pelas políticas sociais e econômicas deste período.

Em resumo, a própria dinâmica estrutural não permitiu que as classes tomassem consciência de si, se identificando, assim, facilmente, com valores dominantes meritocráticos e individualistas, típicos da classe média tradicional, e enxergando o Estado como um agente que, por meio de impostos e burocracias, atrapalha seu crescimento individual⁶³. Do modo como as coisas sempre são conduzidas por aqui, não

⁶² “O ‘milagre’ lulista fora sustentado pela fase de alto crescimento mundial e pelo *boom* do preço das commodities. A crise mundial de 2008 havia anunciado o fim desse ciclo, que, no entanto, só se plasmou três anos depois”. (SINGER, 2018, p. 291).

⁶³ “A plataforma de classe média engancha também na expansão do empreendedorismo nas camadas populares nesta fase de capitalismo financeirizado. Pensar a ascensão como fruto do esforço individual e não da ação coletiva faz sentido para aquele que trabalha por conta própria. (...). Ele é um atual ou futuro empregador – portanto, está virtualmente do lado empresarial do balcão que divide o capital do trabalho”. (SINGER, 2018, p. 97).

poderia ser diferente. Ademais, a identificação com a classe trabalhadora organizada torna-se ainda mais difícil para este novo segmento em razão de que ele carrega consigo os efeitos do neoliberalismo de terceirização e fragmentação, conforme anteriormente mencionado.

Se a pesquisa da FPA tiver captado uma tendência constante, o ideal de classe média teria se fixado em determinadas faixas das camadas populares. Nesse caso, o partido de classe média terá vantagem no diálogo com elas. É uma possibilidade compatível com a socialização em um ambiente cultural de forte carga capitalista, em que a expansão da chamada teologia da prosperidade, que difunde uma visão de mundo segundo a qual o esforço individual é o caminho do sucesso, seria outro sinal. (...). O sonho rooseveltiano, de construir “um país de classe média sólida e empreendedora”, teria prestado, nesse caso, um desserviço ao lulismo, pois facilitou o trânsito ideológico que ajudou a quebrá-lo quando surgiu a oportunidade. (SINGER, 2018, p. 98).

Ao incorporar os valores de uma “nova classe média”, tais trabalhadores passam a viver uma situação ambígua, pois ao mesmo tempo que não possuem nada em comum com a classe média tradicional, não pertencem também à base da sociedade. Sendo assim, eles passam a compor um estrato intermediário e precário, sem a estabilidade, a escolaridade, a renda e a inserção profissional que possui a classe média propriamente dita (SINGER, 2018).

Dado curioso é que Bolsonaro se elegeu por um partido sem qualquer relevância histórica, o que vai contrariamente à hipótese de Singer (2018) de que o eleitorado que se identificava como nova classe média seria cooptado pelo partido que classicamente representou os interesses desse segmento (PSDB), apesar de ele fazer alusão à pré-candidatura de Bolsonaro. Acredito que isso seja efeito da aposta no “*que se vayan todos*” realizada pelos participantes das mobilizações que tiveram início em junho de 2013. Nesse sentido, Bolsonaro ainda foi privilegiado por ser filiado a um partido pequeno, pois encontrou guarida naqueles que ansiavam por novidades na política, reprodutores de um discurso que mostrava uma imensa demonização de tudo que é público e referente à política.

Os valores liberais, tão presentes nos discursos das classes populares na atualidade, conforme demonstram as pesquisas e trabalhos anteriormente citados, estavam praticamente ausentes quando Antonio Flavio Pierucci, em trabalho sociológico pioneiro sobre o fenômeno do autoritarismo no Brasil, analisou as bases sociais das forças

políticas de direita, em São Paulo, na década de 1980⁶⁴, as quais, à época, haviam endurecido seus apelos a um autoritarismo explícito em razão de terem encontrado acolhida em certas camadas sociais e indivíduos, os quais demandavam propostas antidemocráticas, antipluralistas, moralistas e discriminatórias (PIERUCCI, 1988).

Nesse trabalho, Pierucci, inspirado pela vitória da direita, representada por Jânio Quadros, nas eleições para a prefeitura de São Paulo em 1985 e pelo expressivo número de votos, provenientes da capital, que teve Paulo Maluf (também representante da direita) nas eleições para o governo do estado em 1986, entendeu por bem investigar o comportamento eleitoral dos estratos urbanos paulistanos mais sensíveis às interpelações de conteúdo moralista e autoritário, bem como compreender qual era a particularidade desses estratos que, apesar de inseridos em um contexto urbano tão impermanente e cambiante, os tornava receptivos aos apelos por lei e ordem, tendo enxergado nessas evidências um dado sociológico que merecia ser estudado, também pela perspectiva relacional:

Apesar da acentuada fluidez dos enraizamentos espaciais da população na cidade de São Paulo, que faz com que a composição social dos seus bairros se veja impossibilitada de cristalizar-se, não há dúvida de que a localização as populações residentes, a cada momento repõe (ou refaz) as diferenças, as distâncias, as fronteiras entre indivíduos e coletividades, entre redes de relações pessoais, familiares, sócio-profissionais, entre níveis de vida desiguais, estilos de vida distintos e – por que não? – entre clientelas políticas e temperamentos políticos diferentes. (...). A violência, o crime, a pornografia, a família, as drogas, os livros escolares, a fé em Deus etc. são *issues* que podem ou não ganhar uma eleição, mas seguramente sensibiliza certas coletividades ou pessoas mais do que outras, aderem melhor a certos espaços sociais, aterrissam mais facilmente em certas bases prático-sensíveis, casam-se mais facilmente com certos estilos de vida que, na metrópole, ao mesmo tempo se misturam e se separam. (PIERUCCI, 1988, p. 1).

O autor, concentrando-se no voto conservador, investigou as bases sociais do voto de direita em São Paulo em sua distribuição geográfica, buscando os estratos sociais em que as candidaturas de Jânio Quadros e Paulo Maluf tiveram maior ressonância, o que o levou a áreas relativamente bem recortadas da capital paulista. Desse modo, o cruzamento das informações sobre a situação socioeconômica do eleitorado com informações espaciais (zonas geográficas) permitiu que Pierucci (1988) identificasse qual era a

⁶⁴ Trabalho intitulado *A direita mora do outro lado da cidade*, apresentado ao GT Partidos, Eleições e Problemas Institucionais, no XII Encontro Anual de Anpocs, Águas de São Pedro-SP, em outubro de 1988.

localização do núcleo forte do voto conservador na cidade de São Paulo na década de 1980.

Após ter identificado tais lugares, a partir da observação dos mapas eleitorais da cidade de São Paulo, o autor se dirigiu até eles para uma pesquisa de campo com os moradores⁶⁵, tendo realizado cento e cinquenta entrevistas semidiretivas com duração média de uma hora cada. Uma vez que as atividades do campo coincidiram com o pleito eleitoral para o governo do estado de 1986, foram entrevistados, também, os eleitores que pretendiam votar em Paulo Maluf (PIERUCCI, 1999).

O autor constatou que Jânio Quadros e Paulo Maluf, os quais apresentaram interseções importantes de bases eleitorais, tiveram pior desempenho em bairros burgueses (classe média alta) e em bairros mais pobres e periféricos, de maneira que a maioria de seus votos adveio de bairros de estratos médios inferiores, compostos, de maneira geral, por paulistanos natos e descendentes de imigrantes europeus (PIERUCCI, 1999), e localizados entre as zonas Norte e Leste (Tatuapé, Penha, Mooca, Vila Maria, Vila Guilherme)⁶⁶, as quais Pierucci (1988) considerou como sendo “o outro lado da cidade”, uma vez que nelas eram encontradas “populações de classe média para as quais o local de moradia representa um traço inferiorizador de seu *status*” (p. 5).

Eram, portanto, indivíduos de classe média, contudo, de escolaridade baixa; pessoas cuja condição econômica era superior ao seu nível de instrução, motivo pelo qual o autor os classificou dentro de uma “direita popular”, justamente para enfatizar a sua posição dentro do espaço social (PIERUCCI, 1999).

Pierucci (1988) pôde observar, entre essas populações, que o pedaço da cidade em que moravam constituía um componente fundamental e determinante para a formação de sua identidade social, estando inseridos em uma configuração que, ao mesmo tempo que os impedia de identificar-se com os mais pobres, também os permitia enxergar a sua

⁶⁵ Para a pesquisa em questão, interessava a Pierucci (1999) entrevistar não os moradores que simplesmente votaram em Quadros ou em Maluf, mas sim aqueles que participaram de forma ativa da campanha eleitoral desses candidatos, tendo pelo menos procurado convencer outro eleitor de que eles eram as melhores opções que um morador de São Paulo poderia ter naquele momento (mais que um eleitor, menos que um militante, um ativista sazonal). Este era o filtro, o filtro do ativismo. Preenchida essa condição, dava-se início à entrevista.

⁶⁶ Pierucci (1988) chama a atenção para o fato de que tanto Jânio Quadros como Paulo Maluf tiveram suas maiores votações nas zonas Norte e Leste, contudo, com uma diferença importante: “[...] a mancha malufista mais intensa restringe-se ao Leste e sua presença na zona Norte é menos espalhada que a de Jânio. Ou seja, o malufismo não coincide plenamente com o janismo em suas bases eleitorais. Onde ambos de fato se superpõem é mesmo no Leste próximo”. (p. 13).

distância (social e geográfica) em relação às classes altas, reconhecimento este que, não raramente, aponta o autor, vem acompanhado de um ressentimento. Foi exatamente nessas populações que o discurso autoritário-moralista de Jânio encontrou forte acolhida e adesão.

As camadas médias inferiores que habitam os bairros intermediários das zonas Norte e Leste, do “outro lado” da cidade, portanto, têm nessas referências sócio-espaciais algo que peculiariza seu *status* social no conjunto da cidade, que marca seus modos e hábitos, seu estilo de vida, suas ilusões e frustrações a respeito de si mesma, a percepção de seu passado e as aspirações quanto ao futuro de seus filhos e filhas; e, conforme se pode ver com base nos dados eleitorais, seu comportamento político e sua força eleitoral. Nas eleições ocorridas nos anos 80, essas populações têm oferecido seu apoio predominantemente aos candidatos personalistas da direita autoritária. (PIERUCCI, 1988, p. 7).

Pierucci (1988) identificou que os eleitores janistas (1985) e malufistas (1986) apresentavam as seguintes características comuns: (i) possuíam baixa escolaridade (baixo capital cultural) – quanto maior o nível de escolaridade e instrução dos eleitores, menor a intenção de votar nesses candidatos; (ii) de maneira geral possuíam uma idade mais avançada; (iii) eram compostos em grande medida por aposentados e donas de casa, ou seja, os não incluídos na População Economicamente Ativa (PEA) - em situação de isolamento em relação ao mercado de trabalho; (iv) possuíam um nível médio de renda; e (v) residiam em bairros intermediários das zonas Norte e Leste.

O autor chama a atenção para o fato de que, apesar de os quatro primeiros itens representarem as características gerais de um eleitorado periférico, o quinto item não o faz necessariamente. Nesse sentido, os moradores desses bairros intermediários, embora tivessem boas condições materiais de vida, estavam longe dos espaços de produção e consumo cultural mais sofisticados usufruídos pelas camadas que possuem elevados níveis de renda e escolaridade (os que estão no lado *in* da cidade), o que provocava uma estratificação por *status* social. Essa discrepância de *status* se torna fonte de descontentamentos que não podem ser traduzidos em categorias políticas, ou seja, não conseguem se enquadrar em propostas políticas de soluções, motivo pelo qual as percepções de mundo e os juízos políticos destas pessoas se contaminam facilmente de rigorismos morais e de conservadorismos:

a posição “marginal” desse tipo de eleitor, politicamente desprovido e cognitivamente desapetrechado, não apenas o lança na órbita dos políticos personalistas (...), mas também o torna mais propenso a não pensar

politicamente a política, vale dizer, a apreender o mundo político pelo viés das categorias morais, dentro dos marcos de percepção e apreciação próprios da esfera da moral privada. Tratar-se-ia de uma forma oblíqua de rejeição da política como tal. (PIERUCCI, 1988, p. 17).

Pierucci (1988) identificou que a relação inversa entre os níveis de instrução/escolaridade e os níveis de renda encontrados nos sujeitos pesquisados os levavam a uma tomada de posição a respeito da cultura letrada expressa na forma de um anti-intelectualismo que os situava “do lado de lá”, de modo que se tornam adversários das frações intelectualizadas dentro do campo de produção cultural. Sendo assim, a correlação discrepante entre escolaridade e renda que caracteriza tais agentes “[...] permite-lhes tomar parte no jogo político, e na vida da cidade à sua moda: negando a ‘política pela política’ na razão direta de sua repulsa à ‘arte pela arte’” (p. 17).⁶⁷

Por meio desta pesquisa, o autor aponta para o fato de que os comportamentos eleitorais podem contribuir enormemente para a descrição e a compreensão da vida social em um determinado espaço, lançando luz sobre os estilos de vida e sobre os estilos de pensamento identificados nesses contextos; contudo, já mencionava, à época, o quanto esta potencialidade estava sendo pouco aproveitada pelos cientistas sociais no Brasil (PIERUCCI, 1988, 1999).

Outra característica importante detectada por Pierucci (1999) no eleitorado de Quadros e Maluf, conforme já mencionado, foi a ausência de um discurso neoliberal. Suas maiores preocupações, provocadas pelo medo e manifestas na agressividade que demonstravam em relação aos outsiders, eram com questões ligadas à moralidade, elemento tão característico de uma “direita popular” (BOURDIEU, 1996a), demonstrando-se, muitas vezes, apreensivos com questões como “a inversão de valores presente na defesa dos direitos humanos”, “criminalidade e “pornografia”, “imigração”, “insegurança”. Como medida de defesa, fabricavam, ainda, bodes expiatórios sobre os quais podiam colocar toda a culpa pela deterioração de sua boa sociedade (aumento dos níveis de criminalidade e delinquência – desordem).

O autor constatou, naquela época, no Brasil urbano, um acúmulo de tensões que favoreciam, portanto, uma cruzada moralista, tendo percebido um caráter despolitizado nessa direita que ele identificou e chamou de popular, de modo que aos políticos que a

⁶⁷ “Classe média sem classe” (PIERUCCI, 1999, p. 92).

representavam não restava outra via de ancoragem nas massas senão a da demagogia do moralismo⁶⁸, uma vez que, naquele período, o liberalismo econômico não tinha audiência de massa, não mobilizando votos (PIERUCCI, 1999).

Pude identificar, dentro do universo estudado na presente pesquisa, uma direita que guarda semelhanças e diferenças em relação à direita paulistana da década de 1980 analisada por Pierucci. É importante ter em mente, contudo, que o recorte das duas pesquisas foi diferente, o que pode ser um fator de explicação para as divergências encontradas, além, obviamente, do fato de ambas terem sido realizadas em contextos históricos e sociais distintos.

À semelhança dos achados de Pierucci (1988), também identifiquei que, associado ao autoritarismo e ao conservadorismo verificados no universo estudado, está o baixo nível de capital cultural dos respondentes (cluster 2), o que os leva a formular respostas morais para questões políticas, de acordo com sua experiência sensível e não a partir de ideias universais, ou a simplesmente se absterem de responder em razão de sua incompetência estatutária. No que toca ao aspecto moral, podemos notar, nos mesmos termos do que concluiu Pierucci, que os membros dos clusters 1 e 2 tendem a identificar, na sociedade, uma inversão de valores, ou seja, que estamos vivendo em estado de coisas moralmente degenerado.

Aliado a esta opinião, encontram-se, também, um conjunto de posicionamentos punitivistas que demonstram que

a questão de interesse, portanto, não é o benefício da humanidade, pensada assim genericamente, como direito amplo e difuso, mas aquilo que diz respeito às privações práticas que experimentam, decorrentes de sua precariedade de classe, no usufruto do bem-estar social. Os anseios são particularizados e dizem respeito à experiência próxima, não à defesa de direitos de uma maneira geral (CALDEIRA, 1991 *apud* RIBEIRO, 2016, p.185).

Num universo de relativa privação material, as carências também são exteriorizadas como questões materiais, concretas. Os direitos humanos, apreendidos aqui por meio de questões relacionadas ao punitivismo⁶⁹, estão em um plano bastante abstrato

⁶⁸ “O moralismo, que culturalmente se (retro)alimenta das preocupações e fobias generalizadas que produzem os discursos da insegurança, da intolerância e da decadência”. (PIERUCCI, 1999, p. 83).

⁶⁹ Questões relacionadas às condições dos presídios brasileiros, ao linchamento de “bandidos”, à redução da maioria penal e ao direito ao porte de armas.

para estes jovens, uma vez que dizem respeito a uma experiência distante (RIBEIRO, 2016).

Contudo, pude constatar que, no universo estudado, não só o baixo capital cultural, mas também o baixo capital econômico, são fortemente associados às opiniões autoritárias/conservadoras dos respondentes das classes populares. Nesse sentido, acredito que esta diferença em relação aos achados de Bourdieu (2015) e Pierucci (1988, 1999) possa ser explicada em razão da incorporação, na atualidade, de valores liberais por essas classes, os quais engendram uma lógica de que o esforço pessoal por si só é capaz de superar suas condições materiais de existência (meritocracia), escamoteando, assim, as percepções acerca da divisão de classes no interior da sociedade.

As conclusões do presente estudo sinalizam, portanto, as consequências do capitalismo neoliberal no aprofundamento das desigualdades sociais e o seu poder de atuar sobre a própria vontade dos indivíduos, não permitindo que os mesmos enxerguem, de forma crítica, a dominação à qual estão submetidos, restando vitoriosa a lógica da competição individualizada (DARDOT e LAVAL, 2016).

4.3.3. Duas Direitas – Clusters 1 e 2

Por fim, acredito ser importante explicitar a diferença em relação aos posicionamentos de direita verificados nos clusters 1 e 2. Apesar da constatação, a partir das análises bivariadas expostas no capítulo 3, da associação entre as propriedades sociais das classes populares e a sua maior tendência ao autoritarismo/conservadorismo, aliada à intenção de voto em Jair Bolsonaro, a técnica de análise de correspondências múltiplas revelou que tais posicionamentos irrompem de maneira um tanto diversa nos dois clusters mencionados, manifestação que passo, agora, a analisar.

O cluster 1, que representa 14,95% do universo total, é formado por membros que possuem posicionamentos autoritários/conservadores majoritariamente ativos, ou seja, não são aqueles que se abstêm de responder, além de concentrar os respondentes que declararam intenção de voto em Jair Bolsonaro. Ademais, tais posicionamentos não estão tão fortemente vinculados a questões de classe como foi verificado no cluster 2, de modo que as únicas informações importantes a respeito do capital cultural de seus membros são as que demonstram que os mesmos não possuem o hábito de ler livros, vão a jogos de

futebol e viajam com frequência e seus pais possuem o hábito de ler revistas e jornais, o que não me permite fazer nenhuma inferência a este respeito. Ademais, nenhuma informação a respeito do capital econômico dos respondentes se mostrou relevante para a configuração do cluster 1.

Já o cluster 2, responsável por reunir 49,06% dos indivíduos da amostra, é formado por membros que possuem tanto posicionamentos ativos mais autoritários/conservadores como posicionamentos indiferentes ou que indicam abstenção em responder (não-respostas). Estas opiniões (ou não opiniões) estão fortemente associadas à religião evangélica e a categorias que indicam a posse de um baixo nível de capital cultural. Quanto à intenção de voto para o primeiro turno das eleições de 2018, estão sobrerrepresentados, neste cluster, os indivíduos que informaram que não iriam votar – o que confirma, mais uma vez, a sua tendência à abstenção – e sub-representados aqueles que declararam voto em Jair Bolsonaro.

Podemos notar, portanto, um fato curioso. Os respondentes que manifestaram sua opinião política a favor de Jair Bolsonaro são também aqueles que possuem opiniões ativas a respeito das questões políticas e morais formuladas, fato que, à primeira vista, não pode ser explicado por um viés de classe se observarmos apenas a configuração do cluster 1, uma vez que pouco se pode afirmar a respeito das propriedades sociais e simbólicas dos respondentes. Contudo, se pensarmos que o cluster em questão é formado, em sua totalidade, por indivíduos posicionados do lado esquerdo do eixo 1 (gráfico 9), eixo este que é caracterizado por categorias que indicam um menor capital cultural dos participantes que ali se encontram, percebemos que a explicação classista não pode ser desconsiderada.

A preferência por um presidente líder, verificada entre os membros do cluster 1, corrobora as conclusões de Lipset no sentido de que, em contextos de crises econômicas e políticas, a preferência das classes populares por transformações rápidas e brutais ganha força (BOURDIEU, 2015).

Nesse sentido, ligada à preferência pelo Executivo, tão característica do eleitorado brasileiro (CARVALHO, 2011), está a busca por um messias político, um salvador da pátria, o que acredito explicar, em parte, a ascensão de líderes políticos como Jair Bolsonaro. A redemocratização brasileira em 1988, com a promulgação de uma nova Constituição Federal, não provocou mudanças significativas nas tradições de crenças e

comportamentos internalizadas durante todo o padrão de desenvolvimento do Estado e da cultura brasileiros. Talvez venha daí uma das explicações para o fato de que a nossa democracia tão recente esteja agora sofrendo sucessivos golpes legitimados por grupos dentro da própria sociedade brasileira, os quais têm apoiado e reproduzido discursos antidemocráticos como modelos de sociedade em que desejam viver.

Ademais, a crise econômica mundial que passou a ser mais sentida no Brasil a partir de 2013 propiciou também uma crise política interna, o que gerou uma fragmentação da sociedade brasileira em termos materiais e ideológicos e possibilitou a percepção de certos grupos, muito em razão de exposições midiáticas, de que a tal sociedade, caracterizada por sucessivos escândalos de corrupção, maus políticos e instituições falidas, precisava ser destruída para que fosse limpa de todos os males que a assolam, percepção resumida pela crença de que os valores estão invertidos na sociedade brasileira atual⁷⁰.

Acredito que Bolsonaro tenha, de certa maneira, percebido esses anseios e passado a intensificar a emissão de discursos que retratam esses ressentimentos, falando o que esse público específico deseja ouvir. Nesse sentido, ele é visto como um líder messiânico que, sendo contra tudo o que está instituído nessa sociedade tida como falida, pode conseguir reconstruí-la em novas bases.

É importante reiterar que, dentro da dinâmica da sociologia relacional, esses discursos autoritários e conservadores (clusters 1 e 2) só se constroem em oposição a discursos progressistas (cluster 3), produzindo, dessa forma, uma imagem de um “nós” que não faz sentido se não existir um “eles” (ELIAS, 2000), o que se reflete na polarização atual da sociedade brasileira.

Já os membros do cluster 2, que também demonstraram ser mais autoritários/conservadores, alinhados, desta forma, a uma agenda que está vinculada a uma pauta de direita, não estão ali reunidos por sua intenção de voto em Bolsonaro, que foi o representante da direita que mais teve força eleitoral nas eleições de 2018, mas sim pela sua intenção em se abster de votar. A intenção de voto em João Amoedo, do Partido Novo, candidato que se mostrou defensor de um conservadorismo no campo dos costumes e de um liberalismo no campo da economia, também aparece como uma

⁷⁰ Para uma visualização empírica deste panorama, ver os estudos realizados por MESSEMBERG (2017), ORTELLADO e SOLANO (2015), TELLES (2015), e TATAGIBA et al (2015).

categoria relevante para definir os indivíduos agrupados neste cluster, fato coerente com as opiniões ali expressadas e que corrobora os argumentos acima apresentados no sentido de uma falta de “consciência de classe” por parte das classes populares, as quais incorporam de forma acrítica o discurso neoliberal dominante.

Acredito poder afirmar, portanto, que a despeito das diferenças de composição dos posicionamentos à direita constatados nos clusters 1 e 2, restou comprovado, tanto pelas análises bivariadas quanto pelas análises multivariadas, que existe uma relação consistente entre as opiniões políticas e morais dos participantes e o seu *habitus* de classe, independentemente de como isso possa vir a se expressar eleitoralmente, seja pela intenção de voto em Bolsonaro ou Amoedo, seja pela abstenção.

4.3.4. O Fator Religião

A influência da religião para a construção do *habitus* autoritário das classes populares foi um fator que me chamou a atenção. Tanto nas análises binárias com o índice de autoritarismo como nas análises de correspondências múltiplas, a religião evangélica apareceu fortemente correlacionada às opiniões autoritárias/conservadoras dos respondentes, motivo pelo qual julguei importante analisar esta questão de forma mais detida e minuciosa.

Segundo Bourdieu (2015), a correlação entre a prática religiosa e a opinião política nada mais é do que duas manifestações diferentes da mesma disposição, uma vez que a imposição de uma prática e de uma crença implica a afetação de uma classe e a atribuição de uma identidade social, conformando, portanto, sua visão de mundo, a qual se define relacionalmente por sua oposição à classe complementar dos “não crentes”.

Ademais, o conteúdo da mensagem religiosa fortalece a propensão para pensar o mundo social a partir de uma lógica personalista de “salvação pessoal”, lógica que é ainda mais forte no protestantismo (PIERUCCI, 2006), levando os crentes a apreenderem a misericórdia ou a opressão como fatalidades pessoais, não como problemas estruturais da sociedade em que vivem (BOURDIEU, 2015).

No Brasil, dados do último Censo Demográfico do IBGE, divulgado em 2010, demonstram que os evangélicos foram o segmento religioso que mais cresceu no Brasil no período intercensitário. Em 2000, eles representavam 15,4% da população. Em 2010,

chegaram a 22,2%, um aumento de cerca de 16 milhões de pessoas (de 26,2 milhões para 42,3 milhões). Em 1991, este percentual era de 9,0% e em 1980, 6,6% (AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS, 2012).

Os dados estatísticos do IBGE ainda apontam que a população que se declara evangélica (de denominação pentecostal e neopentecostal) é constituída, sobretudo, por pessoas pretas⁷¹ e pardas, pertencentes a classes sociais mais baixas (menos escolarizadas e com renda familiar baixa) e jovens⁷², informação relevante para a presente pesquisa. Por outro lado, os espíritas foram os que apresentaram os mais elevados indicadores de educação e de rendimentos, além de constituírem uma maioria branca (IBGE, 2010).

Segundo Almeida (2004), do ponto de vista da pesquisa do Censo, os evangélicos, sejam eles protestantes históricos ou pentecostais, podem ser considerados os religiosos ideais, uma vez que, em sua declaração, coincidem, de modo geral, um conjunto uniforme de ideias, rituais, comportamentos e visão de mundo.

Pude constatar que os dados referentes ao universo estudado na presente pesquisa corroboram estas constatações do IBGE, conforme podemos observar nas tabelas a seguir:

Tabela 22 - Religião X Cor

		COR					Total
		Branca	Preta	Parda	Indígena		
RELIGIÃO	Católica	Respondentes	52	17	19	1	89
		% na Religião	58,4%	19,1%	21,3%	1,1%	100,0%
	Evangélica e Cristã	Respondentes	15	15	20	0	50
		% na Religião	30,0%	30,0%	40,0%	0,0%	100,0%
	Espírita e Budista	Respondentes	11	0	4	0	15
		% na Religião	73,3%	0,0%	26,7%	0,0%	100,0%
	Umbanda	Respondentes	3	3	0	0	6
		% na Religião	50,0%	50,0%	0,0%	0,0%	100,0%
	Agnósticos, ateus e sem religião	Respondentes	29	7	11	0	47
		% na Religião	61,7%	14,9%	23,4%	0,0%	100,0%
	Total	Respondentes	110	42	54	1	207
		% na Religião	53,1%	20,3%	26,1%	0,5%	100,0%

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados na presente pesquisa.

⁷¹ No Brasil, a religião com maior participação de pretos é o candomblé. Contudo, quando analisamos a participação de cada agrupamento religioso no interior de cada agrupamento de cor, podemos constatar que os negros convertidos ao pentecostalismo se mostram em proporção muito maior (14,2%) do que os que se dizem adeptos das religiões dos orixás (3%). (PIERUCCI, 2006, p. 119).

⁷² Almeida (2004), em artigo que trata sobre o modelo do trânsito religioso a partir da mobilidade de pessoas entre as diferentes alternativas religiosas, aponta que o crescimento da taxa de mudança religiosa para denominações pentecostais tem a ver, em parte, com o fato de ela ter ocorrido predominantemente entre adultos e jovens, enquanto os mais velhos permaneceram católicos.

Tabela 23 – Religião X Renda Familiar

		RENDA FAMILIAR				Total	
		Menos de 1 SM a 2 SM	De 2 a 4 SM	De 4 a 10 SM	Acima de 10 SM		
RELIGIÃO	Católica	Respondentes	42	25	15	5	87
		% na Religião	48,3%	28,7%	17,2%	5,7%	100,0%
	Evangélica e Cristã	Respondentes	28	16	5	2	51
		% na Religião	54,9%	31,4%	9,8%	3,9%	100,0%
	Espírita e Budista	Respondentes	3	3	7	1	14
		% na Religião	21,4%	21,4%	50,0%	7,1%	100,0%
	Umbanda	Respondentes	3	1	1	1	6
		% na Religião	50,0%	16,7%	16,7%	16,7%	100,0%
	Agnósticos, ateus e sem religião	Respondentes	18	18	7	5	48
		% na Religião	37,5%	37,5%	14,6%	10,4%	100,0%
	Total	Respondentes	94	63	35	14	206
		% na Religião	45,6%	30,6%	17,0%	6,8%	100,0%

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados na presente pesquisa.

Como podemos notar, no universo pesquisado, os respondentes que se declararam evangélicos são, majoritariamente, pretos ou pardos (70%), além de estarem enquadrados sobretudo nas menores faixas de renda – 54,9% possuem renda familiar de até 2 salários mínimo e, 31,4%, de 2 a 4 salários mínimos.

Por outro lado, dentre os respondentes que se declararam espíritas ou budistas, a maioria se autodeclarou branca (73,3%), não havendo nenhum respondente que seja negro e espírita, além de estarem concentrados, de forma majoritária, nas duas últimas faixas de renda (57,1%).

Em razão das estatísticas, autores como Antonio Flavio Pierucci, Ricardo Mariano e Ronaldo de Almeida buscaram explicar a adesão massiva dos pobres às denominações pentecostais e neopentecostais⁷³ no Brasil.

Segundo Mariano (1996), o pentecostalismo⁷⁴ foi favorecido pela privatização da religião, o que permitiu que ela se tornasse um meio de expressão da subjetividade e um

⁷³ Segundo dados do IBGE, em 2010, dentre os que se declararam evangélicos, 60,0% eram de origem pentecostal, 18,5%, evangélicos de missão e 21,8 %, evangélicos não determinados (AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS, 2012).

⁷⁴ “O protestantismo surgiu, na Reforma Protestante, como uma radical ruptura com os aspectos mágicos do catolicismo medieval, sendo considerado por vários estudiosos como uma das vias de promoção da secularização ocidental. O pentecostalismo, herdeiro do protestantismo, distingue-se teologicamente dele,

espaço de sociabilidade no qual o indivíduo passou a ser a figura central, se situando acima do coletivo, de modo que a experiência pessoal se tornou mais importante que a doutrina religiosa. É, por isso, altamente adequado ao individualismo típico da modernidade, promovendo uma acomodação radical à sociedade e aos seus valores e interesses mundanos a partir da teologia da prosperidade.

Sendo, assim, uma forma de religião universal de salvação individual (PIERUCCI, 2006) altamente alinhada com os preceitos da modernidade, o pentecostalismo prega que “conhecer Jesus” constitui um meio infalível de o converso se dar bem nesta vida, relegando o velho paraíso celestial a segundo plano, sendo a tarefa de Deus abençoá-lo abundantemente no presente. Apropriando-se de modo utilitarista de promessas e rituais para a prosperidade, cura física e emocional, libertação de demônios, resolução de problemas familiares e afetivos e satisfação de necessidades psíquicas, “funcionam como verdadeiros prontos-socorros espirituais para atender demandas de problemas do cotidiano de populações e de indivíduos em crise”. (MARIANO, 1996, p. 125), através da organização e da racionalização empresarial de ofertas de serviços religiosos, bem como de uma relação contratual na qual as bênçãos recebidas são diretamente proporcionais ao valor do dízimo que se paga (MARIANO, 1996).

A Teologia da Prosperidade neopentecostal, por sua vez, prega uma ética econômica voltada para o mundo, onde possuir e ascender são sinais de que Deus, e não o diabo, age em sua vida. Essa ascensão não se ancora especificamente na disciplina e na dedicação ao trabalho, mas em uma disposição empreendedora de quem almeja tornar-se o patrão nas relações de trabalho. Tal disposição de empreender é alimentada por ritos sacrificiais – como dar o dízimo – que geram expectativas de prosperidade material no futuro. Os riscos materiais do empreendimento são considerados atos de fé. (ALMEIDA, 2017, sp).

De acordo com Mariano (1996, 2004), o aumento da adesão de fiéis às denominações evangélicas pentecostais e neopentecostais, verificado nos últimos anos, advém da ótima adequação de suas mensagens e práticas a demandas coletivas preexistentes, aliada a uma elevada competência no uso da mídia eletrônica, reunindo, assim, de maneira exitosa, o que há de mais moderno e eficiente na área de propaganda e comunicação e o que há de mais arcaico no plano religioso, por meio de práticas mágicas

uma vez que possui uma notável feição magicizante ao ressuscitar práticas próprias do cristianismo primitivo, como apregoar que Deus continua a agir hoje tal como no passado bíblico”. (MARIANO, 1996, p. 123).

que guardam grande afinidade com as predisposições religiosas dos estratos pobres da população, os quais, por se encontrarem muitas vezes em situações de carência e crise pessoal, ficam mais vulneráveis a esse tipo de prática.

Nesse sentido, além da extensa utilização da mídia eletrônica, as igrejas pentecostais procuram

maximizar a provisão de compensações concretas e imediatas neste mundo, adaptando a sua mensagem religiosa (...) à vida material e cultural das massas pobres, a fim de provê-las de sentido, significação do porquê se encontram vivendo como vivem e justificação de existência numa dada posição social, fornecendo-lhes recursos simbólicos e rituais para mudar subjetivamente de vida. Nesse intento, esforça-se para atraí-las, persuadi-las e recrutá-las por meio da ênfase na oferta e difusão de serviços e crenças mágico-religiosos com forte apelo popular, da propaganda diuturna de testemunhos de conversão e de bênçãos materiais e do alto teor emocional dos cultos. (MARIANO, 2004, p. 132).

Inseridos nessa estrutura, os fiéis tendem a enxergar que suas dificuldades materiais e psicológicas são resultantes de questões pessoais (e não socialmente estruturadas), buscando, portanto, soluções subjetivistas e personalistas, calcadas no esforço pessoal. Nesse sentido, a Teologia da Prosperidade tem uma forte ligação com a informalidade e a precariedade do trabalho, as quais se agravam em momentos de crise econômica. Nessas situações, a doutrina religiosa é capaz de promover disposições empreendedoras de caráter individualista, segundo as quais o mérito decorre do esforço ativo e da atitude empreendedora, não do capital social e de suas distinções sociais (ALMEIDA, 2007).

Almeida (2004, 2008) chama a atenção, ainda, para a percepção que os fiéis possuem sobre o caráter comunitário e acolhedor das igrejas evangélicas, responsável por formar redes de solidariedade e sociabilidade e por promover uma experiência religiosa fortemente ancorada na emotividade como forma de consolo ou como forma de estímulo às iniciativas individuais, se assentando em uma chave muito mais próxima de um autoconhecimento⁷⁵ do que de uma compreensão material da realidade.

Nesse sentido,

as redes evangélicas trabalham em favor da valorização da pessoa e das relações pessoais, gerando aumento de auto-estima e impulso empreendedor no indivíduo, mas também fomentam a ajuda mútua por meio de laços de confiança e fidelidade. (...). Em face dos evangélicos, as ações de católicos e

⁷⁵ “Daí a sua concorrência parcial com o seguimento de autoajuda, mas aqui em linguagem religiosa”. (ALMEIDA, 2008, p. 54).

kardecistas são mais universalistas, na medida em que para eles o pertencimento a uma ou outra religião não é filtro de seleção na distribuição de benefícios; a atividade católica é menos proselitista e mais voltada para uma ação social que incida nas causas sociais da pobreza, enquanto a filantropia kardecista tem um perfil mais assistencialista, sem enfatizar transformações sociais; já os evangélicos praticam um assistencialismo (...) cuja orientação geral é de que as dificuldades materiais decorrem das ordens moral e espiritual, mas cujos efeitos indiretos (a solidariedade interna) constituem uma rede de relativa proteção social. (ALMEIDA, 2004, p. 105).

As estatísticas que demonstram o crescimento do pentecostalismo ao longo dos anos, provenientes sobretudo dos dados obtidos pelos Censos Demográficos do IBGE, indicam que “[...] as igrejas pentecostais souberam aproveitar e explorar eficientemente, em benefício próprio, os contextos socioeconômico, cultural, político e religioso no último quarto no Brasil”. (MARIANO, 2004, p. 122).

Expressão deste aproveitamento é a crescente participação dos evangélicos na política. Ao ascenderem demograficamente e produzirem canais políticos nos Poderes Legislativo e Executivo, eles vêm demonstrando uma forte capacidade de indução ao voto, mais do que qualquer outra religião no país. Almeida (2017), em artigo que busca compreender a conjuntura político religiosa contemporânea no Brasil, identificou linhas de força que julgou centrais para a compreensão da participação evangélica na atual “onda conservadora” brasileira, quais sejam: econômica, moral e securitária.

No que tange ao vetor econômico, o debate público aponta para posições que celebram o esforço e o mérito individuais, opondo-se, conseqüentemente, a políticas públicas e sociais de transferência de renda e diminuição de desigualdades, as quais passam a ser percebidas como clientelismo político, tornando os pobres acomodados (ALMEIDA, 2017).

Religiosamente, notadamente no âmbito do pentecostalismo, o mérito decorrente do esforço próprio é valorizado e incentivado segundo a lógica de que Deus provê aqueles que permanecem fiéis a ele nos momentos de necessidades materiais, as quais estão sempre presentes no âmbito das classes populares. Se no nível individual e privado o discurso religioso incentiva disposições para o empreendedorismo, no plano público da política institucional muitos políticos evangélicos defendem declaradamente uma agenda econômica liberal, bastante afinada com as ideias acima expostas (ALMEIDA, 2017).

A segunda linha de força defendida pelos evangélicos no âmbito do debate público são as pautas vinculadas a questões morais articuladas a um maior controle dos corpos,

dos comportamentos e dos vínculos primários. Exemplo disso são as agendas contrárias ao aborto e à legalização do casamento gay, sob a bandeira da “proteção à família” (ALMEIDA, 2017).

A terceira linha refere-se às movimentações políticas que demandam posturas e ações mais repressivas e punitivas por parte dos aparelhos de segurança do Estado, as quais reverberam em pautas que defendem, por exemplo, a redução da maioridade penal, a lei do desarmamento e a militarização de parcela da gestão pública, pautas estas que, em boa medida, contam com um considerável apoio popular (ALMEIDA, 2017).

A configuração dos clusters 1 e 2, sobretudo a do cluster 2, o qual é conformado a partir de uma sobrerrepresentação de respondentes evangélicos, demonstra a atuação destas linhas de força na conformação das opiniões políticas e morais expressadas por eles. Nesse sentido, podemos notar que os membros destes clusters tendem a se posicionar contrariamente a programas sociais de diminuição de desigualdades e a pautas defendidas pela comunidade LGBT, a serem defensores da meritocracia e a adotarem opiniões punitivistas no que toca às questões que versam sobre a redução da maioridade penal, o linchamento de “bandidos”, a aplicação de violência contra manifestantes e à liberação do porte de armas.

Por fim, destaco que, apesar das demonstrações no sentido de que os evangélicos fazem parte desta nova onda conservadora observada no Brasil atual, sendo, ao mesmo tempo, constituintes e constituídos por ela, não estou pretendendo afirmar aqui que os mesmos são causa ou resultado deste processo, mas sim que estão vinculados a ele de uma forma geral (ALMEIDA, 2017), sendo, portanto, uma fonte de observação do fenômeno que intentei, por meio desta pesquisa, compreender.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inspirada pela ascensão da nova “onda conservadora” constatada atualmente nas sociedades ocidentais, procurei verificar, no presente trabalho, a partir de uma sociologia política embasada, sobretudo, na teoria bourdieusiana das classes sociais, a possível relação existente entre os *habitus* de classe dos indivíduos constituintes do universo pesquisado e a manifestação de seu autoritarismo/conservadorismo.

As conclusões iniciais, obtidas através do cruzamento das variáveis demográficas dos respondentes com o índice de autoritarismo elaborado a partir de suas respostas políticas e morais a respeito de variados temas, corroboraram a hipótese principal de que os capitais (econômico, cultural e social) acumulados pelos indivíduos estudados, na medida em que se apresentem em maior ou menor grau, possuem uma relação direta com o fato de eles revelarem ou não tendências a adotar posições autoritárias, conservadoras ou reacionárias (BOURDIEU, 2015).

Nesse sentido, pude observar que as camadas populares do universo pesquisado, ou seja, as que possuem menores níveis acumulados de capital, são as que mais aderem a essa posição. Os dados apontam que tais camadas são as mais autoritárias/conservadoras e, ao mesmo tempo, as mais despolitizadas, além de possuírem forte viés religioso, sobretudo evangélico.

Em sentido contrário, as classes médias deste universo, concentradas, sobretudo, nas escolas particulares e, de modo ainda mais específico, na PAR2 (a que representa os respondentes com maiores níveis acumulados de capital), são as que apresentam uma menor tendência à adesão a posições políticas e morais autoritárias/conservadoras, além de serem mais politizadas.

Verifiquei, portanto, que provavelmente existe um *habitus* autoritário nas camadas populares integrantes do universo pesquisado, fato ausente nas suas classes médias.

Tais conclusões ficaram ainda mais consistentes quando construí, por meio da técnica de análise de correspondências múltiplas (ACM), o mapeamento do espaço social das opiniões políticas e morais dos respondentes, o que me permitiu posicioná-los, de acordo com suas propriedades sociais e opiniões, a partir de uma lógica relacional de

homologias e oposições, ao longo dos eixos dos gráficos apresentados, bem como construir análises tipológicas por meio dos três clusters gerados pela ACM.

A partir dos gráficos de propriedades e de clusters gerados pela ACM, pude verificar que o espaço social das opiniões políticas e morais dos respondentes se estrutura, sobretudo, a partir das oposições entre opiniões mais autoritárias/conservadoras e opiniões mais progressistas, tendo como influência variáveis que se referem ao seu nível acumulado de capital cultural e econômico e a sua religião.

Pude concluir, portanto, que a classe social, conceituada, aqui, em termos bourdieusianos, é um fator altamente explicativo do fenômeno do autoritarismo neste universo.

Contudo, em meio às pesquisas bibliográficas que realizei para a construção do meu embasamento teórico, pude perceber que poucos são os trabalhos que buscam posicionar os indivíduos dentro da estrutura social, como fez Pierucci (1988, 1999), buscando compreender, de fato, quais são a origem e a razão deste tipo de posicionamento autoritário/conservador, ou seja, as raízes sociológicas deste fenômeno.

Estes trabalhos, ao se eximirem de fazer uma análise mediada, historicizada e relacional do fenômeno, deixam escapar o essencial para a inteligibilidade das tomadas de posição dos agentes, que é o escrutínio da organização interna e das propriedades sociais dos mesmos, responsáveis pela disseminação do autoritarismo/conservadorismo (FERNANDES e VIEIRA, 2019).

Portanto, em razão de tais constatações, procurei divergir, no presente trabalho, das análises psicossociais do fenômeno (CROCHIK, 1996; ALTEMEYER, 1998; NEUMANN, 2008), a exemplo das inspiradas na pesquisa de Adorno (2007), as quais deixam de lado aspectos mais sociológicos como o pertencimento de classe, e também das análises sociológicas não mediadas que, explicando o fenômeno por meio do próprio fenômeno, se limitam a apontar e descrever os discursos adotados pelos agentes que assumem um posicionamento autoritário/conservador, a sua similitude e coerência, de maneira a concluir que este é, de maneira geral, o modo pelo qual pensam e agem tais indivíduos (TATAGIBA et al, 2015; FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2017; MESSEMBERG, 2017; SOLANO, 2018; FUNDAÇÃO TIDE SETUBAL, 2019).

Procurei divergir, ainda, das análises características da maioria dos estudos realizados sobre autoritarismo no Brasil, os quais, inseridos no âmbito da ciência política,

se orientam notadamente por um viés político-institucional, privilegiando a análise conjuntural e deixando de lado a análise sociológica, o que também torna a explicação do fenômeno insatisfatória.

Nesse aspecto, acredito que, em razão de sua tendência a pensar a “sociedade democrática” como a “sociedade perfeita”, o analista político acaba sendo contaminado por uma certa mistificação ou um certo fetichismo que limitam ou eliminam o ponto de vista científico de sua análise, uma vez que, ao se identificar com a democracia liberal, ele deixa de expurgar a carga ideológica de sua perspectiva de interpretação, ficando prisioneiro das limitações insanáveis da consciência burguesa (FERNANDES, 1979).

Partindo desse ponto de vista, a ciência política defende que a democracia é incompatível com qualquer forma de autoritarismo, construindo um objeto ideal cuja “[...] contaminação ideológica desemboca na ‘ciência política’ como linguagem perfeita, como ciência construtiva formal” (FERNANDES, 1979, p. 10), fechando-se dentro do universo burguês.

Ademais, o cientista político tende a considerar o Estado como o local principal da relação autoritária, deixando de considerar que, além de também existir uma forma de poder que não é diretamente política, o Estado não é uma entidade autônoma e isolada da sociedade que se explica por si mesmo. Ele é, antes, um produto da sociedade em um determinado estado de desenvolvimento, de maneira que seu poder nasce dela, estando a mesma irrigada por relações autoritárias em todos os seus níveis de organização, funcionamento e transformação (FERNANDES, 1979).

Um exemplo de como as interpretações institucionalistas são contaminadas ideologicamente pela fé na democracia como um modelo perfeito são as conclusões de uma pesquisa realizada pela Fundação Tide Setubal, denominada *O Conservadorismo e as Questões Sociais*, a qual objetivou entender as percepções, os valores e os discursos conservadores do “brasileiro médio não radical” a partir da discussão de variados temas políticos e morais com os participantes.

A pesquisa em comento identificou perfis mais e menos conservadores entre os participantes, relacionando-o as suas propriedades sociais como sexo, idade e religião⁷⁶.

⁷⁶ Esta pesquisa identificou que, entre os participantes, os que tendem a ser mais conservadores são: evangélicos, homens, acima de 40 anos; e os que tendem a ser menos conservadores são: pessoas católicas ou sem religião, mulheres, pessoas mais jovens.

Contudo, além de não tentar explicar sociologicamente esses achados, ou seja, o porquê de tais propriedades de classe se relacionarem com maiores ou menores manifestações de conservadorismo, limitando-se a expor os discursos dos entrevistados, ainda menciona que o principal aprendizado da pesquisa foi o de que todos os participantes “[...] valorizam o diálogo e há uma demanda de construir pontes a partir das premissas compartilhadas”, indicando que “[...] há muitos pontos de concordância entre os ‘conservadores’ e os ‘progressistas’” e afirmando que as barreiras para o diálogo entre esses dois polos não está no conteúdo das mensagens, e sim na sua forma. (FUNDAÇÃO TIDE SETUBAL, 2019, p. 109).

Nesse sentido, ao afirmar, por exemplo, que

se há uma percepção de que soluções estatais são ineficientes e levam à corrupção (como Bolsa Família ou cotas), isso não significa que os brasileiros não reconheçam as desigualdades e injustiças que enxergam em seu dia a dia (FUNDAÇÃO TIDE SETUBAL, 2019, p. 109),

utilizando tal constatação como exemplo para afirmar que tanto “conservadores” como “progressistas” reconhecem a existência de desigualdades sociais no país e a necessidade de combatê-las, este estudo toma os discursos apreendidos das entrevistas realizadas com os participantes como verdades universais, sem analisar como tais posicionamentos refletem de fato as visões de mundo de quem os profere. A noção de igualdade, por exemplo, pressupõe uma noção de humanidade, noção esta que muitas vezes não é conferida a todos os membros de uma sociedade na qual estão inseridos os indivíduos e o grupo dos quais fazem parte (ELIAS, 2000).

Por fim, a conclusão final da pesquisa da Fundação Tide Setubal (2019), é a de que, “[...] mais do que nunca, o Brasil precisa de diálogo”, de modo que “entender como brasileiros e brasileiras pensam é o primeiro passo para superar impasses e atritos entre polos que se imaginam tão distantes”. (p. 110).

Podemos notar, portanto, que a ausência de explicações sociológicas para o fenômeno abre espaço para explicações institucionalistas, caracterizadas por um fetichismo que adota os valores de uma democracia liberal, como a participação e o diálogo, como elementos capazes de superar as polarizações sociais e as soluções políticas autoritárias.

Tendo em vista o acima exposto, acredito ser papel da sociologia, portanto, revelar os verdadeiros mecanismos que atuam nas manifestações do autoritarismo, motivo pelo qual empreendi minha pesquisa nos moldes que ela aqui se apresentou. Nesse sentido, Bourdieu (1996b), ao apresentar o papel da sociologia em comparação com o papel da literatura, afirma que

a leitura sociológica rompe o encanto. Colocando em suspenso a cumplicidade que une o autor e o leitor na mesma relação de denegação da realidade expressa pelo texto, ela revela a verdade que o texto enuncia, mas de modo tal que não a diz; além disso, ela faz surgir *a contrario* a verdade do próprio texto que, precisamente, define-se em sua especificidade pelo fato de que não diz o que diz como ela o diz. A forma na qual se enuncia a objetivação literária é sem dúvida o que permite a emergência do real mais profundo, mais oculto (aqui, a estrutura do campo do poder e o modelo do envelhecimento social), porque ela é o véu que permite ao autor e ao leitor dissimulá-lo e dissimulá-lo para eles próprios. (p. 48-49).

O autor, ainda no âmbito da comparação entre a sociologia e a literatura, mas em apontamento que serve também para a discussão que está sendo travada aqui, uma vez que todos os campos possuem lógicas de funcionamento homólogas, segue expondo que

o sociólogo, próximo nisso do filósofo segundo Platão, opõe-se ao "amigo dos belos espetáculos e das belas vozes" que é também o escritor: a "realidade" que ele busca não se deixa reduzir aos dados imediatos da experiência sensível nos quais ela se entrega; ele não visa dar a ver, ou a sentir, mas construir sistemas de relações inteligíveis capazes de explicar os dados sensíveis. (BOURDIEU, 1996b, p. 14).

Inspirada, portanto, nas lições bourdieusianas acerca do papel da sociologia na revelação dos mecanismos ocultos de produção e de reprodução dos *habitus* no interior das sociedades e das lógicas de funcionamento dos campos, procurei atribuir ao fenômeno do autoritarismo na contemporaneidade uma perspectiva sociológica, a qual se revela premente em face dos escassos trabalhos nas ciências sociais brasileiras que versam sobre o assunto sob esta ótica. Espero ter aberto caminho para que posteriores trabalhos aprofundem os achados aqui contidos, sobretudo em relação ao viés metodológico qualitativo, fora do escopo desta dissertação em razão de espaço e tempo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W., et al. *Etudes sur la personnalité autoritaire*. Paris: Editions Allia, 2007.

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. *Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião*. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espíritas-e-sem-religiao>. Acesso em 04/06/2019.

ALMEIDA, Ronaldo de. Religião na metrópole paulista. *RBCS*, v. 19, n. 56, outubro/2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbcso/v19n56/a02v1956.pdf>. Acesso em 04/06/2019.

_____. Os pentecostais serão maioria no Brasil?. *Revista de Estudos da Religião*, dezembro/2008, pp. 48-58. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_almeida.pdf. Acesso em 04/06/2019.

_____. A onda quebrada – evangélicos e conservadorismo. *Cad. Pagu*, n. 50, Campinas, Junho/2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n50/1809-4449-cpa-18094449201700500001.pdf>. Acesso em 04/06/2019.

ALTEMEYER, Bob. The Other “Authoritarian Personality”. In: ZANNA, Mark P (Org.). *Experimental Social Psychology*. Waterloo: Academic Press, 1998.

BERTONCELO, Edison Ricardo Emiliano. Consumo cultural e manutenção das distâncias sociais no Brasil. In: PULICI, Carolina Martins; FERNANDES, Dmitri Cerboncini (orgs.). *As lógicas sociais do gosto: condicionantes das preferências, hierarquias simbólicas e legitimidades culturais*. São Paulo: Fap-Unifesp, 2019.

BOURDIEU, Pierre. *Raisons pratiques*. Sur la théorie de l’action. Paris : Seuil, 1994.

_____. Você disse “popular”? *Revista Brasileira de Educação*, n. 1, Jan/Fev/Mar/Abr 1996a. Disponível em: http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE01/RBDE01_04_PIERRE%20BOURDIEU.pdf. Acesso em 18/01/2018.

_____. *As Regras da Arte: Gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b.

_____. Capital simbólico e classes sociais. *Novos Estud. - CEBRAP*, n. 96, São Paulo, Julho 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002013000200008&script=sci_arttext#nt. Acesso em 16/03/2018.

_____. *A Distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2015.

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. *An invitation to reflexive sociology*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Direitos humanos ou “privilégios de bandidos”?: desventuras da democratização brasileira. *Novos Estud. - CEBRAP*, n. 30, p. 162-174, jul. 1991. Disponível em:

CARDOSO, Felipe Gava. Notas sobre Tocqueville: conservadorismo e método. *Revista de Discentes de Ciência Política da UFSCAR*, v.3, n.1, 2015. Disponível em <http://www.agendapolitica.ufscar.br/index.php/agendapolitica/article/view/60/56>. Acesso em 19/07/2018.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: O longo caminho*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CORADINI, Odaci Luiz. Representação profissional e elites políticas no Brasil no período recente. *Política & Sociedade*, Trindade, v. 5, n. 9, p. 123-162, 1 dez 2006.

CROCHIK, José Leon. Preconceito, indivíduo e sociedade. *Temas em Psicologia*, v. 4, n. 3, Ribeirão Preto, dez. 1996. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1996000300004. Acesso em 18/01/2018.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DATAFOLHA INSTITUTO DE PESQUISAS. *Lula lidera disputa presidencial; sem ele, Marina e Bolsonaro ficam à frente*. 2017. Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2017/10/1923631-lula-lidera-disputa-presidencial-sem-ele-marina-e-bolsonaro-ficam-a-frente.shtml>. Acesso em 13/10/2017

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

EVERITT, Brian S. *The analysis of contingency tables*. Chapman and Hall/CRC, 1991.

FERNANDES, Florestan. *Apontamentos sobre a “Teoria do Autoritarismo”*. São Paulo: Editora Hucitec, 1979.

FERNANDES, Dmitri Cerboncini; MESSENERG, Debora. Apresentação: Um espectro ronda o Brasil (à direita). *Plural*, 25(1), 1-12, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2018>. Acesso em 04/06/2019.

FERNANDES, Dmitri Cerboncini; VIEIRA, Allana Meirelles. A direita mora do mesmo lado da cidade: especialistas, polemistas e jornalistas. *Novos Estud. - CEBRAP*, v. 38,

n.01, Jan.- Abr. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002019000100009&script=sci_arttext. Acesso em 04/06/2019.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (Org.). *Medo da violência e o apoio ao autoritarismo no Brasil: índice de propensão ao apoio a posições autoritárias*. São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/medo-da-violencia-e-o-apoio-ao-autoritarismo-no-brasil/>. Acesso em 13/10/2017.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO (Org.). *Percepções e valores políticos nas periferias de São Paulo*. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/publicacao/percepcoes-e-valores-politicos-nas-periferias-de-sao-paulo/>. Acesso em 28/11/2018.

FUNDAÇÃO TIDE SETUBAL (Org.). *O conservadorismo e as questões sociais*. São Paulo, 2019. Disponível em: <http://conteudo.fundacaotidesetubal.org.br/downloadconservadorismo>. Acesso em 04/06/2019.

GREENACRE, M; BLASIUS, J. *Multiple correspondence analysis and related methods*. London: CRC Press, 2006.

IBGE. *Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf. Acesso em 04/06/2019.

IBGE CIDADES. *Juiz de Fora - Panorama*. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/juiz-de-fora/panorama>. Acesso em: 23/04/2019.

KLÜGER, Elisa. Análise de correspondências múltiplas: fundamentos, elaboração e interpretação. *BIB*, São Paulo, n. 86, 2/2018, pp. 68-97.

LE ROUX, Brigitte; ROUANET, Henry. *Multiple Correspondence Analysis*. Londres: Sage, 2010.

MANNHEIM, Karl. O significado do conservantismo. In FORACCHI, Marialice Mencarini (Org.). *Karl Mannheim*. São Paulo: Ática, 1982.

MARIANO, Ricardo. Igreja Universal do Reino de Deus: a magia institucionalizada. *Revista USP*, São Paulo (31): 120-131, setembro/novembro 1996. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=MARIANO%2C+Ricardo.+Igreja+Universal+do+Reino+de+Deus%3A+a+magia+institucionalizada.+&btnG=. Acesso em 04/06/2019.

_____. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*, vol.18, n.52, São Paulo, Sept./Dec. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a10v1852.pdf>. Acesso em 04/06/2019.

MAYER, N. ; ROUX, G. Des votes xénophobes ?. In : B. CAUTRES N. MAYER (dir.), *Le nouveau désordre électoral*. Paris : Presses de la fondation nationale de sciences politiques, 2004, p. 97-111; B.

MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. *Revista Sociedade e Estado*, v. 32, n. 3, Setembro/Dezembro 2017. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922017000300621#.Wly9tRwZwIY.facebook. Acesso em 18/01/2018.

NEUMANN, Alexander. Peur, Bruits et Odeurs. La personnalité autoritaire face aux dispositifs sécuritaires. *Mouvements*, n. 55-56, pp. 155-167, 2008/3. Disponível em <https://www.cairn.info/revue-mouvements-2008-3-page-155.htm>. Acesso em 18/01/2018.

ORTELLADO, Pablo; SOLANO, Ester. *Pesquisa manifestação política 12 de abril de 2015*. Disponível em <http://gpopai.usp.br/pesquisa/>. Acesso em 20/07/2018.

PIERUCCI, Antônio Flávio. A direita mora do outro lado da cidade. *Portal de Publicações da Anpocs*, 1988. Disponível em http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_10/rbcs10_03.htm. Acesso em 25/04/2018.

_____. *Ciladas da Diferença*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. Religião como solvente – uma aula. *Novos Estud. - CEBRAP*, n.75, São Paulo, Julho, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n75/a08n75.pdf>. Acesso em 04/06/2019.

RIBEIRO, Fabio Ricardo dos Anjos. *Telejornalismo policial e legitimação do senso comum conservador em dois universos de recepção*. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/1810/1/fabioricardodosanjosribeiro.pdf>. Acesso em 10/05/2018.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, n. 20, Rio de Janeiro, Maio/Agosto 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a05>. Acesso em 19/03/2018.

SINGER, André. *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. 2012. Disponível em <http://lelivros.love/book/download-os-sentidos-do-lulismo-andre-singer-em-epub-mobi-e-pdf/>. Acesso em 21/11/2018.

_____. *O lulismo em crise: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOLANO, Esther. Crise da Democracia e extremismos de direita. *Análise*, n. 42, 2018. Disponível em <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/14508.pdf>. Acesso em 20/07/2018.

TATAGIBA, Luciana ; TRINDADE, Thiago ; TEIXEIRA, Ana Claudia C. Protestos à direita no Brasil (2007-2015). In: CRUZ, Sebastião Velasco; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Orgs.). *Direita, volver!:* o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015. Disponível em <https://fpabramo.org.br/publicacoes/estante/direita-volver/>. Acesso em 20/07/2018.

TELLES, Helcimara de Souza. Corrupção, legitimidade democrática e protestos: o boom da direita na política nacional? *Revista Interesse Nacional*, ano 8, n. 30, Jul.-Set. 2015.

VICENTE, Eliana. *Pobres “de bem”, pobres “marginais”: a relação estabelecidos e outsiders nas classes populares do Rio de Janeiro*. 2019. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/9772/1/elianavicente.pdf>. Acesso em 04/06/2019.

WACQUANT, Loïc. Poder simbólico e fabricação de grupos: como Bourdieu reformula a questão das classes. *Novos Estud. – CEBRAP*, n.96, Jul. 2013. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002013000200007&script=sci_arttext. Acesso em: 04/06/2018.

WEBER, Max. *A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais*. São Paulo: Ática, 2006.

APÊNDICE A - Questionário

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Ciências Sociais
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

Pesquisa: Autoritarismo, Classe e Juventude – 2018.

Data: ____/____/2018	Nº entrevista: ____ ____
Nome do entrevistador/pesquisador: Mariana Cardozo Batista de Oliveira – Mestranda - PPGCSO/UFJF. Orientador: Prof. Dr. Dmitri Cerboncini Fernandes.	

APRESENTAÇÃO: Olá, estou fazendo uma pesquisa de Mestrado na UFJF (Ciências Sociais). Para a pesquisa, estamos interessados em conhecer os gostos e opiniões de jovens a respeito de variados temas. Você poderia responder algumas questões? Os resultados são apenas para uso científico e as suas respostas não serão identificadas. Garantimos o total anonimato de suas opiniões. Caso queira entrar em contato comigo ou com o professor que me orienta, para saber mais sobre a pesquisa, o e-mail é mariana.batistadeoliveira@gmail.com. Também queria avisar que alguns entrevistados serão sorteados futuramente e possivelmente convidados para uma entrevista mais detalhada. Claro que ninguém precisará aceitar o convite. É para um possível contato futuro que estamos pedindo seu primeiro nome e e-mail.

Nome do entrevistado: _____ E-mail: _____

BLOCO: QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO

P1. Sexo:

- 1 Masculino
- 2 Feminino

P2. Você é aluno(a) de qual ano? _____

P3. Qual é sua data de nascimento? **Anote:** ____/____/____

P4. Você trabalha?

- 1 Sim **P4a. Se sim, em que atividade?** _____
P4b. Desde que ano? _____
- 2 Não

P5. Considerando o critério do IBGE, você se classificaria como sendo de que cor ou etnia?

- 1 Branca
 2 Preta
 3 Parda
 4 Amarela
 5 Indígena
 6 Outra (*anote*): _____
 7 Não sabe/não quer responder.

P6. Qual é ou era a principal profissão de seus pais? (considerar os “pais de criação” ou responsáveis)

a. Profissão RESPONSÁVEL 1 (especificar o grau de parentesco)

b. Profissão RESPONSÁVEL 2 (especificar o grau de parentesco)

P7. Qual é ou era o grau de escolaridade de seus pais? (considerar os “pais de criação” ou responsáveis)**a. Escolaridade RESPONSÁVEL 1:**

- 1 Não frequentou escola
 2 De 1ª a 4ª do Ensino Fundamental
 3 De 5ª a 8ª do Ensino Fundamental
 4 Ensino Médio incompleto
 5 Ensino Médio completo
 6 Ensino Superior incompleto
 7 Ensino Superior completo
 8 Pós-Graduação
 9 Não sabe / Não quer responder

b. Escolaridade RESPONSÁVEL 2:

- 1 Não frequentou escola
 2 De 1ª a 4ª do Ensino Fundamental
 3 De 5ª a 8ª do Ensino Fundamental
 4 Ensino Médio incompleto
 5 Ensino Médio completo
 6 Ensino Superior incompleto
 7 Ensino Superior completo
 8 Pós-Graduação
 9 Não sabe / Não quer responder

P8. Você tem filho(s) ou filha(s)?

- 1 Sim (**P9a.** Se sim, quantos(as)? _____)
- 2 Não

P9. Em qual município você reside atualmente?

- 1 Juiz de Fora - MG
- 2 Outro (*anote*): _____ Estado: |____|____|

P9a. Em que bairro você mora? _____**P10. Com quem você mora?**

- 1 Com meus pais + irmãos
- 2 Com meus pais sem irmãos
- 3 Só com minha mãe ou só com meu pai + irmãos
- 4 Só com minha mãe ou só com meu pai sem irmãos
- 5 Com meus avós ou outro responsável + irmãos
- 6 Com meus avós ou outro responsável sem irmãos
- 7 Sozinho (a)
- 8 Outra resposta (anotar qual) _____

P11. Quantas pessoas moram na sua casa, incluindo você? _____**P12. Qual a renda da sua família, aproximadamente (considerado todos que contribuem para a renda da sua casa)?**

- 1 Não mais que 1 salário mínimo (R\$ 788,00)
- 2 De 1 a 2 salários mínimos (R\$ 788,00 a R\$ 1.576,00)
- 3 De 2 a 4 salários mínimos (R\$ 1.576,00 a R\$ 3.152,00)
- 4 De 4 a 10 salários mínimos (R\$ 3.152,00 a R\$ 7.880,00)
- 5 De 10 a 20 salários mínimos (R\$ 7.880,00 a R\$ 15.760,00)
- 6 Acima de 20 salários mínimos (mais de R\$15.760,00)

P13. Você faz algum curso além da escola regular (ex: algum idioma, esporte, etc.)?

- 1 Sim (**P13a.** Se sim, qual(is)? _____)
- 2 Não

P14. Quando acabar o ensino médio você pretende:

- 1 Prestar o ENEM ou outra espécie de vestibular para ingressar em um Curso Superior (Faculdade)
- 2 Fazer um curso técnico ou profissionalizante
- 3 Ingressar diretamente no mercado de trabalho
- 4 Parar de estudar e não trabalhar
- 5 Outra resposta (anotar qual) _____
- 6 Não sabe / Não quer responder

BLOCO: PRÁTICAS CULTURAIS

Agora gostaria de lhe fazer algumas perguntas sobre suas práticas e preferências culturais.

P15. Apresentarei uma lista de atividades e gostaria que você dissesse quais delas você pratica com certa frequência:

EVENTOS		EVENTOS	
a. Ir ao cinema		h. Ir a um museu ou galeria de arte (fora das atividades escolares)	
b. Assistir a uma peça teatro		i. Ir a um clube	
c. Viajar a passeio		j. Ir a um jogo de futebol	
d. Ir a um show		k. Assistir a filmes em casa	
e. Assistir a programas de televisão		l. Ouvir rádio	
f. Ir a restaurantes (para almoçar ou jantar fora)		m. Jogar Videogame	
g. Ler livros de literatura (fora das atividades escolares)		n. Usar a internet	

P16. Se você respondeu acima que assiste TV (se não, pular para P19), que programas você mais assiste? (anotar três programas que lembrar)

P17. Você assiste algum canal no Youtube? Se sim, quais?

P18. Se você respondeu que acessa a internet, qual site, blog ou portal costuma acessar mais? (anotar os três principais)

P19. Você tem perfil no Facebook ou em outras redes sociais?

- 1 Sim
- 2 Não

P19a. (Apenas se respondeu sim para a questão P21) Você segue alguma página sobre política, o perfil ou o canal de algum político no Facebook ou em outras redes sociais?

- 1 Sim (**P21b.** Se sim, em qual(is)? _____)
- 2 Não

P20. Quantos livros não didáticos você possui em casa?

- 1 0
- 2 De 1 a 20
- 3 De 20 a 50
- 4 50 ou mais.

P20a. Seus pais ou responsáveis têm o hábito de ler livros (exceto livros religiosos)?

- 1 Sim
- 2 Não

P20b. Seus pais ou responsáveis têm o hábito de ler revistas e jornais?

- 1 Sim
- 2 Não

P20c. Seus pais ou responsáveis incentivam você a ler livros (exceto livros religiosos)?

- 1 Sim
- 2 Não

P21. Você costuma viajar a passeio?

- 1 Sim
- 2 Não

P21a. Se você respondeu SIM para a pergunta anterior, com que frequência você viaja?

- 1 Menos de uma vez por ano
- 2 Uma ou duas vezes no ano
- 3 Três ou mais vezes no ano

P21b. Se você respondeu SIM para a pergunta P16, você já viajou para o exterior (para outros países)?

- 1 Sim (**P16c.** Se sim, por qual motivo? _____)
- 2 Não

P22. Que tipo de música você mais gosta de ouvir (pode marcar mais de uma opção):

- 1 Rock
- 2 Pop
- 3 MPB
- 4 Jazz
- 5 Funk
- 6 Sertanejo
- 7 Axé
- 8 Samba
- 9 Pagode
- 10 Música eletrônica
- 11 Reggae
- 12 Hip Hop / Rap
- 13 Gospel
- 14 Música Clássica
- 15 Outra resposta (anotar qual) _____

P23. Vou citar algumas atividades e gostaria que você me dissesse, para cada uma, se você a pratica com regularidade, pratica às vezes, não pratica agora, mas já praticou, ou se você nunca praticou:

ATIVIDADES	Nunca	Já praticou	Às vezes	Regularmente
a. Aulas ou grupos de dança				
b. Aulas ou grupos de teatro				
c. Aulas ou grupos de música ou coral				
d. Literatura, escreve romance ou poesia				

P24. Em termos religiosos, você se considera:

Qual é a sua religião?

Resposta: _____

() Sem religião

P25. Você frequenta algum templo, igreja, centro ou outro local de culto religioso?

- 1 Sim
- 2 Não (*Pular para P25*)

P25a. Se SIM, com que frequência?

- 1 Mais de uma vez por semana
- 2 Entre uma vez por semana / a cada duas semanas
- 3 Entre uma vez por mês / a cada dois ou três meses
- 4 Muito esporadicamente

BLOCO: IDENTIDADES

Agora gostaria de saber as suas opiniões sobre alguns assuntos considerados polêmicos, como política, diversidades, violência, etc.

P26. Você pretende votar nas eleições de 2018?

- 1 Sim
- 2 Não

P26a. Em qual desses possíveis candidatos à Presidência da República você votaria?

- 1 Marina Silva (Rede)
- 2 Geraldo Alckmin (PSDB)
- 3 Ciro Gomes (PDT)
- 4 Lula (PT)
- 5 João Doria (PSDB)
- 6 Fernando Haddad (PT)
- 7 Jair Bolsonaro (PSC)
- 8 Guilherme Boulos (PSOL)
- 9 Nenhum
- 10 Não vou votar
- 11 Outro (anotar qual): _____

P27. Você tem preferência por algum partido político e/ou grupo?

- 1 Sim (anotar qual/quais): _____
- 2 Não
- 3 Não sabe / Não quer responder.

P28. Você discute assuntos políticos (por exemplo, partidos, candidatos, corrupção, políticas sociais, eleições, etc.)?

- 1 Sim
- 2 Não

P28a. Quando você mais discute assuntos políticos?

- 1 Em casa, com meus pais ou responsáveis.
- 2 Com meus amigos.
- 3 Na escola, apenas.
- 4 Não discuto.
- 5 Outra resposta (anotar qual) _____

P29. Em sua opinião, o Brasil precisa mais de um Presidente que:

- 1 Seja um líder com mão forte, que saiba conduzir a nação.
- 2 Tenha um perfil mais técnico, que torne o Estado mais eficiente.
- 3 Seja alguém que atenda as demandas tanto dos ricos quanto dos pobres.
- 4 Seja alguém que atenda primeiro as demandas dos pobres e marginalizados.
- 5 Outra resposta (anotar qual) _____
- 6 Não sabe / Não quer responder

P30. Em sua opinião, programas sociais como o Bolsa Família:

- 1 Ajudam pessoas necessitadas que não tiveram oportunidades
- 2 Podem até ajudar, mas devem ser temporários
- 3 Tornam as pessoas acomodadas
- 4 Sustentam quem não gosta de trabalhar
- 5 Outra resposta (*anote*): _____
- 6 Não sabe/não quer responder

P31. Se você soubesse que um filho seu é gay, ou que uma filha sua é lésbica, como você reagiria?

- 1 Ficaria contente
- 2 Não se importaria, pois acha isso indiferente
- 3 Aceitaria com preocupação
- 4 Não gostaria, mas procuraria aceitar
- 5 Não aceitaria, mas continuaria convivendo
- 6 Não aceitaria e expulsaria ele ou ela de casa
- 7 Outra resposta (*anote*): _____
- 8 Não sabe/não quer responder

P32. Qual das seguintes alternativas se aproxima mais da sua opinião? A homossexualidade é:

- 1 Uma inclinação que vem desde o nascimento
- 2 Uma opção de cada pessoa
- 3 Fruto do meio em que a pessoa cresce
- 4 Um problema de caráter
- 5 Um tipo de doença
- 6 Outra resposta (*anote*): _____
- 7 Não sabe/não quer responder

P33. Com a frase “O casamento gay não deve ser legalizado, devemos é defender a família tradicional cristã”, você:

- 1 Concorda
- 2 Não Concorda Nem Discorda
- 3 Discorda
- 4 Não sabe/não quer responder

P34. Sobre os presídios brasileiros, qual afirmação se aproxima mais do que você pensa?

- 1 São completamente inadequados, pois são desumanos
- 2 São inadequados, mas não existe outra saída
- 3 São adequados, pois quem comete crimes não merece coisa melhor
- 4 São bons até demais, pois fornecem comida e água fresca a criminosos
- 5 Outra resposta (*anote*): _____
- 6 Não sabe/não quer responder

P35. Com relação à frase: “Imigrantes de países ou regiões mais pobres devem ficar em seus lugares de origem, pois já temos muitos miseráveis por aqui”, você:

- 1 Concorda
- 2 Não Concorda Nem Discorda
- 3 Discorda
- 4 Não sabe/não quer responder

P36. Em sua opinião, mulheres que usam roupas curtas:

- 1 Devem saber que incentivam o estupro ou outros atos de abuso.
- 2 Devem saber que incentivam cantadas e, por isso, não devem se sentir ofendidas.
- 3 Estão no direito delas, mas não devem estar desacompanhadas e nem estar em lugares tidos como perigosos.
- 4 Estão no direito delas e devem ser respeitadas independentemente da roupa que estão usando e do lugar onde estão.
- 5 Outra resposta (*anote*): _____
- 6 Não sabe/não quer responder

P37. Sobre a Polícia Militar, qual afirmação mais se aproxima do que você pensa:

1. É uma instituição respeitável e deve ser admirada
2. Há pessoas boas e más na polícia, como em qualquer instituição
3. No geral, tem mais aspectos positivos do que negativos
4. No geral, tem mais aspectos negativos do que positivos
5. Deveria ser desmilitarizada
6. Sua própria existência deve ser repensada (não deveria existir)
7. Não sabe / Não quer responder

P38. Em sua opinião, quando a polícia deve usar a violência contra manifestantes?

1. Nunca, pois a manifestação é um direito democrático
2. Apenas quando houver depredação do patrimônio público
3. Quando houver depredação do patrimônio privado ou público
4. Se houver ameaça a vida de um civil ou militar
5. Se os manifestantes estiverem bloqueando vias públicas
6. Sempre, pois toda manifestação é uma baderna
7. Outra resposta (*anote*): _____
8. Não sabe/não quer responder

P39. Com a afirmação “o porte de armas seria importante para os cidadãos se defenderem dos criminosos”, você:

- 1 Concorda
- 2 Não Concorda Nem Discorda
- 3 Discorda
- 4 Não sabe/não quer responder

P40. Sobre as pessoas espancarem bandidos com suas próprias mãos (justiça popular), sem esperar pela polícia, qual a opção mais próxima de sua opinião?

1. Sou completamente contra, pois apenas a polícia e o Judiciário podem aplicar punições, após um processo
2. Sou completamente contra, pois é um ato desumano
3. Considero que alguns bandidos, a depender do crime, merecem ser castigados pela população
4. É um ato de legítima defesa dos cidadãos de bem
- 5 Outra resposta (*anote*): _____
- 6 Não sabe/não quer responder

P41. Com a frase “A cadeia para menores de 18 anos vai diminuir a criminalidade juvenil”, você:

- 1 Concorda
- 2 Não Concorda Nem Discorda
- 3 Discorda
- 4 Não sabe/não quer responder.

P42. Sobre a pena de morte, você é:

- 1 Inteiramente contra
- 2 Contra, mas favorável à prisão perpétua
- 3 Favorável apenas para crimes “bárbaros” (muito graves)
- 4 Favorável para todos os tipos de crimes
- 5 Não sabe/não quer responder.

P43. Você seria a favor de uma intervenção militar no Brasil em qual situação?

- 1 Nunca
- 2 Apenas em momentos de crise econômica
- 3 Apenas em momentos de crise política
- 4 Em qualquer situação
- 5 Não sabe / Não quer responder

P44. Com a frase: “Hoje em dia ninguém obedece mais a família, os mais velhos, os chefes, os professores nem a polícia, por isso os valores estão invertidos” você:

- 1 Concorda
- 2 Não Concorda Nem Discorda
- 3 Discorda
- 4 Não sabe/não quer responder

P45. Sobre a política de cotas para universidades, o que você pensa?

- 1 Sou a favor, porque ajuda a diminuir a desigualdade
- 2 Sou a favor apenas de cota para pobres, não de cota racial
- 3 Sou contra, porque o esforço pessoal deve ser valorizado
- 4 Sou contra, porque com as cotas a qualidade do ensino superior diminui
- 5 Sou contra, porque a solução é investir no ensino básico.
- 6 Não sabe/não quer responder.

P46. Sobre a afirmação: “Já que muitos negros usam a camiseta ‘100% Negro’, os brancos também deveriam usar uma camiseta ‘100% Branco’”, qual das seguintes frases mais se aproxima ao seu pensamento?

- 1 Concordo, pois os brancos também tem que ter orgulho de sua cor
- 2 Concordo, pois os direitos devem ser iguais para negros e brancos
- 3 Discordo, pois brancos não sofrem preconceito, não justificando o uso da camisa
- 4 Discordo, pois isso é uma afronta aos negros
- 5 Não sabe / Não quer responder

P47. Você considera que movimentos sociais, como o movimento negro, movimento gay, movimento feminista ou MST (Movimento dos Sem Terra):

1. São necessários para a defesa dos direitos de minorias
2. São desnecessários, pois essas minorias já têm os seus direitos garantidos
3. São desnecessários, pois instituem privilégios para as minorias
4. Não deveriam existir, pois muitos se servem desses movimentos apenas para criar baderna ou aparecer
5. Deveriam ser proibidos, pois apoiam a implantação de uma nova ditadura (gay, feminista, negra) no Brasil
6. Não sabe / Não quer responder.

P48. Ainda segundo sua opinião, pessoas que não têm sucesso profissional:

- 1 Geralmente tiveram menos oportunidades do que outros
- 2 Tiveram menos oportunidades, mas geralmente não se esforçaram muito
- 3 São sempre aqueles que não se esforçaram o suficiente
- 4 São os que, naturalmente, não têm competência
- 5 Não sabe/não quer responder.

P49. Com a frase: “Cuba, Venezuela, Bolívia e outros países comunistas estão pondo em marcha um plano para dominar o Brasil”, você:

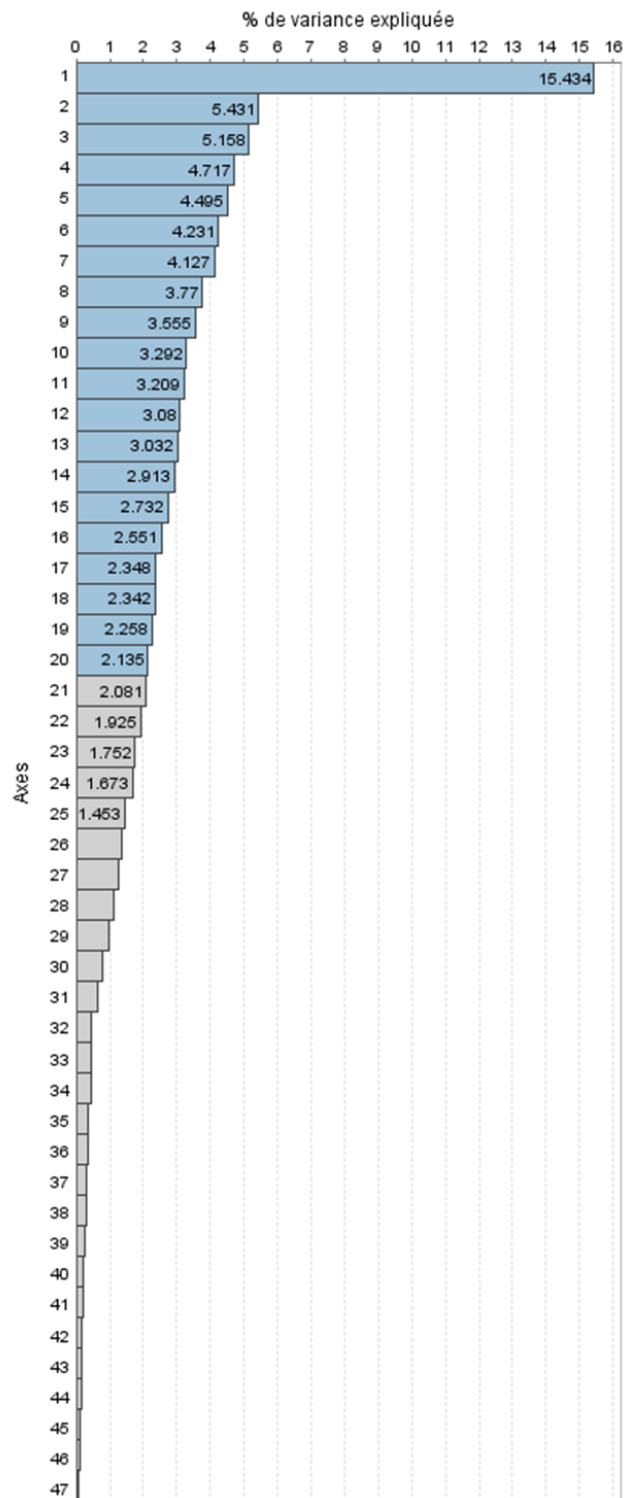
- 1 Concorda
- 2 Não Concorda Nem Discorda
- 3 Discorda
- 4 Não sabe/não quer responder.

Muito obrigado por sua colaboração! Você contribuiu demais para com a pesquisa!

**APÊNDICE B - Tabela demonstrativa da variância explicada pelos eixos 1 e 2 pela
Taxa Modificada de Benzécri (Gráficos 1 e 2)**

Variances des axes (valeurs propres) et recherche de paliers						
Variance du nuage (trace de la matrice) : 1,626						
Axe	Variance de l'axe (valeur propre)	% de variance expliquée	% de variance expliquée cumulé	Taux modifié de Benzécri (%)	Retenu selon le critère de Kaiser	
1	0,251	15,4	15,4	77,6	X	
2	0,088	5,4	20,9	4,8	X	
3	0,084	5,2	26,0	4,0	X	
4	0,077	4,7	30,7	2,9	X	
5	0,073	4,5	35,2	2,5	X	
6	0,069	4,2	39,5	1,9	X	
7	0,067	4,1	43,6	1,8	X	
8	0,061	3,8	47,4	1,2	X	
9	0,058	3,6	50,9	0,9	X	
10	0,054	3,3	54,2	0,6	X	
11	0,052	3,2	57,4	0,5	X	
12	0,050	3,1	60,5	0,4	X	
13	0,049	3,0	63,5	0,4	X	
14	0,047	2,9	66,4	0,3	X	
15	0,044	2,7	69,2	0,2	X	
16	0,041	2,6	71,7	0,1	X	
17	0,038	2,3	74,1	0,0	X	
18	0,038	2,3	76,4	0,0	X	
19	0,037	2,3	78,7	0,0	X	
20	0,035	2,1	80,8	0,0	X	
21	0,034	2,1	82,9	0,0		
22	0,031	1,9	84,8	0,0		
23	0,028	1,8	86,6	0,0		
24	0,027	1,7	88,2	0,0		
25	0,024	1,5	89,7	0,0		
26	0,022	1,3	91,0	0,0		
27	0,020	1,2	92,3	0,0		
28	0,018	1,1	93,4	0,0		
29	0,016	1,0	94,4	0,0		
30	0,013	0,8	95,2	0,0		
31	0,011	0,7	95,8	0,0		
32	0,007	0,5	96,3	0,0		
33	0,007	0,5	96,7	0,0		
34	0,007	0,4	97,2	0,0		
35	0,006	0,4	97,5	0,0		
36	0,006	0,3	97,9	0,0		
37	0,005	0,3	98,2	0,0		
38	0,005	0,3	98,5	0,0		
39	0,004	0,3	98,7	0,0		
40	0,004	0,2	98,9	0,0		
41	0,003	0,2	99,2	0,0		
42	0,003	0,2	99,3	0,0		
43	0,003	0,2	99,5	0,0		
44	0,003	0,2	99,7	0,0		
45	0,002	0,1	99,8	0,0		
46	0,002	0,1	99,9	0,0		
47	0,001	0,1	100,0	0,0		
Total	1,626	100,0	100,0	100,0		

**APÊNDICE C - Gráfico demonstrativo da variância explicada pelos eixos 1 e 2
pela Taxa Modificada de Benzécri (Gráficos 1 e 2)**



**APÊNDICE D - Contribuição das variáveis ativas para a conformação dos eixos 1
e 2 (Gráficos 1 e 2)**

Contributions des variables actives				
Variables	Poids relatif (%)	Axe 1	Axe 2	
Candidatos	5,1	10,0	7,7	
P29	4,0	6,5	8,3	
P30	4,5	1,0	8,6	
P31	4,6	3,4	0,1	
P34	4,2	5,7	8,5	
P37	4,7	2,8	2,1	
P38	4,5	3,5	1,9	
P40	4,4	6,1	0,5	
P42	4,8	4,7	0,2	
P43	4,1	7,5	4,7	
P46	4,4	7,7	3,2	
P48	4,5	5,5	4,5	
P33	4,4	7,3	1,7	
P35	4,8	2,6	4,5	
P39	4,5	6,2	0,5	
P41	4,8	8,0	16,3	
P44	4,7	5,4	11,5	
P49	3,3	2,2	12,9	
P45	4,5	4,0	2,3	

APÊNDICE E - Modalidades (ou categorias) ativas que contribuíram acima da média para a conformação do eixo 1 (Gráfico 1)

Par les modalités actives - Contribution moyenne 2.13%				
Libellé de la variable	Libellé de la modalité	Poids	Coordonnée	Contribution
P43	+intervençaomilitar	24,000	-1,467	5,1
Candidatos	Jair Bolsonaro	26,000	-1,460	5,4
P29	presidentelider	34,000	-1,044	3,6
P34	-presidiosinadequad	45,000	-0,954	4,0
P33	=casamentogay	50,000	-0,910	4,1
P39	=arma	41,000	-0,893	3,2
P41	+cadeia18	61,000	-0,798	3,8
P31	-aceitaçãoofilhogay	41,000	-0,734	2,2
P46	+camisa100%branc	86,000	-0,662	3,7
P44	+inversaodevalores	59,000	-0,646	2,4
P42	+penademorte	73,000	-0,639	2,9
P40	+linchamento	87,000	-0,632	3,4
P48	+meritocracia	93,000	-0,553	2,8
ZONE CENTRALE				
P43	-intervençaomilitar	142,000	0,420	2,5
P39	-arma	141,000	0,467	3,0
P33	+casamentogay	130,000	0,505	3,3
P48	-meritocracia	92,000	0,551	2,7
P40	-linchamento	91,000	0,553	2,7
Candidatos	Ciro Gomes	71,000	0,567	2,2
P41	-cadeia18	93,000	0,651	3,9
P38	-violenciacontraman	56,000	0,667	2,4
P46	-camisa100%branc	92,000	0,667	4,0
P44	-inversaodevalores	53,000	0,752	2,9
P37	-PM	37,000	0,820	2,4
P29	presidenteassistenci	30,000	0,958	2,7
TOTAL				81,4

**APÊNDICE F - Modalidades (ou categorias) suplementares que são importantes
para a caracterização do eixo 1 (Gráfico 1)**

Par les modalités illustratives			
Libellé de la variable	Libellé de la modalité	Poids	Coordonnée
P14	Fazer curso técnico	21,000	-0,761
P14	*Réponse manquant	20,000	-0,564
P20	0 livros	22,000	-0,552
Religiao	Evangélica e Cristã	51,000	-0,535
Escolaridade_Resp_Masc	Ensino Fundamental	61,000	-0,412
ZONE CENTRALE			
P15g	livros+	76,000	0,466
Prof_Resp_Masc	Superior econômico	16,000	0,488
P15b	teatro+	14,000	0,494
Religiao	Espírita e Budista	15,000	0,567
Escola	PAR2	36,000	0,668
Renda_Fam	Acima de 10 SM	15,000	0,695
P20	50 livros ou mais	18,000	0,756

APÊNDICE G - Modalidades (ou categorias) ativas que contribuíram acima da média para a conformação do eixo 2 (Gráfico 2)

Par les modalités actives - Contribution moyenne 2.13%				
Libellé de la variable	Libellé de la modalité	Poids	Coordonnée	Contribution
P49	=dominacaocomunis	17,000	-1,592	12,0
P41	=cadeia18	40,000	-0,982	10,7
P44	=inversaodevalores	79,000	-0,564	7,0
P35	=xenofobia	48,000	-0,525	3,7
P29	presidentetecnico	43,000	-0,475	2,7
ZONE CENTRALE				
P48	-meritocracia	92,000	0,321	2,6
P44	-inversaodevalores	53,000	0,433	2,8
P29	presidentelider	34,000	0,497	2,3
P41	+cadeia18	61,000	0,540	5,0
P29	presidenteassistenci	30,000	0,623	3,2
P34	-presidiosinadequad	45,000	0,792	7,9
P43	+intervencaomilitar	24,000	0,830	4,6
Candidatos	Marina Silva	7,000	1,183	2,7
P30	-programassociais	13,000	1,538	8,6
TOTAL				75,8

APÊNDICE H - Dendrograma de conformação dos clusters

